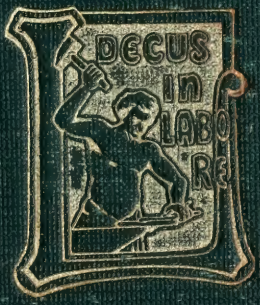
3 1761 05610067 0

COELHO NETTO

O morto



Coelho Netto

COELHO NETTO

Nasceu em Caxias (Maranhão) em 20 de Fevereiro 1864.

E' hoje o prosador mais illustre do Brazil. A sua obra triumpha pela sua belleza e pela sua opulencia, é das mais applaudidas e enraizadas. Nos seus livros ha sempre um escriptor millionario, cuja prosa lembra um thesouro inexhaurivel de pedras preciosas. Na sua obra fecunda e admiravel, ha phantasia, piedade e ardor. Na galeria das suas figuras passam algumas maravilhosamente esculpidas. Não é um mero analysta, apesar de excelso: o pintor é magnifico e o poeta vae cantando, na propria abundancia e graça da sua flora, maravilhosamente d'oiro e sangue! Grande romancista e inegualavel contista, tem artigos de critica, phantasia, ritornellos e balladas, toda a escala chromatica, resplandecente e poetica d'um escriptor de raça, laborioso e forte. Hoje a obra de Coelho Netto é conhecida em todos os recantos onde se falla a lingua portugueza, graças ás edições lançadas no mercado pela Livraria Chardron.

COELHO NETTO

Sertão, 2.ª edição, 1 vol. br. 600, enc. 800
A Bico de penna, 1 vol. br. 700, enc. 900
Agua de Juventa 1 vol. br. 700, enc. 900
Romanceiro, 1 vol. br. 500, enc. . . 700
Theatro, volume II, br. 400, enc. . 600
Fabulario, 1 vol. br. 500, enc. . . 700
Jardim das Oliveiras, 1 vol. br. 500, enc. 700
Esphinge, 1 vol. br. 600, enc. . . 800
Quebranto, theatro, Vol. IV, 1 vol. br. 500, enc. 700
Miragem, 2.ª edição, 1 v. br. 600, enc. 800
Inverno em Flor, 1 vol. br. 700
Theatro, volume I, 1 vol. br. . . 800
Morto, 1 vol. br. 600
Apologos, 1 vol. br. 500
Mysterio do Natal, 1 vol. br. . . . 500
O Bonzo, 1 vol. br. 600
Rei Negro, 1 vol. . . . . no prélo

No prélo. — A seguir em novas edições.

Capital Federal . . . . . 1 vol.
O Rei Phantasma . . . . . 1 vol.
O Paraiso . . . . . 1 vol.
O Rajah de Pendejab. . . . . 2 vol.
A Conquista . . . . . 1 vol.
A Tormenta . . . . . 1 vol.
O Turbilhão . . . . . 1 vol.

JOÃO DO RIO

Cinematographo (chronicas cariocas) 700
Frivola-City . . . . . 1 vol.

SYLVIO ROMERO

Discursos, 1 vol. br. 600, enc. . . 800
Martins Penna, 1 vol. br. 400
America latina, 1 vol. br. 500, enc. 700
Provocações e Debates, 1 vol. br. . 800

OSORIO DUQUE-ESTRADA

O Norte do Brazil 1 vol. br. 600, enc. 800

PURCHASED FOR THE

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

FROM THE

HUMANITIES RESEARCH COUNCIL
SPECIAL GRANT

FOR

BRAZIL COLLECTION

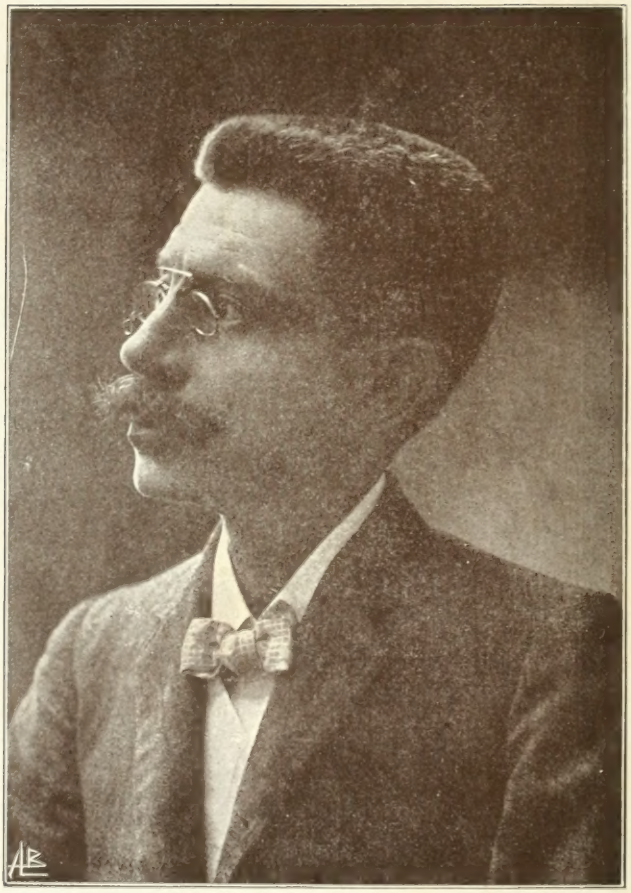
O MORTO

DO MESMO AUCTOR

Esphynge, 1 vol.	600
Sertão, 1 vol.	600
Agua de Juventa, 1 vol.	700
A bico de penna, 1 vol.	700
Romanceiro, 1 vol.	500
Jardim das Oliveiras, 1 vol.	500
Fabulario, 1 vol.	500
Miragem, romance, 1 vol.	600
Theatro, vol. 1.º, 1 vol.	800
Theatro, vol. 2.º	400
Quebranto (Theatro), vol. 4.º	500
Apologos, 1 vol.	500
Mysterio do Natal, 1 vol.	500
Inverno em flor	700
O Bonzo	no prélo
Rei negro	»

No prélo, a seguir em novas edições:

O Rei Phantasma	1 vol.
Capital Federal	1 vol.
O Paraiso	1 vol.
O Rajah de Pendejab	2 vol.
A Conquista	1 vol.
A Tormenta	1 vol.
O Turbilhão	1 vol.



Coelho Netto

Coelho Netto

O MORTO

(MEMORIAS DE UM FUZILADO)

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144
1912

O «accordo» assignado no Rio de Janeiro em 9 de Setembro de 1889, entre o Brasil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas Bibliothecas nacionaes, de Lisboa e Rio de Janeiro.

PORTO — IMPRENSA MODERNA

I

Meu verdadeiro nome é Josephino Soares. A razão do incognito que eu trouxe, durante mezes, juntamente com uma viçosa barba ruiva, que repontou em meu rosto com a exuberancia de um sarçal bravio em terras esquecidas, o leitor achará nestas paginas simples, que vagarosamente escrevi á sombra de arvores, em remoto desterro, emquanto a metralha arrasava a terra hospitaleira onde, numa tarde tepida de Junho de 1863, meu pai celebrou, contente, o natal do seu primeiro filho, que sou eu.

Nasci miudo e fraco nas mãos de minha tia Manuela, entendida em partos e em compotas, e. tão fino era o fio da minha vida que, para chorar, foi necessario que a solicita senhora me assistisse com a mão direita em certo ponto sensivel. Ao meu primeiro grito agudo as lagrimas saltaram

dos olhos de minha mãi, de alegria e de pena, por vêr-me com vida, mas esperneando, roxo das palmadas crueis com que me activaram as energias entorpecidas. Mergulharam-me, em seguida, num banho esperto, no qual meu pai derramou copiosamente meia garrafa de vinho do Porto e minha tia espargiu um papelucho de canella em pó.

Os pannos que me envolveram não eram de custo, nem rendas caras embellezaram o berço de vime que mamãi, mesmo do leito onde ficou a caldos durante quarenta dias, embalava, cantando docemente as descidas da Virgem á beira d'agua para lavar as fraldas de Jesus, emquanto minha tia ordenhava a cabra que me criou rijo e sadio, tornando-me, em menos de um anno, um rapagão travesso e bello como Jupiter, quando repelliu, saciado, as tetas de Amalthéa.

Minha vida infantil foi como a de todas as crianças: engatinhei, andei, baptisei-me (meu padrinho foi Tiberio Castro, da alfandega; minha madrinha foi a tia Manuela) tive a coqueluche, o sarampo, esfolei-me varias vezes vindo abaixo de goiabeiras e de muros e, aos sete annos, depois de uma febre que me poz os olhos fundos e magro como uma quaresma, com um sacco de brim a tiracollo onde mamãi, chorosa, mettera a lousa, uma carta e um pão de rala barrado de

manteiga, segui para o collegio Mourão, num velho predio tenebroso e humido da rua do Hospicio.

Sumido debaixo das abas da rabona paterna espiei o mestre, homemzarrão estrabico, de barbas densas, hispidas e negras, como as de um propheta, pulso guedelhudo e forte de camponio. Não ouvi o que disse, mas lembro-me ainda hoje, com pavor, do olhar terrivel que lançou de muito alto sobre a humildade da minha pessoa engelhada e tremula, fazendo-me pensar na historia do Pequeno Pollegar e do gigante, que mamãi contava para distrahir-me nos serões pacatos.

Foi uma luta tremenda para arrancarem-me das abas da rabona paterna: promessas, ameaças, a tudo eu respondia com chôro, esperneando, berrando, mas... que havia eu de fazer diante do possante mestre? Agarrou-me e eu apenas ouvi estas phrases: «Puxe por elle... Puxe por elle, Sr. Mourão, e, quando fôr preciso...» e a porta envidraçada bateu. Meu pai partira.

Fungando, banhado em lagrimas, quasi arrastado pelo mestre, entrei no immenso salão da aula, onde havia um sussurro como o dos bambuaes farfalhando ao vento. Era um viveiro de crianças. Sentados em compridos bancos, diante de estiradas carteiras pintadas de negro, os peque-

nos falavam, cochichavam, riam e, quando entrei, todos os olhos curiosos voltaram-se para vêr-me. O mestre recommendou-me a um rapazinho que me levou, por entre a criançada, para um dos primeiros bancos. Sentei-me, abri a carta, mas a minha attenção perdia-se, distrahida em exames curiosos. Olhei para todos e para tudo. Nos ultimos bancos havia homens, alguns barbados. Um, principalmente, surprehendeu-me: amulatado, bexigoso, feio, usava oculos e, durante toda a aula, esteve a arrepellar o cavaignac: mais tarde vim a saber que se chamava Tinoco e que empacara nos verbos. Os monitores temiam-no porque era forte e entendia de capoeiragem; o proprio mestre, a pretexto de que elle era um homem «de barba na cara», dispensava-o da palmatoria, mas, á boca pequena, confessava-se que elle não lhe batia de medo.

Por baixo dos bancos balançavam-se perninhas nuas, mordicadas, escalavradas; pés descalços, sujos da lama das sargetas, esfregavam-se; e tamanquinhos juntos, aos pares, faziam filas ao longo das carteiras. Mas havia meninos limpos, bem calçados, bem vestidos; um delles trazia, com orgulho, relogio e corrente.

Nas paredes estiravam-se dilatados mappas e sobre a mesa do mestre um globo immenso mos-

trava as grandes aguas e as terras vastas do mundo.

Quando me sentei entre um crioulinho e um rapazola sardento, de cabeça raspada, logo um elastico esticado estalou-me na orelha esquerda. Um grito fugiu-me, cabeças encolheram-se, houve riso, ameaçaram-me; mas o mestre bradou num trovão, batendo sobre a mesa com a regoa.

Cahiu um grande silencio, mas espirraram risinhos aqui e ali e, não sei porque, o forte Mourão ergueu-se pronunciando um nome. Uma vozinha chorosa balbuciou: «Não fui eu! Não fiz nada!» mas o mestre insistiu. Voltaram-se todos, voltei-me tambem. Um pequeno, choramigando, passava de esguelha entre os companheiros, esfregando as mãos, resmungando. Eu o vi chegar diante da mesa e logo um estalo e um grito partiu do estrado do mestre. Contei seis, mas os gritos agudos do pequeno fôram dominados pelo estridulo vibrante de uma corneta e passos fortes soaram na rua. Dedos rufaram nas carteiras e o crioulo, baixando a carapinha sobre a carta, começou a cantarolar: Ta, ra, ta ta tó! to, to, ro, to, tó! Depois foi um realejo que veiu gemer fanhosamente e com guinchos perto das janellas; em seguida um vendedor de melado, vozeirando, cantarolando, a chamar crianças. E tudo era pre-

texto para risadas. Alguns pequenos ficaram de joelhos, outros de pé nos bancos, os braços abertos como crucificados; e o crioulo, dissimulado, arrulhava como pombo, miava como gato ou imitava italianos, numa algaravia gemebunda e comica.

A hora da taboada foi uma folia. Emquanto cantarolavam com furia, num diapasão tremendo: «um e um — dois; dois e dois, quatro», beliscões ferviam, estalavam elasticos; outros, no rumor do canto, diziam obscenidades, insultavam o mestre, que ouvia o grande córo de sommas carrancudo, a barba nos punhos, virando e revirando os olhos tortos. Eu, atordoado, entoei com os companheiros idiotamente, arrastado pelo rythmo. De quando em quando o cotovello do sardento, que soprava um *pica-páu* na unha, batia-me no ventre, ou o elastico vinha estalar-me na orelha, de sorte que foi com uma inenarravel alegria que me levantei para cantar uma reza com que nos despedimos do mestre.

A saluda, o feroz Mourão, o sobrecenho carregado como um juiz que presidisse um grave pleito, distribuia as turmas, primeiro os maiores: abrindo a marcha o Tinoco, que passava gingando, os livros escondidos no bolso amplo do casaco, o cigarro já prompto, entre os dedos.

Na rua, a criançada trefega, fervilhando, espalhava-se com um vozerio atroante: eram gritos, gargalhadas, assobios. Rusgas resolviam-se: os adversarios enfrentando-se atiravam os chapéus aos portaes, miravam-se com furia e, incitados pelos que os cercavam, arremettiam ferrando-se a murros; ás vezes, agarrando-se pelos cabellos, lutavam atirando ponta-pés, até que ambos rolavam engalfinhados, rosto contra rosto, rilhando os dentes.

O vencido, além das bordoadas e das nodoas nas roupas, partia choramigando, perseguido pela vaia dos companheiros, que o levavam até longe; o vencedor, á frente do grupo, purpureo e roto, de quando em quando atirava um novo desafio, saltando para o meio da rua, com grandes e desempenados gestos, o chapéu derreado para a nuca. A's vezes, quando as lutas travavam-se perto do collegio, um robusto criado de Mourão acudia, succedendo irem os brigões aplacar a furia nas cafúas, onde ratos chiavam como em palheiro.

As quitandeiras, á hora da sahida, postavam-se ás portas para defender os taboleiros, e um velho italiano, sapateiro, mal soava em S. Francisco a primeira badalada do meio dia, arrastava um mocho para o batente e, de tira-pé em punho, defendia botinas, chinelas e tamancos. Forma-

vam-se grupos ameaçadores diante da casa do pobre homem que, um dia, desesperado, para repellir o ataque, poz-se a atirar fórmas sobre os sitiantes, ferindo um delles, facto que lhe valeu uma dormida no xadrez proximo e, no dia seguinte, um tremendo assalto da pequenada, presidida pelo Tinoco que chegou a abrir uma navalha. Felizmente pedestres acudiram e o bando dissolveu-se, sem que o valente Tinoco, impenetravel aos verbos, pudesse raspar as barbas do *carcamano*, como promettera.

Confesso que tive vontade de sahir entre o crioulo e o sardento para a pagodeira da rua mas... a rabona de meu pai lá estava, por trás da porta envidraçada, á minha espera.

Minha mãi recebeu-me com beijos e com um saboroso prato de tapioca e, á tardinha, na soleira da porta do quintal, a cabeça no seu collo, acariciado pelos seus dedos que desembaraçavam os meus cabellos louros, femininamente longos, emquanto meu pai regava uma banqueta de cravos e titia preparava as torcidas dos lampeões, fui contando todo o meu dia de estréa collegial: os terrores, a perversidade dos elasticos que me puzeram a orelha esquerda escarlate e dorida, o *ta, ra, tá* do crioulo, os bolos do outro. Descrevi a sala, o mestre, os companheiros, não esquecendo o do

relogio e os que soffreram castigos, e por ultimo o Tinoco, que apresentei como um forte, capaz de fazer frente a um batalhão. E dormi regaladamente, depois de ter soletrado os nomes da minha lição, rindo muito dos pequeninos pontos luminosos que as grossas lentes dos oculos de minha tia projectavam na pagina da carta.

Tres dias depois da minha entrada, já familiarisado com o crioulo, que se chamava Constancio (hoje musico num regimento de cavallaria), fui chamado pelo mestre e as mãos ficaram-me altas e vermelhas, ardendo-me como se nellas houvessem applicado sinapismos. E isso porque, em resposta ao sardento, que usára commigo de uma linguagem vil, festejando-me indecorosamente por causa das minhas tranças, cravei-lhe com força uma penna no braço magro, depois de o ter ameaçado com o bengalão pesado de meu pai. Contei, chorando, o caso a Mourão, e o mestre, longe de ser por mim, brandiu a palmatoria dizendo enojado:

— Que aquillo mesmo não era decente... andar um homem com um rabicho daquelles, amarrado de fitas.

Mamãi vendo-me de mãos inchadas, soluçou, excitada de odio, bramando contra a crueldade:

— Que aquillo não eram modos de se bater numa criança.

Eu ria, formando sobre a mesa soldadinhos de chumbo e, por entre beijos, pedi á mamãi que me mandasse cortar o cabello, contando-lhe miudamente e sem malicia o escandalo que as minhas lindas tranças haviam provocado. Ella córou, mas ainda assim não teve animo de permittir que um cabelleireiro arranjasse-me a cabeça de modo que outro menino qualquer não me sahisse com a mesma leria com que o sardento, a troco de seis pennas novas, ousára offender a minha candura. Do meu leito ouvi os soluços maternos e os resmungos de meu pai no quarto proximo, mas o somno venceu-me...

Na manhan seguinte disseram-me que eu não voltaria mais ao Mourão.

II

Dias depois levaram-me para um collegio de Matacavallos, dirigido por um francez já velho, rheumatico, que bebia. A casa era pobre e havia ao todo dezoito meninos. Bom homem, M. Deschamps, paternal e brando com todos. Muitas vezes durante as aulas, na alegria das manhans de sol, que os canarios enchiam de um sonoro gorgeio, elle contava guerras, infundia-nos no coração um grande odio á Allemanha fria e erguendo-se, as farripas alvoroçadas, os olhos fuzilantes, apontava para um cajazeiro que ensombrava o pateo de recreio, dizendo que ali estava a França, a grande França maternal, ensanguentada e faminta, gemendo sob as patas dos cavallos dos uhlanos. E lagrimas sinceras borbulhavam por trás dos oculos, escorrendo-lhe pela face velha, como gottas de chuva por uma muralha em ruina.

Mas havia dias terriveis quando o vinho o excitava: tornava-se bruto, praguejava, ameaçava matar, expulsava meninos, forçando-os a ficarem de pé, no pateo, a cabeça núa, ao sol, até que um dia um rapazito, duramente insultado, atirou-lhe á cara um diccionario, deitando a fugir, com uma surriada de nomes. M. Deschamps chorou, queixou-se da ingratidão e suspendeu a aula para ir applicar pannos embebidos em arnica sobre a fronte, onde o «Fonseca» deixara uma protuberancia denegrida. Deixei tambem esse collegio, e, em um anno, corri tres outros, sendo o ultimo o dos frades de S. Bento.

Foi nesse mosteiro, de solidas e vetustas arcadas, com uma igreja resplandecente de ouro, lageado de lapides sobre cujos epitaphios batiam profanamente, com um surdo rumor, os sapatos de trezentos estudantes, que aprendi os primeiros rudimentos da grammatica e as orações que sei para retemperança d'alma nas horas de desalento.

Quando havia festas, davam-me uma opa e um cirio e eu penetrava no templo, vagaroso, marchando com solemnidade, a cabeça alta, acompanhando os frades que cantarolavam psalmos ao som cavo e gemente do orgão; e do alto, no coro, illuminado pelo sol magnifico do estio que entrava pelos olhaes abertos nas muralhas grossas,

em duas fachas polvilhadas de ouro que desciam sobre as cabeças dos fieis, cantores respondiam num solemne e mysterioso unisono, que parecia vir de muito longe, do céu, que meus olhos infantis buscavam, numa ancia de liberdade e de folga, porque lá fóra, no campo fronteiro, murado, como um terra-pleno vasto de castello, de onde se olhava a cidade e o mar sereno, rutilo ao sol, a criançada corria, rolava na herva, aos gritos, jogando a *barra*.

O sino, de espaço a espaço, dobrava com lentidão, e eu ficava ali, numa somnolencia molle, os olhos na chamma tremula do meu cirio, alheio a tudo, suando, nesse ambiente abafado onde ardiam centenas de outros cirios, enfumado pelos thuribulos, cheio do cheiro azedo da multidão que se apinhava, numa massa compacta, ondulante, até á portaria, rumorejando com um escachôo d'aguas, quando se erguia ou quando se ajoelhava.

Ao fim da cerimonia os sinos bimbalhavam em repique festivo, o orgão soava gloriosamente, num crescendo que enchia todo o mosteiro soturno, passava ao campo e perdia-se; espoucavam foguetes e eu sahia lassamente acompanhando os frades. O meu cirio pingava sobre o tapete grossas lagrimas e, emquanto a multidão esbaforida ia

escoando com borborinho, eu penetrava na sacristia pensando na refeição monastica, farta e apetitosa, na grande sala, de largas janellas abertas para o mar por onde, ás vezes, andorinhas entravam com um ruflo de azas circulando a mesa extensa, assustadas, trissando, até que partiam para o grande azul, rapidas como pelotas brandidas, em rumo aos mares.

Hoje, talvez, fôsse eu o medico de mais clinica entre damas, porque o meu grande desejo, em pequeno, era ser parteiro, um grave parteiro, de oculos e barba á ingleza como o Dr. Costa Garcia, da rua Larga, que tinha no escriptorio fetos encolhidos, enrugados, como de borracha, dentro de bojudos frascos, se meu pai não tivesse apparecido, uma manhan, duro e frio no leito, a boca aberta escorrendo espuma, a cara manchada de roxo, os olhos opacos, vitreos, parados numa fixidez de espanto. Um medico, chamado á pressa, constatou: apoplexia.

Mamãi custou a acreditar na morte e largo tempo, debruçada sobre o corpo amado tomando-lhe a cabeça nos braços, chamou-o, com gritos desesperados; mas minha tia, com serenidade heroica, buscando palavras de resignação no seu abastecido espirito religioso, arrancou-a do quar-

to acabrunhada, flaccida, numa grande crise de choro.

A visinhança invadiu a casa, até pessoas desconhecidas entraram curiosamente, indagando. Meu padrinho, chamado, appareceu silencioso, falando baixo, commovido, e, empurrando a porta, penetrou no quarto devagarinho como quem vai surprehender um crime. Mamãi, ao vêl-o, desatou em choro forte e, muito tempo, abraçada com elle, falou do morto e do grande bem que lhe queria.

Meu padrinho, desconsolado, meneava a cabeça calva, de um leve amarello de marfim antigo. E quiz saber como fôra a desgraça e eu então, do meu canto, ouvi de mamãi: «Que nem ella sabia. Elle recolhera-se alegre, sem queixa; fumara e, até 11 horas, tivera a vela accesa, lendo *Os tres mosqueteiros*.

A morte fôra repentina e serena porque, se elle houvesse feito o minimo movimento, se tivesse gemido, ella, com o somno que tinha, leve como o de um passarinho, por certo teria despertado; mas... nada! Só de manhan, como o não visse levantar-se para o banho, chamara-o, «até brincando» sacudira-o, dando então com elle já rijo, a boca aberta, cheia daquella espuma». Meu padrinho encarregou-se do enterro.

O cadaver, hirto, esticado, passou o dia e a noite na mesa da sala de visitas, cercado de velas, com um crucifixo entre as mãos cruzadas e engelhadas, como se tivessem sahido de um prolongado mergulho em agua fria. Mamãi, succumbida, suspirava, sentada no sofá, os olhos macerados do pranto. Titia e D. Brigida, uma visinha, iam e vinham, em pontas de pés, com segredos, recebendo as visitas, que abraçavam mamãi, que me abraçavam a mim, com um sussurro de sentimento.

Andei pela sala, em torno do cadaver, até ás 11 ½ da noite. Na minha cama haviam deitado crianças, e eu então, furtivamente, passei ao quarto da titia e, como o seu leito virginal estivesse carregado de capas e de chales, encolhi-me sobre um bahú, dormindo profundamente até ás 7 da manhan.

O enterro foi ás 10 horas; chovia. Quando começaram a bater os pregos do caixão, mamãi, que havia sido levada em braços para o quarto, irrompeu na sala, aos gritos, forcejando para livrar-se das senhoras que a seguravam, os cabellos desgrenhados, chamando o morto. Eu, aterrado diante daquelle immenso desespero, recuei para o vão de uma janella, mas quando tomaram o caixão senti uma afflicção estranha; era como

se me arrancassem alguma coisa do peito, como se o meu coração viesse subindo, subindo e me ficasse na garganta engasgando-me, suffocando-me. Encheram-se-me os olhos d'agua e rompi a chorar com angustia, procurando os braços de minha tia que tambem chorava. A porta abriu-se com um rangido secco, passos farfalharam e, quando levantei a cabeça do collo de titia já o caixão havia sahido.

Rodaram carros e um grande grito agudo atravessou o silencio funebre — era mamãi que havia corrido para a porta e tombara no chão estrebuchando, ás gargalhadas, o rosto todo molhado como por um suor de agonia.

A casa ficou numa tristeza pesada e tresandando á cêra como uma sacristia, cotos de velas rolavam pela mesa e, lamentoso e funebre, o *Palhaço* miava farejando os cantos como se procurasse meu pai que costumava tomal-o ao collo, afagando-lhe o dorso que elle encurvava voluptuosamente. Ficámos em completa miseria e com dividas; eu tinha quatorze annos e tres preparatorios. Mamãi e titia, num commum esforço, quizeram que eu levasse a termo os estudos — coseriam para lojas, para o arsenal, fariam doces e eu, logo que pudesse, annunciaria lições, tomaria discipulos, mas repugnava-me viver do trabalho das duas

senhoras, mamãi então, coitada! sempre com accessos de asthma. Parecia-me uma covardia, um parasitarismo torpe, e recusei, propondo, para consolação de ambas, empregar-me como caixeiro, estudando á noite para concluir o curso.

III

Instaram commigo, mas insisti na recusa e foi meu padrinho quem me arranjou em casa de Luiz Farinha & C.ª, commissarios de café. na rua dos Pescadores, onde comecei ganhando 30$000 por mez. A não ser José Duarte, um gordo, que fazia romances e epigrammas, todos os meus companheiros queriam-me. O proprio Luiz Farinha, severo e carrancudo, falava-me com brandura. Um dia até passou-me a mão pela cabeça tratando-me intimamente por «*Seu lourinho*».

Logo nos primeiros dias fiz amizade com o guarda livros Figueira que, por interessar-se por mim, sobrecarregava-me de trabalho a pretexto de que o talhe da minha letra era elegante e desembaraçado. Das 8 da manhan ás 5 da tarde, debruçado á carteira, eu redigia cartas no estylo sobrio do commercio: «Accuso o recebimento do

vosso estimado favor de tantos» ou «Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. S....» emquanto José Duarte, gordo e suado, bufando de calor, as mangas da camisa arregaçadas, desnudando roliços e velludos braços, decifrava charadas ou ia subrepticiamente levando por pomares, «virgens de olhos castos, da côr do céu», para entrevistas devassas com Alvaros e Reginaldos.

E tudo isso de idyllios e de immundos contubernios era sempre temperado com os gorgeios de uma patativa opportuna que escancellava o bico entre a folhagem do arvoredo, cumplice dos taes amores languorosos.

N' noite, no quarto pobre da nossa casa á rua da Saude, eu folheava grammaticas, volumes de historia, mas derreado de fadiga, a cabeça atordoada com as cifras, sempre a ouvir, como um éco insipido, as formulas: «Accuso o recebimento do vosso estimado favor de tantos» ou «Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. S....» atirava-me á cama e, ás vezes, com a vela accesa á cabeceira, o livro aberto sobre o peito, adormecia profundamente, sem sonhos.

O mar, desde os meus annos mais tenros, foi sempre o grande encanto dos meus olhos. Meu pai costumava levar-me ao Passeio e, do terraço,

alongando a vista pelas aguas extensas, mostrava-me o caminho por onde havia entrado o paquete que o trouxera do Norte, menino ainda. E falava das lentas viagens entre aguas e céus, na solidão melancolica do oceano, onde só o espirito de Deus acompanha o viajante. Contava-me a vida monotona de bordo, os receios que assaltam os corações quando um rebojo mais forte da onda livre faz o navio jogar como uma rede balançada com força; e nas visinhanças de terra, quando a aragem morna traz um vago perfume de florestas, as jangadas que passam, uma grande vela pojada, o jangadeiro encolhido, o cachimbo nos beiços, sumindo-se, ás vezes, como se naufragasse, por trás de um vagalhão grosso que vem rolando, sem bulha, como a onda que o vento faz numa cortina.

Eu ouvia com uma grande vontade de transpôr a barra, de sahir para essa vastidão de onde vinham pesados vapores e brigues ligeiros, que, ao cahir da tarde, á luz suavissima e terna do crepusculo, entravam procurando o calmo abrigo da bahia, como o gado, nos campos, chega vagarosamente, mugindo, para as cercanias do curral. E sombras cahiam; o céu assetinado, de um brilho de jaspe ceruleo, esbrazeava-se todo para os lados do occaso como uma coivara, e as estrellas

que apontavam pareciam fagulhas espirrando do incendio.

Meu pai, os cotovellos fincados na balaustrada, calava-se; eu calava-me, com os olhos nos montes que ennegreciam. Em torno de nós crianças brincavam, mocinhas riam, grupos chalravam numa viva expansão. Na folhagem chiavam cigarras, e sons de musica, em distancia, davam um tom jucundo de kermesse áquelle perpassar de gente pelas alamedas, á beira dos lagos onde nadavam cysnes alvos. A lua, de uma ineffavel brancura, subia no céu, com a lentidão de um brigue que se faz ao largo, e no mar, espelhento e tranquillo, uma esteira de claridade alastrava tremula.

Essa paixão de romantico accentuou-se com a idade. Toda a minha ambição resumia-se num desejo simples e facil: viajar. Para saciar-me aos poucos, aos domingos vestia-me com apuro, e só, ou com algum companheiro, atravessava a bahia no tombadilho das barcas, sorvendo, com avidez, o ar salitrado e fresco que soprava enfunando velas de escaleres, e ia olhando de perto, com uma curiosidade aguda, os formidaveis couraçados, os grandes cruzadores com os seus canhões espichados nas portinholas. A's vezes soavam toques de corneta, muito finos e tristes no silencio e na pla-

cidez da tarde meiga, e marinheiros subiam pelos cabos, com destreza, como grandes aranhas negras.

Que de pensamentos me nasciam então! O que eu sonhava vendo todos esses navios: naufragios, batalhas ou pacificas travessias pelos mares de além, amanhecendo diante de praias alvas, que subiam para cidades maravilhosas, onde elephantes pesados caminhavam carregados de escravas núas, por entre palacios de marmore e templos cheios de deuses e de bailadeiras, como nas historias orientaes que ouvira em criança.

A' noite iamos aos theatros, ás cervejarias, ao bilhar, ou percorriamos as ruas alliciando companheiros para enfezar o mulherio, bradando ás janellas, empurrando as portas, numa estroinice bulhenta e devassa. Eu ia, mas sem prazer, solidario por camaradagem, imitando os mais. Nos theatros eram as vaias, as troças de um lado a outro das torrinhas, e, quando entravam as mulheres, eu cahia numa contemplação voluptuosa a olhar as fórmas carnudas que o *maillot* apertava, e sonhava amores nos braços de quantas princezas e fadas appareciam casquinando canções, sarapintadas e lubricas. Mas o meu grande prazer era o bilhar, deixava-me estar, ás vezes, até 11 horas carambolando e engolindo copos de cerveja,

em mangas de camisa, suado, muito orgulhoso dos meus calculos e dos effeitos infalliveis do meu taco.

Seduziam-me tambem os grandes nomes. Um domingo, a convite do guarda-livros Figueira, um exaltado, fui parar á porta do Polytheama, onde havia um grosso populacho insoffrido, a bradar. Entrámos e foi então que ouvi, pela primeira vez, os oradores da propaganda abolicionista e applaudi-os, com enthusiasmo, contendo lagrimas quando, já senhores do auditorio, elles desciam á narração commovente da vida do escravo, na tristeza continuada da miseria e do supplicio. Sentia-me forte e por certo teria sido o primeiro a alistar-me na phalange dos defensores da raça opprimida, se um dos tribunos, como o frade de Amiens, tivesse chamado ás armas, para a campanha santa, os que o ouviam e applaudiam.

Luiz Farinha, a primeira vez que me falou com severidade, foi justamente quando me ouviu gabar, com delirio, um dos oradores do Polytheama. Teve uma phrase dura e quiz saber «se eu tambem era arruaceiro como essa *corja* da abolição». José Duarte rompeu a rir, os outros riram, só o Figueira disse-me baixinho, esticando o queixo agudo:

— Que não me importasse com o *pança!*

Deixasse falar o *pança!* E, escrevendo, soprou-me:

— Que a abolição havia de fazer-se, custasse o que custasse.

Quartorze annos correram morosamente, monotonamente; a palha do meu banco já havia sido substituida tres vezes, quando, com a morte de Figueira, Luiz Farinha entregou-me a escripta da casa, dando-me, com uma serie de conselhos, um pequeno interesse. José Duarte, sempre lyrico, abalara com a filha de um ourives e fôra lavrar a terra de S. Paulo. Poucos restavam dos meus antigos companheiros: uns, levados pela ambição, haviam sahido estabelecendo-se, como o mirrado Augusto que abriu uma charutaria, suicidando-se dois annos depois, num sotão de hospedaria, com um tiro. O Salomão fez-se pintor, não podendo viver naquelle «meio», sempre a lidar com guias, mettido num valle de saccas que tresandavam. Apenas eu e Rodrigues, um ilhéosito pertinaz, continuamos ao lado da firma com tenacidade e esperança. Outros vieram depois.

Mais desembaraçado fiz cessar em casa o prurido das machinas de Singer e mamãi e titia repousaram merecidamente, em arejado sitio, com agua e arvores em torno, no Andarahy, onde aluguei um chaletzinho modesto, mas viçosamente

florido, farto de bogarys e de rosas. Ahi começou para mim a grande e regalada paz da fortuna e datam desse admiravel canto de verdura e de flôres os meus primeiros namoros. Mas o meu bem estar perfeito, a segurança do meu futuro calmo e abastado não veiu senão em meiados de Dezembro de 1892, num fim de tarde branda, sob a galhada de uma mangueira, na chacara de Luiz Farinha.

IV

Foi em Junho de 91, numa tarde fria de Santo Antonio que, pela primeira vez, penetrei no salão de Luiz Farinha. A casa de residencia do meu digno patrão, edificada sobre uma altura, tem o aspecto nobre e severo de um solar antigo com os seus torreões de agulhas, com setteiras, por onde a todo instante estão a entrar e a sahir inquietas andorinhas; resguarda-a do sol a folhagem altaneira e densa do arvoredo. Cerca-a um grande jardim de concavos taboleiros verdes e as rosas que lá florescem são as mais bellas que tenho visto.

Luiz Farinha, no seu terno de brim branco, os pés mollemente calçados em macias chinelas de tapete, familiarmente, com intimidade quasi paternal, andou commigo por meandros, em volta d'aguas dormentes, mostrando-me especies raras que o jardineiro nomeava com sabedoria. Já eu era interessado e responsavel pela escripta da ca-

sa, quando isso foi, e faço derivar desses factos a bondade amistosa do tratamento que me dispensou o capitalista sisudo.

Do que vi nesse magnifico e socegado canto, o que mais impressão deixou no meu espirito fôram os olhos incomparaveis, os lindos olhos azues da menina Annalia, filha unica do casal.

Franzina e loura, de um louro suave como o das santas que vêm nos quadros religiosos, com uma voz flebil e compadecida, tão meiga que, quando falava, parecia sempre que nella havia uma grande pena, uma doce e humilde misericordia por mim, pelas flôres, pelo céu, pelas aguas tristes, por tudo emfim, a que se referisse com a melodiosa e languida palavra da sua boca pequena e vermelha.

Luiz Farinha não m'a apresentou, mostrou-ma: «Êsta é minha filha, a que me ficou...» E, passando-lhe o braço gordo pela cinta, attrahiu-a carinhosamente e beijou-a. «Êste é o Josephino», disse, numa expansão de ternura, ajuntando, com ironia: «o republicano.» Isto foi bastante para que nos apertassemos as mãos. Senti a polpa delicada daquella carne moça e não tive animo de apertal-a, com receio de triturar-lhe os dedos frageis.

A menina Annalia andou comnosco mostrando-nos flôres e foi ella quem se lembrou do vi-

veiro, levando-nos por um caminho alfombrado para o lugar das aves; mas já o passaredo empoleirado dormia, só um casal de pombos, muito junto, mariscava com arrulhos de amor. Eu esfregava as mãos, vexado e, sempre que encontrava os olhos azues da menina, sorria e corava. Luiz Farinha, entretido com os bichos, não dava por nós. Recolhemo-nos.

A senhora, gorda e pesada, tratou-me bondosamente: apresentou-me ás visitas, empanturrou-me, poz-me á vontade... mas tão longe dos olhos azues que eu, durante o jantar, só uma vez os fitei e, dessa vez, ambos corámos.

Depois do café palestrou-se na varanda. A' noite houve fogos e musica. Ao piano succederam-se senhoras e um cavalheiro flaccido cantou, com uma grande voz retumbante, uma romanza de sentimento. A menina, sempre com os olhos cheios de uma nevoa de sonho, interpretou Mendelssohnn. Foi essa a minha primeira noite de insomnia. No dia seguinte, no escriptorio, cabeceei sobre os livros e fiz, com alambicados termos, umas quadras apaixonadas.

Dessa noite feliz em diante, era raro o domingo em que eu não subisse para os lados da Gavea, muito perfumado e com uma noticia para commentar entre as arvores veneraveis do parque

do patrão. E ficava até tarde, num estado suave de sonho, ouvindo musica, trocando olhares abrasados. Um dia, emfim (floriam os jasmineiros), achámo-nos, por um feliz acaso, a sós. Luiz Farinha sahira um momento para buscar um album de vistas portuguesas; a boa senhora, estirada em uma cadeira de vime, animava o gato e eu tive a audacia de falar á Annalia. A face, de uma cutis fina e pallida, ensanguentou-se-lhe e toda ella estremeceu, vibrada, baixando a cabeça, sem uma palavra. Insisti com audacia e ia aventurar uma pergunta, quando o patrão pigarreou no corredor. Encolhi-me disfarçado, cofiando o bigode, os olhos ao longe; e ella, baixinho, disse, num sopro: «Sim!» e córou. Eu, então, sentindo perto Luiz Farinha, estirando o braço, mostrei ao longe, no céu, um enxame de andorinhas que fugia, como uma rêde de pesca arrastada pelas alturas sobre a espuma alvissima das nuvens.

Luiz Farinha, com uma vista do *Bom Jesus de Braga*, chamou a minha attenção para o monumento santo e, até á hora do jantar, estivemos na varanda os tres, como numa scena de familia: elle ao centro, na sua qualidade de patriarcha, nós aos lados, como filhos, discorrendo sobre as velhas coisas do passado. E vi a *Batalha*, o *Palacio das Necessidades*, a estatua de D. José, os pedrouço-

gloriosos da *Serra da Estrella* e, sempre que levantava os olhos das photographias, encontrava os outros olhos azues que me fitavam apaixonadamente.

A mais estreita intimidade estabeleceu-se entre nós. Quando nos encontravamos, nalgum canto, a furto, era por «tu» que nos tratavamos. «Has de ser minha, Annalia?» e ella, tomando-me as mãos com um movimento languido da cabecinha loura, os olhos nos meus: «Para toda a vida, Josephino!» jurava. A boa senhora, sempre arquejante, não ignorava o nosso amor e protegia-o com a sua molle indolencia de creatura farta e repousada, deixando-se ficar, de palpebras cerradas, na cadeira de vime, as mãos descançadas no ventre, onde o gato dormia enroscado.

Luiz Farinha apparecia ás vezes, sorrateiramente, como para surprehender-nos, e uma tarde, justamente eu falava de casamento á Annalia, desvendando o nosso futuro remançoso e amavel, de uma ininterrompida ventura, com muitos beijos, um filhinho a tagarellar em torno do nosso amor, quando o patrão surgiu com um jornal para discutir o *stock* do café. Não sei se viu alguma coisa. De oculos dependurados, congesto, vociferou contra o inglez, demonstrando a perfidia que an-

dava compromettendo o mercado. Não sei se viu alguma coisa.

Toda a responsabilidade da casa recahira sobre mim, porque o outro socio, Peçanha Neves, retirado entre os olivaes da sua quinta, no Douro, liquidara para nunca mais tornar ao Brasil e lá vivia na terra, anafado e gottoso, fazendo azeite e vinho. Luiz Farinha, tambem, só de longe em longe apparecia no «commercio», dava uma vista d'olhos, pedia uma informação, tomava distrahidamente uma mancheia de café, do monte, sacudia-o, cheirava-o e sahia arrastando os pés, apoiado ao grosso bengalão de unicorneo e ouro.

Um domingo Annalia veiu receber-me ao portão e, excitada, numa alegria louca, contou-me uma conversa que tivera com o pai, ácerca de casamento. Elle pronunciara o meu nome: «Preferia-me a qualquer pelintra que viesse esbanjar a fortuna tão penosamente accumulada. Eu era um homem de trabalho, filho do meu proprio esforço. Tinha um caracter sisudo, habitos de economia e perseverança. Havia de ir longe; e a boa senhora ajuntara que «eu era um excellente moço, muito respeitador e de bons costumes.»

De sorte que, nessa tarde de dezembro, quando Luiz Farinha me foi levando para a mangueira copada, estalando as unhas, preoccupado, myste

rioso, uma voz disse dentro em mim, presaga: que o momento era chegado. Effectivamente, quando, já noitinha, deixámos a galhada verde da arvore veneranda, eu era noivo de Annalia.

V

Iam adiantados os preparativos para as minhas nupcias, titia já havia começado a marcar o enxoval com as iniciaes do meu nome, a retroz, quando, em uma manhan nevoenta de setembro, o meu cozinheiro, de volta das compras, esgazeado, a tremer, annunciou uma medonha revolta da esquadra, affirmando: que innumeras granadas já haviam estourado em differentes pontos da cidade, destruindo quarteirões inteiros. Os jornaes, que eu léra ainda no leito, nada traziam sobre esse acontecimento, mas alguma coisa havia e grave porque o meu jardineiro, homem de poucas palavras, pedindo para falar-me, segredou-me: que estavam a fazer fogo do mar para terra, que já havia um bando de mortos nas ruas; disse-lhe um conductor.

Estava eu ainda a ouvir o homem quando

mamãi vindo da cozinha, agarrou-se-me ao pescoço afflicta, pedindo «pela memoria do meu pai, por ella, por minha noiva, por tudo! que eu não descesse.» Titia correu a accender a lamparina do oratorio e, da cozinha á sala de visitas, a casa encheu-se de um pavor taciturno.

Mostrei os jornaes que nada diziam, mas as duas senhoras argumentaram com a verdade: «Que as coisas tinham sido feitas em segredo, á noite.» E insistiram: «Que eu não descesse, que mandasse alguem ao telephone pedir noticias. Podia ser verdade e para que havia eu de procurar a morte quando não tinha nada com aquellas coisas?»

Para tranquillisal-as, certo de que viria da cidade um desmentido formal, mandei o jardineiro ao telephone do armazem vizinho e confesso que senti um grande frio quando o avistei, na rua, a correr com grande estridor de tamancos, acenando-me desordenadamente: e, logo do portão, declarou, desolado: «Que não se podia falar: era um zum-zum horrivel; linhas cruzadas. Não se entendia nada; uma balburdia.»

Fui eu mesmo ao apparelho. Effectivamente, durante o tempo que lá estive, apenas ouvi uma zoada e, de quando em quando, vozes finas

que passavam como numa rajada forte de ventania.

Voltei para casa commovido, prevendo desgraças, morticinios: o sangue a correr grosso e quente pelas sargetas, a cidade inteira em ruinas, corpos mutilados sob escombros e pelo ar, cruzando-se, com uivos sinistros, granadas estrepitantes.

No banheiro, emquanto a agua jorrava, pensei em tudo: na possibilidade de ser apanhado por uma bala ou por um panno de muro, num desmoronamento. Tomei um grande calice de genebra, vesti-me, aceitei duas orações de virtude que guardei veneradamente no bolso do sobretudo e parti, deixando as duas senhoras estarrecidas, num grande pranto, diante das imagens.

Quando tomei o bond lancei um triste olhar de adeus á casa como se nunca mais devesse ali tornar.

Logo que me sentei no banco interroguei o conductor que me garantiu nada ter havido: «falava-se apenas no levante de marinheiros e que o *Aquidaban* estava fumegando diante do arsenal de guerra; mas não ouvira estampido algum, nem vira sangue.»

Os passageiros que embarcavam vinham pallidos, encolhidos; eu tambem devia estar pallido,

porque todo o meu sangue parecia ter-se concentrado no coração que eu sentia cheio e opprimido. Senhoras, com olhos inquietos que o terror desvairava, acompanhavam os maridos a porta, despedindo-se com muitas recommendações e «que voltassem se houvesse alguma coisa.» E, tristes, ficavam acenando com os lenços, como num grande adeus para o sempre. Falou-se então; vieram commentarios desencontrados, opiniões divergentes e disparatadas.

Um homem alto, de pêra, forrado por um pesado sobretudo de felpas negras, bramava contra o crime, contra a falta de patriotismo, jurando ter ouvido o estrondo de uma bomba, de manhan cedo, quando tomava café; outro tambem ouvira, mas não concordaram na hora e discutiam quando um ruivo, de oculos, disse em tom de gracejo: «Que aquillo fôra na pedreira, tambem ouvira. Que estavam enganados. Nenhuma bomba cahira na cidade.» Mas o da pêra ergueu-se irritado, pedindo «perdão!» com azedume, esticando as mangas do sobretudo. «Elle bem conhecia aquellas coisas, estava farto de ouvil-as. Soubessem que elle fizera toda a campanha do Paraguay. Sabia bêm distinguir o estouro de uma broca do estrondo de uma bala; não se enganava. Ouvira e era até capaz de dizer, mais ou menos,

o lugar em que ella cahira.» E, como o ruivo lhe perguntasse, esguelou: «Foi p'r'os lados da Saude, ahi está. P'r'os lados da Saude. Quer uma aposta?»

Emtanto os bonds desciam cheios, apinhados, como nos dias communs.

Como chegassemos ao Mangue, passou por nós, á toda desfilada, um pelotão de cavallaria, e vozes levantaram-se: «E' a coisa! Começou a coisa!» O ruivo, com uma gargalhada, perguntou: «Que é do Sá? Que é do valente do Paraguay?» Effectivamente o da péra havia desapparecido. Perguntava-se, com ancia, aos passageiros dos bonds que subiam: «Ha alguma coisa?» «Nada!» respondiam. Outros diziam: «Mais tarde; por ora não.» Um velho, interrogado, espichou-se com sofreguidão, afastando a cortina que o chuvisco orvalhava, e falou, apavorado: «Deram um prazo de vinte e quatro horas para romper o fogo.»

Houve uma violenta explosão de odio: «Romper o fogo... romper o fogo... Mas que tem o povo com a politica...? Então nós é que havemos de ser as victimas? Isso é uma pouca vergonha... E' um desaforo. Então bombardeia-se assim uma cidade sem mais nem menos?» O ruivo suspirou: «Decididamente isto não endireita

mesmo...» Mas, á frente, dois homens travavam-se porque um delles dissera «que o governo devia ceder...» e atravéz do vozeirar pude apenas distinguir as palavras: «sangue e prestigio», e, por fim, num tom de desprezo, um «Ora bolas, meu amigo!». E o bond partiu.

Até a praça *Onze* não se ouviu no bond senão a tosse secca de um velhinho e a gargalhada garota de um rapazola que, agarrado a dois balaustres, balançando o corpo «jogava tudo na marinha.»

A cidade estava, como de costume, numa grande calma; eram 8 ½ e chuviscava; apenas á porta dos jornaes havia grupos, mas notava-se em todas as physionomias um grande ar de espanto. Passavam senhoras, sem pressa, em toilettes leves de manhan; não sabiam ainda, com certeza. Entrei em diversas casas, indagando, e davam-me sempre a mesma resposta, com pequenas variantes:

— Que o Custodio tomara conta dos navios, que estava no *Alquidaban;* que mandara intimar o vice-presidente a resignar o poder; que tinha munições de guerra e de boca para dois annos e que estava disposto a arrazar a cidade.

José Simas, meu barbeiro, mais informado, disse-me, pedindo o mais absoluto segredo: «Que

sabia da coisa desde o começo do mez pelo proprio Mello, que o convidára para o *Aquidaban*, expondo-lhe todo o plano da trabuzana. Quasi que podia dizer que tudo aquillo havia sido combinado ali, na sua casa. Elle negara-se a acompanhar o almirante, não por medo, que até tinha um fraco por aquelles *estrupicios*, (já em Portugal andara mettido em historias), mas tinha mulher, filhos e aquelle maldito negocio. Fôsse elle solteiro que áquella hora outro me havia de estar barbeando, não elle.

E, como eu lhe pedisse informações miudas, o Simas, com um risinho, ensaboando-me o queixo, disse com segurança:

— Elles levam tudo isso pelos ares em menos de duas horas, Sr. Josephino. Só o *Aquidaban* é navio para arrazar, em menos tempos, duas cidades como esta. E, afiando a navalha: Está feio, Sr. Josephino. Vai-se o nosso Rio! E derreou-se, segurando, de leve, a ponta do meu nariz, para escanhoar-me o pescoço.

Fiz um rapido almoço e parti para a rua dos Pescadores. No meu quarteirão a tranquillidade era a mesma de todos os dias, apenas o Loureiro, da firma Loureiro, Vasques & C.ª, disse-me cheio de nojo:

— Vamos ás mil maravilhas, meu amigo. Vai vêr que trambolhão leva hoje o cambio.

A' porta da minha casa Rodrigues palitava os dentes e, quando avistou-me, teve um sorriso desconsolado:

— Então, Rodrigues? Elle encolheu os hombros largos dizendo apenas, com uma resignação de heróe:

— Se vier, que se ha de fazer? Paciencia! e poz-se de novo a escorvar os dentes, chuchando os cacos. Quem está impossivel é o Sr. Forjaz; tem dito horrores. Acha que vamos todos pelos ares. Lá está em cima ás voltas com o major Amancio.

VI

Anthero Forjaz, o novo guarda-livros, homem de boas leituras, entrara para a casa havia um anno, exercendo, com a mais perfeita exactidão, o seu cargo, posto que, por vezes, faltasse ao escriptorio, a pretexto de molestia. Era musico, socio de um club onde tocava violoncello, escrevia chronicas para um jornal lisboeta e orgulhava-se de uma brochura que tinha este titulo vibrante: «*A vida de um continental em Quilimane.*»

Alto, de uma magreza de ossada, queimado pelo sol d'Africa onde andara em especulações com um inglez, vestia sempre com esmero, caprichando muito na lisura das calças que arregaçava, quando se sentava á banca, deixando vêr as ceroulas sempre claras e as meias pretas, pontilhadas de ouro. Usava grandes gravatas fofas, esvoaçantes, e, sempre pendente, a tinir nos botões

do collete, um monoculo de crystal imprestavel, sem gráu.

A' mesa era quem se encarregava da palestra. Tinha sempre um facto a contar, uma aventura em Africa ou simplesmente uma anecdota de livro, que repetia com delicia, saboreando as phrases. O mundo, sem os prazeres intellectuaes dos livros e da musica e sem um pouco de paisagem, de quando em quando, parecia-lhe insupportavel. Adorava o Brasil; mas preferia a Africa, com a rudeza das suas aringas, com seus sóvas descalços, fardados de alferes, trazendo, com orgulho, chanfalhos de guardas municipaes. Aquillo era simples; mas o homem, á beira daquelles rios, entre aquelles juncos fervilhantes de crocodilos, sentia-se tão longe da civilisação banal como os nossos primeiros pais no Paraiso.

Tudo lia, falava correntemente o inglez e conhecia as bellezas dos classicos cujo estylo, sobrio e forte como os homens do velho Portugal das conquistas, imitava nas suas chronicas, pondo apenas «um pouco do sonoro adjectivo, um pouco do cantante adverbio» para dar ao antigo um leve e suave perfume do seculo.

Quando entrei Anthero Forjaz, agarrado á lapella da sobrecasaca do major Amancio, sacudia-se todo empenhado numa discussão renhida sobre

os successos do dia. O major, gordo e pacato fazendeiro de Valença, ouvia sem ter occasião de responder ao guarda-livros, que berrava descrevendo os horrores do *dia seguinte*, vendo a impossibilidade de resistencia por parte do governo. Tinha estado em Almeria, na Hespanha, sabia o que era um bombardeio. «Uma só bala podia arrazar todo um quarteirão.»

Viu-me e veiu logo, com a feição mudada, cheio de apprehensões:

— E então, Sr. Josephino? que me diz a isto? Os homens fizeram-n'a bonita. Quando, hoje, falaram-me da *coisa*, não imagina a minha surpreza se hontem estive no Lyrico com o Custodio! Emtanto é a verdade: vi ali do Pharoux, fui lá vêr porque já não me fio em palavras. E, com gravidade: Estão todos os navios de fogos accesos, o *Aquidaban* com os canhões voltados para a cidade. Vai ser um horror! Conheço aquelle bruto! E' uma arma de guerra de primeira ordem, formidavel...! E que artilheria! Com um tiro põe abaixo a Candelaria, posso garantir. O major Amancio, acolhendo-se junto a mim, exclamou:

— Que aquillo estava cheirando á restauração, isso sim. E Deus permittisse que fosse, ao menos acabavam todas essas patifarias.

O Forjaz encarou-o roxo, os olhinhos apertados, bambaleando a perna: mas só lhe sahiu do fundo da alma indignada um sorriso de amarga ironia. Deu-lhe as costas, com desprezo e, sentando-se á escrevaninha, abriu o *diario* com estrepito folheando nervosamente, a remoer insolencias.

Os pequenos cochichavam voltando, de vez em vez, os olhos para a porta, só o Rodrigues conservara a calma: ia e vinha pachorrentamente presidindo á arrumação das saccas que dois negros empilhavam, cantando. Eram 2 horas da tarde quando um caixeiro de Loureiro, Vasques & C.ª appareceu á porta livido, gaguejando. E logo espalhou-se a noticia de que o *Aquidaban* deixara a boia, seguido de outros navios formando em linha de batalha. Todo o commercio fechara, o povo fugia espavorido.

Forjaz, que esticava os olhos, ergueu-se curioso:

— Que é? Ha alguma coisa? Estão desembarcando, aposto?!

Os pequenos deixaram a escripta, boquiabertos, e o major Amancio, tremulo, ia de um a outro pedindo que lhe explicassem «que vinha a ser isso de linha de batalha?» Forjaz sorriu de novo, ironico, e abotoando os punhos foi dizendo com grandes pausas:

— Linha de batalha, meu caro senhor major, é uma fila singela, como se diz militarmente. Todos os navios fórmam na mesma linha, a capitanea á frente, comprehende? E num momento dado: brrrú! Começam a disparar os canhões e... nhum!... Espichou o pescoço para abotoar o collarinho e meio engasgado: O major vai vêr como dentro em pouco o *Aquidaban* manda-nos para terra um D. Sebastião... das torres.

— Nós aqui estamos muito expostos, sussurrou o major esfregando as mãos. Mas o guarda-livros exaltou-se de novo, vestindo o casaco.

— Expostos ás balas...? Mas que pensa o senhor que são as balas do *Aquidaban*? São do tamanho deste pequeno! disse, calcando a mão sobre a cabeça de um dos caixeiros. E ha maiores, ha-as de sua altura... e vão daqui a Jacarépaguá. Nós estamos tão expostos aqui como os que moram em Cupertino. Se ellas vierem, meu amigo, é aguentarmo-nos. Não ha appello possivel. E falando-me, com muito mysterio: Eu vou até ali ao cáes, Sr. Josephino. Quero vêr, porque emfim, se a coisa fôr séria, não vale a pena ficarmos aqui idiotamente, esperando granadas como quem espera uvas debaixo de uma parra. Imprudencia não é coragem. E sahiu.

O major, em grande agitação, assombrado,

subiu para preparar as malas: «Não estava para morrer á tôa. Diabos levassem negocios!» Mas Forjaz, de volta, garantiu que nada havia, tudo estava em calma, apenas lanchas iam e vinham dum navio a outro. Tudo boato.

E, para irritar o major, que acudira pedindo noticias, annunciou que «a guarda nacional ia ser chamada ás armas; estava um boletim na rua do Ouvidor, á porta de um jornal. Elle que se fôsse preparando, que mandasse vir da roça a espada e a farda.»

Amancio resmungou percebendo a ironia:

— Que se fôssem ninando. Prestara grandes serviços á patria durante a guerra do Paraguay. Não fôsse elle e Valença teria sido saqueada pela *corja*.

Recrutara muita gente, dera mesmo dois escravos para o Sul. Estava velho, não podia com as pernas, quanto mais com fardas e pistolas. Ia mas era metter-se na fazenda. Não tinha nada com politicas. Que se arranjassem. Tinha mulher e filhos.

Já prompto para sahir fazia as ultimas recommendações ao Rodrigues, principalmente que não deixasse de transferir o escriptorio para o armazem, sempre menos exposto do que o sobrado, quando o copeiro de Luiz Farinha appareceu com

uma carta e um bilhete. A carta, cheia de conselhos, dizia: Que eu resguardasse os livros, suggeria a idéa de uma trincheira de saccas no armazem para proteger os rapazes e lastimava «todas essas maluqueiras que só traziam males ao commercio.» O bilhete, donde se evolava um cheiro suave de Amaryllis, era de Annalia. No egoismo de seu coração apaixonado ella apenas achava piedade para mim: «Que não me expuzesse, que deixasse os outros; havia muita gente para tomar conta da casa, lá estava o Rodrigues. E que seria della se me succedesse alguma desgraça?» Havia um beijo, duas violetas já murchas e o seu nome sempre amado.

Escrevi sisudamente a Luiz Farinha e, com ternura, compuz duas phrases de amor para Annalia promettendo ir vêl-a no dia seguinte, logo que deixasse o «café» e rematei com muitos beijos enviando-lhe o meu coração. Sahi.

VII

A tarde, nublada e fria, impressionava tristemente como uma ameaça. No commercio falava-se, com terror, do cambio que baixava pavorosamente. «Nem durante a guerra do Paraguay!» disse-me Loureiro.

A rua do Ouvidor, atufada de povo, resoava surdamente, num borborinho perenne semelhante ao rolar das aguas de uma cachoeira. Era uma multidão densa, negra que se movia lenta, difficilmente, abaixo e acima, aos encontrões. Os cafés regorgitavam e, no vozear confuso, de longe em longe, percebia-se um nome, mas o que mais se ouvia era, em todo os cantos: o *Aquidaban*... o *Aquidaban,* como um echo soturno.

Emquanto passei a rua, apertado, pisado, espremido, escutei sempre, como se um só homem me seguisse pronunciando, sem descontinuar, num tom cavo e sinistro de oraculo, o nome do couraçado.

Chamaram-me; voltei-me: era o Forjaz. Veiu a mim, esgueirando-se com esforço, suado e purpureo, e, muito em segredo, soprou-me:

— Que havia muita gente suspeitada, homens de dinheiro; que até bancos estavam compromettidos. Já a policia andava em campo, varejando casas, espionando. Que eu não falasse, que não aventurasse uma opinião porque a cidade estava cheia de secretas, até mulheres. E annunciava:

— Que ia ser declarado o estado de sitio, que o governo estava disposto a resistir, contava com o exercito e com a guarda nacional.

Mas um sorriso escarninho transfigurou-o, o ar de assombro que trazia desappareceu num momento e Forjaz convencido, agarrando-se com força ao meu braço, sussurrou:

— Mas que é que vai fazer o marechal contra a esquadra, sôr Josephino? Que é que vai fazer? sacrificar um bando de vidas, expôr uma cidade como esta á desgraça de um bombardeio. Não é possivel. Fala-se já na intervenção do corpo diplomatico e quer-me parecer que a solução mais patriotica é a resignação do poder; não acha?

Não tugi. E o Forjaz, que tudo sabia, disse-me com mysterio:

— Espera-se alguma coisa para a noite, mas não creio. Amanhan é possivel; amanhan sim.

Apregoavam jornaes. Começou a cahir uma chuva miuda como a garôa de junho; o povo dispersava-se; abriram-se guarda-chuvas e eu despedi-me do Forjaz que se perdeu na multidão, á caça de noticias.

Entrei no *Londres* e, como todas as mesas estavam occupadas, dirigi-me a um grupo de rapazes pedindo-lhes que me cedessem um lugar e logo accederam sem, todavia, ligar grande importancia ao obsequio. Eram tres, um delles robusto, acaboclado, irrequieto, o chapéu atirado para a nuca, falava assomado:

— Que estava prompto a pegar em armas pela Republica, se fôsse preciso. Não tinha medo das balas do *Aquidaban*, nem de calhambeque nenhum; era homem, não tinha a vida para negocio. Que lhe podia acontecer? morrer? ora! não era o primeiro nem havia de ser o ultimo; mas, emquanto tivesse forças, havia de repellir aquella sucia. Não tinha medo de caretas. E tu? perguntou a um dos companheiros.

— Estou comtigo. Tenho familia...

— Eu tambem! ora! por isso não!

— Eu tambem! bradou o acaboclado.

— Pois sim, continuou o interpellado, calmo: Tenho familia, mas vou. Para cuidar da *velha*, se eu morrer, deixo um irmão.

O menor ouvia sorrindo, os cotovellos fincados na mesa e, com uma voz que tinha ainda o timbre doce da infancia, disse:

— O diabo é que se perde o anno.

— Qual anno! bramiu o acaboclado... faz-se o exame em março, ora esta! Ainda você preoccupa-se com exames. O que eu quero é uma carabina, isso sim! para esperar essa sucia. Que desembarquem! Que venham cá! E, exaltado, rompeu em improperios, desafiando. Depois de uma colera surda falou: Tambem tenho familia e estou no quarto anno, perco muito mais do que qualquer de vocês e vou, meus amigos. Estou prompto! O interpellado affirmou:

— Tambem eu. Vou ao inferno! Levantaram-se, o acaboclado á frente gesticulando, indignado.

Foi então que vi, na mesa fronteira, dois homens que me espreitavam: um magro, escaveirado, livido, cofiava lentamente a barba rala, balançando a perna esguia, os olhos no tecto; o outro, um colosso vermelho, de pince-nez, ventrudo, grandes bigodes já grisalhos, cahidos em duas pontas até á papada rubra e humida, olhava-me com insistencia, carrancudo, e notei que, de quando em quando, segredava alguma coisa ao tysico. Vieram-me á memoria as palavras de Forjaz: «Ha

muita gente suspeitada. A cidade está cheia de secretas.» Tremi.

Suspeitariam de mim? talvez... porque? por nada, por tudo, ainda que os meus sentimentos politicos fôssem bem conhecidos desde os tempos das conferencias no Polytheama onde, uma vez, arrojei cadeiras contra uma malta de capangas que invadira a platéa, brandindo cacetes. Olhei de novo e dei com os olhos do colosso relampejando sempre e pareceu-me que pronunciava o meu nome. Effectivamente o tysico voltou-se com lentidão e mirou-me. Senti um arrepio em todo o corpo e levantei-me. Da porta voltei-me dissimuladamente e olhei para o fundo: os dois homens acompanhavam-me com um olhar terrivel. Sahi e, ás pressas, atravessei a multidão.

Encolhi-me no bond, impressionado e, quando cheguei á casa, foi um allivio para as pobres senhoras. Haviam passado o dia em ancias porque, lá em cima, era um boato por minuto. O jardineiro, de quando em quando, dava um pulo ao armazem da esquina e de uma vez voltou livido e gago, a dizer que «não se assustassem! que não fôra nada!» A casa ficou alarmada, não houve descanço emquanto o jardineiro não explicou: «Que uma bala havia cahido no largo de S. Francisco, perto da igreja, matando um cégo», dissera

no armazem o conductor do bagageiro. Felizmente eu ali estava, entre ellas, com a graça de Deus. Mas... que noite! Os olhos dos dois homens perseguiam-me, principalmente os do gordo. E, quando eu ia conciliando o somno, sentia como uma mão de ferro sobre o meu hombro. Sentava-me na cama, o coração aos pulos, aterrado. Já capineiros passavam cantarolando quando consegui adormecer exhausto.

VIII

Foi curto o meu somno e, quando saltei da cama, as duas senhoras andavam pela casa, murmurando rezas, aterradas com a leitura dos jornaes. Como me vissem passar para o banho adiantaram-se com lamurias de desanimo: «Que eu lesse os jornaes para vêr os horrores. Haviam arrancado trilhos da estrada de ferro, num suburbio; haviam disparado para a cidade, á noite; uma lancha rondara o cáes tentando atracar sendo, felizmente, repellida, á bala, pela tropa.» E lastimavam mortos e feridos e a pobre gente que morava perto das praias. Mamãi receiava que os marinheiros desembarcassem... «que eram até capazes de deitar fogo á cidade.»

Effectivamente os jornaes narravam as principaes operações da esquadra: navios apprehendidos, tentativas de communicação com a terra.

Nada, porém, do que eu encontrava nos dilatados noticiarios interessava á minha curiosidade: o que eu queria achar era a lista dos suspeitos que a policia procurava com tanto empenho e, subitamente, numa visão, appareceu na grande pagina do jornal que eu lia, como em uma janella aberta, a caraça vermelha e gordurosa do homem do *Londres*, sempre a mirar-me, carrancudo, como se quizesse lêr nos meus olhos todos os meus pensamentos. Atirei para longe o jornal vendo, nessa obsessão, um aviso da Providencia.

Se eu dissesse alguma coisa á mamãi ou á titia por certo que me não deixariam sahir. Calei o meu sinistro segredo e, refrescado num banho copioso, comecei a vestir-me lentamente diante do espelho mirando-me, examinando-me como a procurar alguma coisa no meu rosto que me tornasse suspeito: um traço, uma linha indiscreta accusadora dos trabalhos intimos do meu espirito, mas nada havia. E que podia haver?

Por dentro eu era e sou apenas um homem de commercio: raramente uma idéa alheia ao mercado do café visita o meu espirito e, quando os calculos e as preoccupações de negocio desapparecem, só Annalia occupa minha alma, só ella, com a sua feição mystica de santa ou, de longe em longe, nas minhas paradas melancolicas, num rapido

clarão de saudade, meu pai que revejo atravéz da reminiscencia, morto umas vezes, hirto, entre velas, um crucifixo no peito, estirado na mesa da sala ou vivo, a regar, cantarolando, a sua banqueta de cravos.

Bem pouco entendo de politica e, devo confessar que, antes dos artigos de fundo, quando os leio, procuro, com avidez, a parte commercial porque muito mais interessa-me o *movimento do porto* do que a marcha da náu do Estado.

Um navio que entra, carregado de bacalhau, traz mais animação á praça do que um deputado que vem do sertão com o diploma e uma garrula rhetorica saburrosa de solecismos. Pelas operações da bolsa sei tudo quanto se faz neste paiz em politica. O cambio é que nos diz como vão os negocios publicos, se ha alguma crise imminente, se a eleição do presidente foi ou não bem recebida no estrangeiro.

Para que hei de perder tempo com leituras se tenho o cambio para informar-me? Amo com devoção a minha patria, mas creio que, para dar testemunho desse amor, não é necessario que, todas as manhans, eu me empanturre de polemicas em estylo culturano com muitos e ruidosos reclamos de patriotismo e de coragem civica. Não sou politico porque não me sobra tempo; meu commercio é outro.

Se não voto nas assembléas, pago todos os impostos e contribuo com o meu esforço para a prosperidade commercial da minha patria. Eu, que assim penso, por que razão hei de ser perseguido pelos olhos agudos da policia? Nunca, que me lembre, tive uma opinião infensa a este ou áquelle governo.

Isto pensava eu quando, de repente, como num sonho, achei-me no café Amorim. Lembrei-me então e succumbido, convicto da minha culpa, falei ao meu reflexo, no espelho, como se elle me pudesse ouvir e aconselhar: «E' verdade! Já me manifestei em publico. Ahi está porque me perseguem.» E recompuz toda a scena do café.

Eramos cinco, tres do commercio, um moço estudante e um typo moreno, de oculos.

Falava-se do federalismo e dizia-se «que era uma facção de ambiciosos vulgares cujo programma, desconhecido, era o roubo ou a restauração. Aquillo não passava de uma horda de perversos sem bandeira, sem crença, que ia esterilisando os campos do Sul sob as patas dos cavallos árdegos do pampa. E quem estava á frente? um caudilho estrangeiro, especie de condottiere, que alliciava *brazi* nas pandilhas creando um exercito de salteadores.»

Mas o estudante, rio-grandense, enthusiasta

de Silva Tavares, acudiu em defesa dos revolucionarios pedindo que não falassem sem conhecer os factos e classificou de «nobre e santa» a causa dos revolucionarios, dizendo que elles podiam arvorar, como pavilhão, uma veronica ensanguentada, porque era essa a unica bandeira que devia fluctuar nos muros heroicos do Rio Grande, transformado em campo damasceno. E começou a expôr miudamente, com a clareza e a precisão de um livro, todos os horrores da guerra, exaltando-se, ás vezes, em reptos, como se falasse de uma tribuna.

Que era o Rio Grande? uma terra gloriosa, o berço tradicional da idéa democratica porque do alto daquellas coxilhas verdes partira o brado altivo dos *farrapos*. Aquellas campinas, fertilisadas e santificadas pelo sangue dos heróes, não podiam gerar covardes.

A guerra era o resultado da oppressão e do crime. E para que fizessemos idéa dos horrores praticados no sul começou a descrever:

A's vezes, ao cahir da tarde, quando o gado mugia nos potreiros, via-se, ao longe, uma columna de fumo que subia, densa e negra, larvada de chammas. Gaúchos montavam ás pressas, mas antes de partirem, cahiam atravessados por uma bala traiçoeira e a cavalhada dos sicarios irrom-

pia com alarido tremendo como devia ser o vozeirar barbaresco da gente de Attila quando calcava, á pata de estalões selvagens, as cidades vencidas do occidente.

O gado tresmalhava espavorido e a familia, fortificada na casa, esperava o assalto da farandula com a resignação dos martyres antigos. E que haviam de fazer mulheres e crianças, velhos que mal se arrastavam, enfermos enfraquecidos? Acolhiam-se entre as paredes do lar como os supplicantes nos templos. Mas as balas esboroavam os muros, as portas frageis fendiam-se ás coronhadas e os bandoleiros penetravam nas casas, alguns mesmo a cavallo, assassinando covardemente, com algazarra de gargalhadas e de chufas quando viam um velho tropego, sem vista quasi, agarrado ao mais novo dos netos, brandindo uma velha espada ferrugenta, a mesma com que andara, em moço, pelejando pela Republica.

Moças virgens eram arrastadas para os campos, nuas, e, nos seus corpos immaculados cevavam-se lubricamente os brutos, e, saciados, golpeavam-nas aos olhos dos velhos pais que enlouqueciam de horror. Quando retiravam-se duma estancia os corvos desciam crocitando para o repasto nefando. E o rio-grandense, eloquente, voltou-se para mim com uma interrogação: «Que

faria o senhor se visse sua filha duas vezes victimada: na honra e na vida? Que faria o senhor se tivesse visto correr o sangue de sua mãi e de sua esposa? se ouvisse o rumor fragoroso da queda do seu lar e o mugido do seu gado fugindo, num grande panico, atravéz dos campos incendiados? E convicto: Faria o que estão fazendo esses federalistas, meu amigo.» E eu affirmei commovido: «Faria mesmo, por certo!» Outros concordaram commigo, só guardou silencio o moreno que torcia tranquillamente o arame de uma garrafa de cerveja.

Quem seria esse homem taciturno e discreto? não indaguei e nunca mais o vi. Talvez fôsse um fazendeiro, a passeio no Rio; talvez fôsse um agente de policia. A verdade é que só elle me poderia ter compromettido porque os outros, meus amigos, que interesse teriam em denunciar-me como partidario de Gumersindo? Fôra o moreno, sem duvida, quem me accusara e a policia rastreava-me.

E lembrei-me do estudante: «Que seria feito delle?! Com certeza já estava em algum carcere, dormindo sobre a lage fria, em trevas.» De repente veiu-me uma grande coragem; dei de hombros, exclamando:

— Ora! aconteça o que acontecer. Não posso

ser condemnado sem provas. E, accendendo um charuto, deixei o quarto. Mamãi procurou no bolso do meu casaco a oração que me dera para que a Virgem levasse-me por bom caminho, preservando-me das balas. Beijei lhe a mão e desci ao jardim para esperar o bond. Ia directamente á casa de Luiz Farinha expôr-lhe as minhas apprehensões e aconselhar-me com elle.

Durante a viagem, que foi longa e morosa, recompuz duas ou tres vezes a scena do café Amorim e as palavras de Forjaz retumbaram dentro em mim ameaçadoras, apavorantes. Quando cheguei á Gavea, Annalia, de branco, os cabellos soltos, colhia flores no jardim, como a Margarida do drama. Vendo-me áquella hora da manhan, teve um sobresalto, mas logo tranquillisei-a com palavras de ternura, e emquanto ella ornava-me a botoeira com uma rosa fresca, contando que não dormira toda a noite pensando em mim, estive suavemente enlevado na sua formosura, esquecido dos perigos que me rodeavam, feliz por ver-me amado e festejado por aquella creaturinha fragil e formosa, que tinha tanto aroma nos cabellos como todo aquelle jardim com a sua profusão de rosas.

Luiz Farinha, repoltreado debaixo da galhada da mangueira, lia os jornaes e, logo que me

avistou com a filha, ergueu-se, o sobrecenho carregado:

— Que ha?

— Nada! fui eu dizendo. Venho para conversarmos. Annalia sorriu-me, e, comprehendendo que desejavamos ficar a sós, deixou-nos.

Falei então, francamente, a Luiz Farinha e passeiando ao longo da aléa principal não tive uma reticencia: disse-lhe tudo com fidelidade: a scena do café Amorim, os olhares suspeitos do homem gordo, as palavras do Forjaz. Ao fim da minha exposição o capitalista sorriu:

— Estás a crear fantasmas, homem! Que tem que um sujeito olhe para o teu lado? Fizeste alguma coisa? Já te metteste em politicas? Fiz um gesto negativo. Então, homem? Deixa-te disso. E não te fies em boatos, deixa lá falar o Forjaz, é outro que anda a vêr sombras em toda a parte e sabe tudo, e mette-se em tudo. Calou-se, mas logo continuou, com mysterio: Que andam a prender gente, isso é verdade. Ainda hontem andavam policias aqui na visinhança e levaram um rapaz. Ergueu a voz: Mas sempre te digo que não prendem á tôa, elles sabem lá o que fazem. Então achas possivel que o chefe de policia mande aqui gente, á minha casa, buscar-me, só porque passeio, á fresca, pelo meu jardim?

Historias, homem; historias! Deixa lá andar o Forjaz, não te mettas com elle: é doido. Não queres que te olhem? pois não entres em botequins. Vai para o teu escriptorio e se vires que a coisa pega, então sim... Mas logo emendou: Que não pega, descança. Isso é coisa para mais um dia ou dois. Se a gente começa a fugir, isso então é uma desgraça. Olha, eu te digo, não tenho tanto medo das balas que não vêm cá, e insistiu: que não vêm cá...! como tenho dos gatunos. Sabem que uma casa está abandonada e então, meu amigo, limpam-na de uma vez. Agora, principalmente, que a tropa está toda occupada!... E, esquecido dos meus terrores, só falou da casa: Que eu não deixasse sahir o Rodrigues e que descançasse porque isso de bombardeios não passava de prosa, e mais nada. Elle tinha quarenta annos de Brasil e sabia bem o que eram as revoluções aqui. Nada de abandonar a casa.

Vieram chamar-nos para o almoço. A' mesa Luiz Farinha contou, sorrindo — que eu estava com medo de ser preso. Amalia, pallida de susto, perguntou:

— Para soldado?!

— Qual! como conspirador! e rompeu a rir. A boa senhora lançou-me um olhar enternecido e fez: «Ora!» Mas havia tal sentimento de des-

prezo nessa expressão que me senti humilhado diante de minha noiva e corei dando com os seus olhos que me fitavam. Tive um impeto:

— E por que não? sou brasileiro; amo a minha patria. Se para salval-a fôsse necessario o meu sangue...

Luiz Farinha interrompeu-me com a boca cheia:

— Esquece-te disso! Qual sangue! A patria não quer o sangue de ninguem, o que ella quer é paz, entendes? paz e homens que saibam trabalhar. Qual sangue! Vocês, por qualquer coisa, enchem a boca com sangue. O homem quer-se nas occasiões. Historias! Cuida de ti e deixa os outros, que se arranjem. E pediu mais churrasco mastigando com toda a cara purpurea e gorda.

Annalia perguntou-me baixinho:

— Ha alguma coisa contra ti?

— Não; nada. A boa senhora affirmou tambem:

— Não ha nada. E Luiz Farinha, depondo o talher, começou a clamar contra os brasileiros:

— Sucia de tolos, que vivem sempre a pensar em loucuras dando por paus e por pedras. E rouco, em rapidas palavras, repassadas de colera, fez o historico do Brasil desde o dia 13 de Maio: uma arbitrariedade, até o 15 de Novembro: um

crime, uma ingratidão, uma falta de bom senso. Pois um paiz que era o modelo da ordem na America transtornado de uma hora para outra pela má cabeça de uns tantos senhores. Isto era para ser a primeira nação do mundo! E berrou com um dedo hirto: a primeira! se tivesse homens, mas são todos uns desmiolados. Ali estava a prova do patriotismo — a esquadra revoltada... porque? Qual! o que nós queriamos era que o inglez viesse tomar conta disto. Uma pouca vergonha! E engoliu, de um trago, meio copo de Collares.

Quando retirei-me, com muitos conselhos de Luiz Farinha e da boa senhora, Annalia veiu pedir-me que não me mettesse em nada, que me lembrasse della e de mamãi e, tirando do pescoço um fio de ouro, instou commigo para que o acceitasse.

Era uma santa, lembrança da sua primeira communhão. E ella mesma, com as suas mãos finas e delicadas, passou-me o cordão em volta do pescoço fazendo a medalhinha escorregar por dentro do collarinho. Quando levantou os olhos sorrindo, satisfeita, senti como um atordoamento e beijei-a. Foi rapido, tão rapido que ella não teve tempo de corar e nem vi se as faces se lhe tingiram porque um bond appareceu na volta da rua, embaixo, e deitei a correr ouvindo apenas que ella, de longe, dizia adeus!

IX

Logo que entrei no escriptorio, Rodrigues veiu dizer-me que o major não havia dormido em casa.

Sahira á tarde e, até aquella hora, nada de noticias... e era para incommodar por ser a primeira vez que isso succedia. E lembrou: Que seria prudente mandarmos á policia, talvez tivesse acontecido alguma coisa ao pobre homem. Com as escaramuças da noite podia muito bem ter havido victimas e não admirava que os jornaes guardassem segredo porque faziam o mesmo, no tempo das epidemias, para não alarmar o povo. Não custava nada mandar um dos pequenos á policia.

Forjaz tambem não apparecera; esse, porém, era useiro e vezeiro em faltas: deixava-se ficar em casa ensaiando trechos ou mollemente deita-

do, bebendo grogs com uma ingleza, numa alcova da rua do Lavradio.

— O major não é homem que se deixe matar, disse eu para acalmar o Rodrigues que parecia profundamente impressionado, a resmungar, indo de vez em vez á janella consultar o céu carregado de nuvens pardacentas.

Não sei porque um grande tedio cahiu dentro em mim, pesado e triste como um luto, vendo-me na penumbra do escriptorio onde só havia o rangido aspero das pennas que corriam sobre o papel e, de longe em longe, a tosse agoniada do Salomão, o velho Salomão, que encanecera em caminhadas pelo interior, desde o tempo em que se fazia a viagem a cavallo, comboiando negros algemados até S. Paulo, até Minas. Lá estava encolhido, resmungando contra as insomnias, sempre preoccupado com os seus desastres financeiros, impertinente e asthmatico, chupando grandes fumaças das cigarrilhas medicinaes

Todos pareciam enervados; havia grandes bocejos, e, de quando em quando, um sussurro passava pela fila dos empregados que escreviam de pé. Desusado silencio entristecia a sala como se todos, numa mudez de panico, esperassem, transidos, o desabamento de uma catastrophe. Um vento frio batia as portas. Desci ao armazem,

mas entre as altas pilhas de saccas, no ambiente humido e sombrio, o meu tédio recrudesceu e estava de braços cruzados, inerte, os olhos perdidos, quando ouvi passos soando forte no asphalto. Voltei-me: era o major.

Antes que eu lhe falasse, explicou-me: «Que dormira fóra, por prudencia. Jantara com um amigo, indo ambos depois ao Recreio. Ao fim do espectaculo, já a caminho de casa, ouvira dizer que estavam atirando para terra, que os marinheiros tentavam um desembarque, que um chuveiro de balas cahira no largo de Santa Rita Por cautela deixara-se ficar na cidade, dormindo «por ahi.» Mas, vendo-me sorrir, accentuou, vexado: «Que fizera aquella extravagancia sómente para não arriscar-se. Teria dormido no hotel, mas não encontrara commodos no Ravot.» E, passando a mão papuda pela calva, lamentou a noite: «Uma coisa horrivel! Demais a mais — que ladra! Quasi fizera um escandalo. Não fôsse um pai de familia, homem conhecido e ella teria visto o bom e o bonito. Era melhor que sahissem para uma estrada.» Mastigou injurias e subiu para mudar a camisa que estava «numa sopa.»

Eu recahi no aborrecimento, mas de repente, imaginando a figura do major, em ceroulas, os

oeculos dependurados na ponta do nariz, a esbravejar contra a exigencia, veiu-me um grande accesso de riso e a rir encontrou-me o Rodrigues, trazendo um maço de guias.

Mas alguma coisa passou no ar, rolando, reboando como um trovão longinquo, e o Rodrigues, sem uma palavra, fitando-me, estendeu o braço como para mostrar-me um ponto além.

Eu, firme, elle na attitude theatral de quem escuta, ficamos longo tempo até que, de novo, ouvimos o mesmo rumor distante de tormenta. Uma voz bradou de cima, pela janella da area: «Estão atirando!» e, no escriptorio, houve um precipitado barulho: o soalho rangia e pela escada, como uma avalanche, desceram, pallidos, os pequenos, alguns choramigando e, atraz delles, Salomão, curvado, a tossir, blasphemando.

Reunidos em torno de mim como um rebanho junto do pastor, esperavam que eu lhes falasse, quando o major, em mangas de camisa, appareceu assustado: «Estão atirando, sór Josephino... ouça! E' para longe, mas estão atirando.»

E ficamos todos á escuta, numa immobilidade marmorea. Effectivamente o reboo passou de novo como um presagio. Fiz, então, uma fala animadora: — Que não era nada. Os navios estavam muito longe e, quem os commandava era

um brasileiro que não havia de querer ensanguentar o solo da patria. Que se deixassem de sustos. Ainda que houvesse alguma coisa seria lá entre elles. Tivessem calma.

Mas, entre os pequenos, houve um movimento estranho. Rodrigues encarou-os severamente, carrancudo, e justamente eu lhe falava em segredo «que transferisse o escriptorio para o armazem», quando o Celestino, um recommendado de minha tia, rapazola de 16 annos, do Norte, nervoso, irrequieto, adiantou-se do grupo dos companheiros pedindo para falar-me.

Havia no seu olhar uma estranha luz que irradiava, a sua face pallida contrahia-se por vezes; tremiam-lhe os labios e, esfregando as mãos, de olhos baixos, humilde, falou-me:

— Eu queria pedir-lhe um favor, senhor Josephino... Olhou-me e, baixando de novo os olhos, disse: Quero alistar-me!

O Rodrigues atirou para o meu rosto um olhar pasmado, o major avançou para ver melhor o rapazola e Salomão cuspiu um risinho d'escarneo, por entre dentes.

— Fala, Celestino.

Elle sorriu, tirou a caneta detraz da orelha e poz-se a brincar com ella, mas, num assomo, encarando-me, repetiu numa voz clara e vibrante

que resoou no pateo do armazem como um toque marcial:

— Quero alistar-me! Tirando, então, do bolso do casaco de brim um jornal, desdobrou-o mostrando-me os primeiros nomes dos voluntarios de um corpo patriotico.

Vagamente, fugitivamente, vieram-me á lembrança as palavras de minha tia, quando recommendou-me o rapazola: «Elle é o unico amparo da pobre mãi viuva...» Ia dissuadil-o com brandura, mas não sei que vi nos olhos da criança, não sei que singular expressão de energia e de decisão inabalavel transpareciam do seu rosto que me senti vencido e apenas pude dizer: «Tu tens mãi, Celestino. Emfim... faze o que entenderes.» Elle, por toda resposta, sorriu.

— Eu só quero que o senhor não se zangue commigo e que guarde o meu lugar... se eu não morrer.

Senti um grande choque, mixto de enthusiasmo e de piedade e disse:

— Zangar-me? Não me zango. E quanto ao teu lugar pódes estar tranquillo. Falo apenas por causa de tua mãi. Não me zango. E abracei-o commovido. Os companheiros receberam-no com veneração e espanto, olhando-o como se o vissem pela primeira vez. O Rodrigues, com os olhos

rasos d'agua, teve uma exclamação, baixinho: «Que doido!» O major emmudecera de assombro; só o Salomão, que o seguiu até o fundo do armazem com um olhar de odio, murmurou arquejando:

— Vai, mas é p'r'o deboche... Vagabundo! E curvou-se todo, a tossir, num accesso mais forte.

Esse incidente agitou-me, fiquei abalado e muito tempo andei pela casa remanchando, distrahido, num verdadeiro estado de inconsciencia até que resolvi sahir. Mamãi e titia acharam que o Celestino era um doido: «Metter-se naquillo por gosto sem lembrar-se que tinha a mãi doente e só no mundo. E que seria della, coitada! se elle morresse?» Titia, principalmente, indignada, accusou-me: «Que eu não devia ter consentido, elle era menor e fôra-me confiado; era quasi um filho que eu tinha.»

Expliquei lembrando-me da attitude decidida do pequeno: «Que se me tivesse opposto teria sido peior. O Celestino estava resolvido a alistar-se. Lêra os jornaes e enthusiasmara-se; se eu lhe negasse o consentimento fugiria.» Effectivamente, mais tarde, o Rodrigues veiu dizer-me que elle jurara aos companheiros que havia de sahir «custasse o que custasse.»

Luiz Farinha, quando soube, vociferou:

— Que o não queria mais em casa! aquillo não era quartel de soldados. Que se arranjasse por lá. Não havia de pagar ordenados para um pelintra trocar as pernas pela rua, arrotando valentias. Se tinha vontade de ser militar que assentasse praça de uma vez, no «café» não o queria mais, que aquillo até desmoralisava, era um mau exemplo. Amanhan vinha outro com empafias, depois outro e nós, se quizessemos, que tomassemos conta do trabalho dos taes patriotas de borra. Não tinha nada com revoluções, não era politico. Queria empregados para o serviço e não para estarem de arma ao hombro, montando guarda Mesmo o *senhor* Forjaz... era melhor que se despedisse, se queria andar á vontade, escutando pelos cafés os boatos dos vadios.

Forjaz, em verdade, mal apparecia no escriptorio, andava preoccupado, receioso: «Porque sabia de amigos que eram espiados por suspeição de connivencia com os revoltosos. Elle mesmo fôra seguido uma noite por dois homens simplesmente porque, em conversa, dissera, á porta do Castellões, que o *Aquidaban* era um navio de primeira ordem e o Custodio um marinheiro valente e forte em manobra.

X

E os dias corriam sempre sombrios, nublados, até que, uma tarde, espalhou-se em todo o commercio, com o mysterio apavorante de um agouro, a noticia de que a esquadra bombardearia a cidade no dia seguinte.

O clamor subiu numa lamentação de desastre. Justamente eu chegava á rua do Ouvidor quando estridulos toques de clarim faziam mover a multidão num ondular tumultuoso, como o oceano sob a lufada violenta de um cyclone, e começaram a passar, com estridor de ferragens, os pesados armões da artilheria.

As peças descobertas vinham salpicadas de lama, bracacentas de poeira e os soldados, que as seguiam a pé, de espada núa, enlameados, suados, arquejavam correndo de quando em quando. Abriam-se claros, mas logo animaes a trote avançavam arrastando, com fragor, outras carretas

até que a bandeira, desfraldada no punho de um cavalleiro moço passou, palpitando gloriosamente, saudada pelo povo.

Uma banda vinha tocando, como nos dias tranquillos de festa, mas o estrondo da artilheria mal deixava ouvir a musica, já proxima. Erguendo-me nas pontas dos pés espiei por entre os hombros dos que me apertavam e vi, ao longe, a scintillação das bayonetas que um sol triste e pallido brunia; mas ainda vinham lentos canhões rolando e passaram até que a infanteria irrompeu.

Os soldados marchavam curvados ao peso das mochillas; paravam de vez em vez e ficavam marcando passo, num farfalhar continuo como se fôssem caminhando sobre a folhagem morta e secca dum campo. Vieram, em seguida, os voluntarios: todos moços, animados de um enthusiasmo que lhes transparecia nos olhos, que se accusava em todos os seus movimentos.

Seguiam para a morte como para uma apotheose, satisfeitos, orgulhosos, sem sentir o peso das armas sobre os hombros desacostumados, marchando com a regularidade dos veteranos longamente exercitados na paz e na guerra. Levavam os olhos altos fitando o povo, buscando, pelas janellas, um rosto veneravel de parente ou os olhos perturbados de lagrimas da noiva que os espera-

va para o adeus, o ultimo talvez. Das sacadas senhoras acenavam agitando lenços, afastando bandeiras de todos os paizes que tremulavam á brisa protegendo as casas, como penates santos retirados dos tabernaculos para defenderem o lar ameaçado.

Ao clangor das charangas possantes o enthusiasmo subia communicando-se ao povo que abria alas á passagem das tropas. Por ultimo foi um batalhão que desfilou ao rufo dos tambores, ao som vibrante das cornetas e, por muito tempo, ouviu-se o trepidar dos passos dos soldados. Olhando, então, para a rua tive a impressão estranha de um rio rutilo, a correr, tal era o brilho das bayonetas juntas, parecendo um so corpo luminoso, espelhento que fugia.

Jantei na cidade querendo esperar as ultimas noticias e, convencido da verdade falei, pelo telephone, ao Rodrigues para que fechasse o armazem e sahisse com os empregados.

Lentamente comecei a subir a rua do Ouvidor e quando cheguei ao largo de S. Francisco era tal a multidão que me detive um instante.

Um grosso tumulto de gente precipitava-se para os bonds, com algazarra; mulheres corriam arrastando crianças que choravam; outras, sobraçando embrulhos, seguiam com lentidão, arfando.

Uma velha, que caminhava em passo miudo e rapido, parou de repente, como assustada, e poz-se a olhar em torno, indo e vindo, estonteadamente. Veiu até junto de mim, mas voltou de novo para o largo e, com as mãos ambas na cabeça, num grande desespero, poz-se a chamar alguem, aos gritos. Os que passavam, surdos, numa ancia de salvação, empurravam-na e ella voltava-se olhando para todos os lados, sempre a gritar, afflicta; desappareceu como se a tivessem pisado os que corriam, mas os seus gritos ainda vibravam, mais longe, perdendo-se, a pouco e pouco, até que apenas teve o marulho do povo que abalava desordenadamente. E os bonds eram invadidos; senhoras iam de pé nos estribos, agarradas aos balaustres ou entre os bancos. Pobres mulheres levantavam nos braços crianceinhas tenras, embrulhadas em toalhas e pediam, por piedade, que lhes cedessem um lugar contando que haviam deixado o leito, que mal se podiam suster. Mas ninguem ouvia: o panico acossava a multidão como as tempestades nos desertos levam as caravanas batidas até a morte.

O povo, no seu egoismo brutal, batalhava pela vida, surdo a gemidos, atirando-se aos bonds com a ancia desensoffrida dos naufragos que se arrojam em massa á mesma barca fragil. Ás vezes

os cocheiros declaravam, travando os carros: «que os animaes não podiam.» Mas o povo irrompia em vozerio: «Que tocasse! Que seguisse!» Ameaçavam; e homens vinham impellir os carros ajudando os muares até que se moviam e, ganhando impulso, faziam vagarosamente a volta com um rangido agudo pelos trilhos. E outros bonds chegavam já apinhados, rumorosos. Carros eram disputados e, de todas as ruas, vinham ondas de gente, a correr, num escoamento ininterrompido.

Entretanto havia theatros accesos e justamente perto da praça Tiradentes, onde um foco electrico projectava o seu raio errante, havia bagagens empilhadas: canastras, malas, leitos como se vêm nas praias á chegada de uma leva de immigrantes; e num carrinho, encolhido, um aleijado gemia.

No céu a lua brilhava de espaço a espaço, libertando-se das nuvens negras, como se quizesse alumiar o caminho do exodo terrifico.

XI

Para chegar á casa tive de resignar-me á usura de um cocheiro de tilbury e posso dizer, sem exaggero, que subi entre duas alas de povo como por uma extensa alameda humana.

A cidade emigrava para os arrabaldes, os bonds passavam apinhados, iam carroças cheias, carros vagarosos, fechados, como se levassem enfermos e, nas ruas, era como um desfilar de procissão, ao luar. A's janellas das casas appareciam vultos contemplando a dolorosa hegira dos pobres que trilhavam os caminhos a pé, levando ao collo crianças adormecidas. Homens, vestidos com decencia, sobraçavam pesados embrulhos, pequenos levavam gaiolas, e cães seguiam os bandos como uma partida definitiva, abandonando uma cidade assolada pela peste.

De longe em longe, nos terrenos vagos, appa-

recia um pequeno acampamento, grupos internavam-se pelos capinzaes indo falar aos donos dos estabulos para que lhes permittissem pernoitar entre a herva onde os bois ruminavam, deitados tranquillamente. Batiam á porta das casas pedindo «por misericordia!» um abrigo e, descobrindo embrulhos, mãis desoladas mostravam criancinhas.

Entre os andaimes acolhiam-se familias; mulheres exhaustas deixavam-se ficar sentadas nos lagedos com pequeninos ao collo. Era a fuga precipitada, a mobilisação de um povo tocado pelo pavor.

Lamentei commovido esse triste espectaculo e o cocheiro suspirou:

— Isso não é nada, patrão! E contou-me que os trens da Central partiam atarracados; que havia diante da estação um tal accumulo de bagagens que mal se podia andar por ali. Nunca imaginara que o Rio tivesse tanta gente. Para a Tijuca eram incontaveis as pessoas que subiam, até em carroças de lixo, caminhando sempre, sem pausa, buscando um lugar bem alto, bem longe, onde não pudessem chegar as balas dos navios. E baixinho presagiou: «muita desgraça.»

Quantos doentes, quantas crianças não haviam de pagar com a vida aquella brincadeira! E con-

fessou: «Que antes de mim levara um casal para as bandas de Villa Isabel: a senhora sempre chorando, a pensar na casa, nos animaes que lá deixara, nos seus objectos de estima.» E aproveitou-se disso para pedir-me que o desculpasse — «não podia *tocar* porque o animal estava esgotado.»

Quando cheguei á casa, as duas senhoras deram graças a Deus, censurando-me por eu ter ficado na cidade até tão tarde, com risco de soffrer alguma coisa, e, confidencialmente, disseram-me: «Que a casa estava cheia. Não tinham podido negar: era uma pobre familia, com crianças, mocinhas solteiras e uma velha que mal podia com as pernas de tão inchadas. Vieram de bond e, como vissem gente á porta de casa, uma das mocinhas pediu, chorando, que as recebessem por uma noite. Que se havia de fazer? Estavam todos na sala de jantar.»

Quando appareci mamãi apresentou-me a uma senhora, ainda moça e sympathica, de physionomia triste, que accusava longos soffrimentos. Amamentava uma criancinha rechonchuda e linda; e apresentou-me ás irmans: duas meninas fortes, coradas, de grandes olhos negros e collo farto, posto que uma usasse ainda o vestido curto, e á mãi, uma velha que se sentara a

um canto, com as pernas estendidas, gemendo. Dois pequenos dormiam vestidos sobre cadeiras e a um canto havia um monte de embrulhos e uma cesta aberta cheia de roupa branca.

A senhora contou-me que morava para os lados da Saude, defronte do mar. O marido era embarcadiço, trabalhava em um dos navios da companhia; estava a chegar se o não aprisionassem lá fóra, como estavam fazendo. Sahira de casa sem destino, mas certa de que encontraria uma boa alma que se compadecesse da sua sorte. Um dos pequenos estava com febre, todas as tardes tiritava de frio e a mãi, nem ella sabia como a pobre velha resistira á caminhada, com a erysipela que lhe tornava as pernas pesadas como se fôssem de chumbo. Em casa passava os dias estirada na rêde, entretanto, com o medo, andara até a cidade, conseguindo um lugar num bond apezar do atropello.

Mamãi contou-me que, desde as cinco horas da tarde, passava gente, sem descontinuar; que os visinhos haviam agasalhado algumas familias e que o jardineiro lhe dissera, entrando, á noitinha, que uma pobre mulher dera á luz em plena rua, sendo recolhida pelos policias.

No céu turvo estendia-se, de instante a instante, como uma via lactea, o raio do holophote,

em direcções differentes, variando com a rapidez da flecha de um catavento que um vendaval desorienta.

O jardineiro seguia a claridade mostrando-a ora num ponto, ora noutro, comparando-a á cauda immensa de um cometa; por vezes desapparecia como se a absorvesse a treva.

As senhoras olhavam aterradas. A velha, com uma voz gemida, pedia explicações e amaldiçoava, lamurienta, descobrindo as pernas grossas, engelhada em refolhos.

Apezar da noite fria sahimos para o jardim onde as magnolias abertas rescendiam e ficamos numa contemplação muda, voltando os olhos para acompanhar no céu o pallor do raio errante que, por vezes, chegando aos montes, creava um luar ephemero galvanisando de prata o arvoredo escuro.

Mamãi e titia subiram para accommodar a familia e quando passei pela sala só lá estava a velha, estendida de flanco, a cabeça sobre a trouxa, as pernas núas, grossas como duas columnas. Até tarde, da janella do meu quarto, acompanhei com piedoso interesse a passagem do povo.

Noite alta, acordando, ainda ouvi falas na rua, passos que fervilhavam e uma cantilena longinqua. De manhan mamãi veiu despertar-me cedo

para que eu visse o «mundo de gente» que passava.

O terror havia estabelecido uma estreita solidariedade humana: não era um desfilar de grupos indifferentes, era a marcha assombrosa de uma grande familia, ligada pelo élo commum do mesmo sentimento. Todas as physionomias tinham uma igual expressão caracteristica, em todos os olhares havia o irradiar do espanto, a mesma angustia, a mesma anciedade: seguiam numa communhão de amparo reciproco, de encorajamento mutuo.

Todavia, numa carroça que passou solavancando, ia um grupo de senhoras e de crianças, com lenços pela cabeça, amparando-se ás oscillações, entre bagagens, rindo, como numa folia campestre, emquanto um papagaio, dançando sobre o poleiro da gaiola, em pleno sol, diante da extensa verdura dos campos, abria as azas, chalrando.

O sol subia, um sol forte de estio, e o calor já era intenso; emtanto pequenitos, as cabecinhas louras descobertas, iam adormecidos sobre os hombros dos pais ou aninhados ao collo das mãis. Os mais fortes seguiam a pé, explorando os matos, arrancando flores aos cercados; alguns comiam, babujando-se e a marcha seguia num derivar perenne, ora compacta, nos caminhos es-

treitos, ora derramando-se pelos campos como as aguas que, fugindo a uma garganta apertada, espraiam-se ganhando a vastidão folgada de um estuario.

Diante da minha casa uma familia arranchou-se debaixo da ramaria densa de uma mangueira: o homem, em mangas de camisa, parecia contente da boa sombra e cantarolava afundando na herva com a volupia de um animal que se espoja. Pequenos corriam com algazarra e duas mulheres fortes, nutridas, sentindo-se bem no fresco verdor da paisagem que lhes recordava, talvez, o campo natal, desembrulhavam pacotes e comiam ás gargalhadas, por verem o homem beber pela garrafa, deitado de costas na herva macia, sacudindo as pernas como um clown. Havia a alegria ruidosa de um pic-nic debaixo da velha arvore de sombra e um boi, espantado, rondava por ali, mugindo, olhando para a mangueira junto á qual costumava dormir ás horas mais quentes do dia.

Estavamos á mesa do almoço quando minha tia, depondo o talher, ergueu os olhos espantados: as duas mocinhas empallideceram e foi o jardineiro quem nos veiu annunciar, com a precipitação contente de quem traz uma boa nova:

— Que a coisa começara!

A velha entrou a gemer lamentosamente e um dos pequenos, agarrando-se ás saias da mãi, abriu num choro nervoso, esperneando. Levantamo-nos todos e sahimos para a varanda. Nos ramos, á luz fulgurante do sol, havia um festivo concerto de passaros e de cigarras, os jasmineiros carregados salpicavam a gramma de flores que rescendiam, as arvores tinham um viço exuberante, todas verdes, vistosamente enfolhadas, os flamboyants floridos pareciam sangrar rorejando os caminhos de gottas purpureas que lhes cahiam dos ramos irrequietos, e tudo em torno, por onde os olhos chegavam era o grande scenario da primavera com a sua pompa maravilhosa, apendoado de flores, reçumando a seiva eterna.

A natureza operava pacificamente desdobrando a sua força immortal como para responder aos desastres com a alegria infindavel do seu viver. O ar atroava surdamente, longamente, como num gemido — era o canhoneio ao longe. A morte passava uivando pelos ares, além!

O sol, do alto céu, muito azul, entornava o seu fluido cálido sobre o seio fecundo da terra creadora e, como uma nota singela de paz bucolica, num campo visinho, rinchavam carros, mugia o gado, cantavam capinadores ceifando, indifferentes á morte, mergulhados na doçura da

vida campestre, entre os verdes capins que as brisas ondulavam, diante da casa de taboas, coberta de palha, onde a mulher saloia tinha o berço do filho e a imagem venerada da Senhora, benzida na patria, na capellinha branca da aldeia, pelo mesmo vigario que a havia casado.

Os ribombos tornavam-se mais distinctos, com uma repercussão soturna no ar puro e translucido. Amiudavam-se os tiros e leves fremitos passavam pela casa com um tinir brando de crystaes. Eu sentia-me opprimido e, ao mesmo tempo, uma grande curiosidade crescia no meu espirito.

Dos bonds que subiam, os passageiros gesticulavam, gritavam para os que desciam: «Que voltassem! que a cidade estava sendo varrida á metralha. Que o *Alquidaban* e os frigorificos faziam um fogo vivo para terra respondendo ás baterias legaes. Que já havia mortos.»

Para a tarde os echos recrudesceram como se o canhoneio se tivesse tornado mais vivo, de parte a parte. A velha desatou num pranto lastimoso, atirando-se, de bruços, sobre a trouxa, cercada dos pequenos que olhavam idiotamente com os olhos rasos d'agua. Titia procurou consolal-a; ella, porém, irrompeu numa sentida queixa:

— Que havia de ser d'ellas? Tudo que tinham estava na casa pobre, á beira mar e, áquella hora,

com certeza, já não lhes restava um caco, nem a sua cama, nem os seus objectos, nem os seus trapos. Era uma crueldade! E aquelle homem tinha familia... era pai! Não podia comprehender que se fizesse tanto mal á terra onde se nascera. Se fôsse um estrangeiro... mas um filho d'aqui! Não podia comprehender. E os outros? tantos pobresinhos! tanta gente como ellas que só tinham os cacaréos, como haviam de ficar? Então isso era possivel? Haviam de pedir esmolas?

A filha animou-a sorrindo tristemente:

— Seria o que Deus quizesse. Não valia a pena estar com amofinações. Ainda se fôssem só ellas, mas todo o mundo havia de soffrer: outros perderiam mais. Tivesse paciencia.

Um dos pequenos começou a queixar-se de frio, tiritando; era o accesso febril. Mamãi, compadecida, levou-o para um quarto e uma das mocinhas acompanhou-o com o remedio.

E, cheio de apprehensões e de lagrimas, passou esse dia funebre e veiu uma noite sem astros, fechada num pesado luto de trevas, laivada, de longe em longe, pelo raio sinistro do holophote pallido como o Pavor, desfraldando-se no céu, maneira de um pavilhão livido de morte.

XII

No dia seguinte, cedo, a familia despediu-se, com muitos agradecimentos. A velha, arrastando as pesadas pernas, sahiu abençoando-nos:

— Que Deus nos désse todas as felicidades! Mamãi colheu um ramo de rosas para as mocinhas e, com pena de vêr partir a linda criança que se havia familiarisado com ella, teve-a ao collo até que o bond chegasse falando-lhe, amimando-a, sacudindo-a nos braços. Titia lembrou receitas para febres malignas e houve uma dadiva discreta, porque as senhoras agradeceram e eu vi a velha guardar na bolsa que levava alguma coisa que lhe dera mamãi.

Confesso que senti a partida tão rapida dessa gente desconhecida que se havia abrigado sob o nosso tecto, enchendo a casa de uma garrulice desusada, tão rara nesse concentrado lar de mo-

rosas séstas, de serões pacatos. Os olhos humidos dessa formosa mulher humilde haviam deixado em mim, (por que negal-o?) um fluido forte de sentimentalismo.

Se fôssem culpas os nossos pensamentos, o mundo seria um triste presidio de criminosos. Bem culpado seria eu então porque, desde a primeira vez que me encontrei diante dessa creatura simples, uma força estranha impelliu-me a querel-a, nasceu em mim uma grande vontade de possuil-a, de arrebatal-a para bem longe, podendo saciar-me na polpa vermelha da sua boca, revendo-me nos seus olhos profundos, tão grandes, tão languidos, que ella parecia sentir difficuldade em voltal-os entre as franjas longas das pestanas pretas.

Quando ella andava eu seguia-a com um olhar guloso e lubrico, analysando-a com o instincto cubiçoso de um sybarita, farejando-a como um carnivoro; e a sua voz, cançada e branda, amortecida como a de um enfermo, enternecia-me, sensibilisava-me irritando-me, ao mesmo tempo, como uma caricia sensual.

Mesmo á noite, no meu quarto, muita vez pensei naquelle corpo sadio e robusto de mulher do povo criada ao pleno ar, no trabalho e na miseria, tressuando um leve almiscar selvagem que enton-

tecia — era como um resto do aroma dos campos em que nascera que ella guardava na carne, expandindo-o como um lirio agreste trescala o seu perfume.

Bem differente de Annalia, mimosa flôr de estufa, pallida, franzina, essa outra tinha a belleza inculta, espontanea da natureza, com o seu collo alto, os seus quadris possantes, toda a construcção rija das mulheres fortes, nascidas para a procreação e para a luta. Mas, ao mesmo tempo, aquella criança e a idéa de que um homem andava sobre as aguas, com o espirito sobresaltado, mas cheio de suave confiança no lar onde devia repousar, entre as blandicias do filho e o afago da esposa, compensando-se largamente das agruras da vida errante, enchiam-me de um torturante remorso, de um grande nojo de mim mesmo como se, apenas com o pensamento, eu tivesse maculado uma honra e sacrificado uma vida.

Que espirito privilegiado é esse que póde sustar a imaginação quando ella desvaira? A gloria principal do homem está justamente em saber triumphar dos instinctos da besta que nelle vive.

Levei-a ao portão e, posto que no meu espirito se debatessem idéas taes, despedi-me respeitosamente, sem um olhar ao menos. Partiram. Fiquei, muito tempo, errando pela casa, profun-

damente resentido, soffrendo como se tivesse sido abandonado e acompanhei-a até onde me levou a imaginação excitada, vendo-a, sentindo-a e desejando-a.

A casa reentrou na antiga monotonia e no antigo silencio.

XIII

Os jornaes, descrevendo minuciosamente os successos do dia anterior, alarmaram o espirito das senhoras. Mamãi oppoz-se á minha sahida, zangando-se:

— Que era uma temeridade. Até parecia que eu a queria vêr morta porque, não ignorando que ella tinha uma molestia de coração, provocava aquelles choques. Uma loucura! metter-me na cidade quando tinha ali, nas folhas, a descripção dos horrores da vespera: gente nas ruas espatifada pela metralha, casas esboroadas... Que me deixasse de negocios, tinha muito tempo; primeiro a vida. Não era com a cidade bombardeada que eu havia de arranjar freguezes. Titia tambem resmungou:

— Que eu parecia uma criança; não tomava juizo. Aquillo era uma imprudencia. Que fizesse

como Luiz Farinha que lá estava muito tranquillo na Gavea, com a familia, comendo e bebendo. Se eu morresse, o dinheiro ficava para ali e outro havia de gozal-o. Tambem nem tanto assim.

Calei-me e recolhi-me ao quarto para vestir-me. Mamãi veiu soluçar junto á porta; tive pena e sahi jurando que voltaria do Mangue caso houvesse alguma coisa na cidade e disse-lhe em segredo: que tinha negocios urgentes, questão de letras, transacções inadiaveis num banco que só por mim podiam ser resolvidas. Mostrei-lhe a carteira, desembrulhei papeis, mentii, convencendo-a a muito custo e, com muitos e repetidos conselhos, deixei-as debruçadas á varanda, os olhos rasos d'agua.

Descia gente para a cidade — era o refluxo do oceano popular, a onda tornava ao seu leito. Mulheres desfiguradas, pallidas, em desalinho, caminhavam vagarosamente como se voltassem de uma peregrinação; e riam, todavia. Algumas contavam, como aventuras pittorescas, a noite passada em claro, ao relento, sobre a muralha de uma ponte, ouvindo a agua correr; outras, implacaveis, numa grande furia pelo abandono forçado do conforto domestico, pediam aos céus castigos tremendos, deixando aos cuidados de Deus a vingança cruel, mas, subitamente, rompiam a rir, a um segredo

cochichado lembrando um episodio, recordando uma peripecia comica da fuga. E a colera dissipava-se como uma nuvem que o vento esgarça.

No bond falava-se á meia voz, em mysterio, hombro contra hombro, com desconfiança. A cidade, emtanto, parecia nada ter soffrido; as ruas, á luz irradiante de um sol de ouro, fervilhavam de gente, como nos dias calmos de trabalho e paz.

Rodrigues friccionava os braços musculosos no lavabo quando entrei no escriptorio. Voltou o rosto, com as bochechas infladas. Vendo-me bufou um jorro dagua para a area e, arregalando os olhos, esfregando os braços com uma toalha, disse-me:

— Ah! senhor Josephino.... foi uma lição! E balançou a cabeça desconsoladamente: Nunca vi a morte tão perto como hontem. Que diasinho! E contou-me: Ficara em casa apenas com o cozinheiro, tendo mandado os pequenos para a Gavea com o major. Deixara-se estar porque, com franqueza, não acreditava naquellas historias de bombardeio. Ainda de manhan, á porta, caçoara de alguns que por ali passaram, fugindo. A rua ficara abandonada, nem uma casa aberta, mas nada de disparos, pelo contrario: um silencio de morte, como aos domingos.

Ás 11 e meia da manhan, depois do almoço, folheava um livro, quando ouviu o primeiro tiro muito surdo, longinquo — um barulho como o que faz um carro rolando por uma ponte, mas, pouco depois, foi como um raio, uma estralada medonha e a claraboia partiu-se, houve um pavoroso estrepito de vidros quebrados em toda a casa como se uma bomba tivesse estourado ali dentro e, ia levantar-se quando viu o cozinheiro aterrado, tartamudeando: que estavam a cahir balas na cozinha, e nas telhas havia um trepidar estranho como de graniso em borrasca.

Desceram ambos para o armazem. E, durante todo o dia, não descançara um momento, sempre á escuta, sem uma gotta de sangue. Felizmente lembrara-se da recommendação prudente de Luiz Farinha e sentara-se entre as pilhas de saccas, numa anciedade de sitiado esperando, a todo instante, a queda de um projectil. E cahiram.

Em cima, além da claraboia attingida, uma bala penetrara pela janella da cozinha e lá estava cravada no umbral de uma porta; via-se apenas um ponto preto como a cabeça de uma taxa. Na area havia outra que viera em ricochete arrancando a caliça das paredes e, até a noite, já deitado sobre as saccas, com todo o gaz acceso, ou-

vira o canhoneio sinistro, ora perto, ora longe, com um rebôo que gelava o sangue nas veias.

Os jornaes pouco diziam. Era impossivel que só houvesse aquillo que elles mencionavam... morrera muito mais gente, com certeza. Um horror! Estava arrependido, mas noutra não o apanhavam... nunca mais!

Ao cabo da narração, suspirou alliviado como se sahisse de um carcere sem ar e, de novo, arregalando os olhos, jurou com firmeza: Nunca mais!

Justamente encaminhava-se para a porta resmungando contra os pequenos quando elles appareceram receiosos, entrando pela casa como ovelhas num pateo de matadouro, mirando os muros com desconfiança e medo. Rodrigues, olhando-os d'alto, carrancudo, falou com severidade:

— Era melhor que se tivessem deixado ficar por lá! elle ali estava para cuidar de tudo. Só elle não tinha medo da morte, era de ferro. Mas um dos pequenos desculpou-se com Luiz Farinha que os havia retido para o almoço; e vieram falar-me humildemente, dando-me lembranças de Annalia e da boa senhora.

Vendo-os notei a ausencia do Celestino e, esquecido do incidente, perguntei por elle.

— Já está de farda ás costas, disse o Rodrigues tranquillamente. Metteu-se no batalhão *Tiradentes*, viram-no hontem de manhan o Maciel e o Nobre, muito lampeiro, num bando. E rindo: Mais dia, menos dia apparece-nos por aqui, arrependido. Deus queira que não seja hoje mesmo. Eu conheço os taes valentes.

O trabalho começou silenciosamente e, em todo o armazem, ouvia-se apenas o gorgeio dos canarios e o canto monotono e tristonho de um *mina* que repousava, estirado no chão, encostado á parede, entre pilhas de saccas.

XIV

Eram duas horas da tarde quando um menino appareceu no escriptorio, com uma carta, procurando-me. Rodrigues mostrou-me, elle avançou, pressuroso, limpando o rosto e disse que já me havia procurado em casa, chegando minutos depois de eu ter sahido, e, baixinho, com muito mysterio, explicou-me: que a carta era do senhor Forjaz.

Mirei-o vagarosamente e, antes de abrir o envólucro, perguntei:

— Está doente? e elle, por toda resposta, teve um gesto negativo, mas havia tal expressão de espanto nos seus olhos espertos de criança, que insisti em perguntar: Aconteceu alguma coisa?

Elle baixou os olhos sorrindo, a enrolar o lenço. Abri a carta: eram poucas linhas, numa letra cheia e firme e diziam: «Que elle estava em casa

de miss Mary, na rua do Lavradio. Tinha necessidade urgente de falar-me. Perseguiam-no, estava ameaçado de prisão, talvez de morte.»

Uma voz intima avisou-me: «Que não fôsse!» suggerindo-me a idéa de uma traição, e logo resurgiu na minha reminiscencia a figura do homem do *Londres*, sempre com os olhos faiscantes cravados no meu rosto.

Reli a carta e, deixando o menino junto á secretária, chamei o Rodrigues para um canto pondo-lhe diante dos olhos a folha de papel que tinha a um canto um ramo de myosotis:

— Que diz você? Rodrigues leu attentamente e, logo ás primeiras linhas, todo o seu rosto alegrou-se num largo sorriso:

— Historias! E' mais uma das delle. E, entre carrancudo e risonho: Mas quem faz caso do Forjaz? Ha lá alguem que o tome a sério? já não o conhecem? O que elle quer justamente é passar por suspeito para não vir aqui. Ora! perseguido! Mas quando expuz o meu pensamento, numa estreita intimidade confidencial, Rodrigues dissipou-o com agudeza e logica:

— Só se o traidor fôsse elle mesmo, Forjaz, porque a letra era delle; podiam conferir, os livros estavam ali á mão. Demais, que tinha a policia que vêr commigo se eu nunca me mettera em

politica? Não! ficasse tranquillo: não havia nada contra mim, affirmou. E logo ajuntou: — podia ir á tal casa sem receio, certo de encontrar o homem muito a gosto com a ingleza, cantando-lhe coisas ao piano. E lastimou: Que se não fôsse aquella maldita mulher Forjaz seria o primeiro guarda-livros do Rio. Mas era aquillo: volta e meia lá estava a derriçar, baboso e ridiculo, rolando pelos tapetes como um cão delambido. Era uma desgraça! Releu a carta e rompeu numa hilaridade ruidosa a exclamar: Que pandego! ora o homem! Com a resposta: «que eu iria», o menino, sempre a sorrir, despediu-se partindo apressadamente. Rodrigues, ao vêr-me prompto, veiu aconselhar-se commigo sobre a conveniencia de dormirem todos em baixo, no armazem; trariam os colchões apenas, mas sempre lhe parecia que ali estariam mais ao abrigo das balas, caso atirassem á noite. E quando sahi confirmou:

— Que eu havia de vêr o perseguido muito á fresca, mais a ingleza, na tal casa dos deboches.

XV

A tarde, suavemente morna, afagava. Pelo céu, em parte azul, esbranquiçado e estriado d'ouro em parte, nuvens pandas, alvissimas, subiam com a lentidão dos cysnes quando nadam. Uma aragem fresca e affavel soprava.

No commercio havia a mesma animação, carroças desciam as ruas, carregadas, rangendo; homens curvavam-se azafamados; até pareceu-me maior o movimento nesse dia do que de ordinario áquella hora da tarde, pelo facto, talvez, de eu ter passado a vespera recolhido, na tranquillidade e no silencio da casa, entre os meus canteiros floridos.

Caminhava com vagar, o espirito disperso, quando ouvi o retumbante ribombo de um disparo, ao longe, e outro logo em seguida e outros

successivamente. Era o canhoneio no mar, eram os fortes que atiravam respondendo á artilheria possante do couraçado; e houve como um pasmo entre todos: homens paravam procurando orientar-se na direcção dos tiros, outros amiudavam os passos, e os disparos continuavam, ora distanciados, ora proximos, ás vezes com um estrepito secco como o de um canhão que estala e vôa em estilhas.

Pouco a pouco o povo foi-se tornando indifferente, as physionomias readquiriram a serenidade calma; e os estampidos reboavam sem descontinuar, vivissimos, formidaveis. Havia trepidações como se o solo tremesse e a vida corria alegremente, tranquillamente, na preoccupação ambiciosa da fortuna com o ruido do enxame que trabalha e zumbe. E eu, animado, subi sem pressa, em direcção ao bond que me devia levar ao ninho de amor onde Forjaz buscara asylo.

Era além da policia e, quando passava diante dessa casa, o bond parou, despejando mais de metade dos passageiros. Fiquei numa evidencia compromettedora, isolado num banco, sob o olhar vago da sentinella. O saguão borborinhava como um pateo de mercado com o entrar e sahir de homens que se empurravam; reluziam armas e botões de fardas e, por um largo corredor, pro-

fundo e sombrio como um tunel, vinha um soldado lentamente, puxando um cavallo pela rédea.

Felizmente rodámos e, com uma pancada forte no coração, apeei diante da casa que tinha o numero indicado na carta de Forjaz. Subi. Uma cadelinha branca, felpuda, como um desses carneirinhos de páu feitos em Nuremberg, appareceu no alto, ladrando, arremettendo. Mas o menino que me levára a carta ao escriptorio, veiu receber-me, seguindo diante de mim para afastar o pesado reposteiro do salão.

Era quasi noite ali dentro e só quando o menino abriu de par em par as janellas, arejando, illuminando o interior, pude olhar, pude vêr. Era pequena a sala e tão accumulada estava de ornamentos que mal se podia andar, de um para outro lado, sem esbarrar em cadeiras, em puffs, em almofadas.

Ao centro, uma grande ave, de bronze escuro, esticava o pescoço comprido e esguio. Pelas paredes era grande e bizarra a profusão de leques e de ventarolas. Quadros, em molduras caras, mostravam campos verdes, malhados de rebanhos, mares por onde fugiam barcos e uma gravura triste representava, sobre um fundo negro, o corpo branco e nú da Magdalena, deitada, com os cabellos esparsos pelos hombros, lendo, com affli-

ção, um grande livro aberto ao lado de uma caveira.

O chão era um só tapete, alto e verde, florido como um gramado. Ia-se por elle maciamente, em passos molles e abafados e os pés, de espaço a espaço, mergulhavam em felpas de pellegos fofos côr de gemmas d'ovo e de purpura. Os moveis, vestidos de housses, alvejavam em uma frescura aceiada de linhos; apenas um banco, para repouso dos pés, redondo e baixo, de um vibrante brocado amarello, brilhava como a peanha de ouro de um altar. As janellas tinham cortinas diaphanas e leves, d'entre as quaes pendiam, como pequenos ninhos, *corbeilles* de parasitas e, dispersamente, pelos cantos, havia uma lyra de flores, vitrinas de *bibelots*, um cavallete de ébano sustentando um quadro de moldura de ouro, onde o rosto formoso e joven de uma mulher sorria dentro de uma aureola de cabellos louros e de rosas. O piano estava faustosamente coberto por um panno de seda e, por tráz de um pesado reposteiro que cahia direito, sem uma ruga, devia ser a camara de amor com o leito lúbrico.

Era ali que Forjaz passava os dias de «enfermidade», quando mandava cartas desesperadas queixando-se de «hepatites e enxaquecas.» Era ali, rolando por aquelles tapetes, nú, como um sa-

tyro, agarrado ao corpo ardente da ingleza, alvo como os marmores, numa orgia pagan, sem vêr o sol, sempre mergulhado na profunda noite que tão bem faziam aquelles pannos espessos, arriados, como estavam, á minha entrada.

Eu esfregava os pés voluptuosamente no tapete, sentia as mãos humidas, pensando nos desregrados prazeres desse casal amoroso: ella toda núa, abandonada, como uma corça, ás caricias brutaes do amante, gemendo de gozo, os olhos semi-cerrados, a boca num desvairamento, pedindo beijos com a ancia com que os implumes, no ninho, pedem o cibato aos pais. Talvez estivessem enleiados ali bem perto, num derradeiro excesso. Parecia-me ouvir chuchurreios de beijos, um sussurro terno de palavras tremulas, quando o reposteiro afastou-se e vi apparecer Forjaz correctamente vestido.

Veiu direito a mim, com os braços abertos, para estreitar-me de encontro ao peito agradecido e, baixinho, como numa confissão, sussurrou: «Muito obrigado, meu amigo!» Sentámo-nos e Forjaz, todo inclinado, disse-me:

– Estou perdido, meu caro senhor Josephino! E encarou-me, como á espera de uma resposta. Vendo-me, porém, calado, continuou, numa voz surda e commovida:

— Tive aviso hontem, á noite, pelo Louzada, um capitão de artilheria, com quem costumo andar. Creio que o senhor já me viu com elle... um alto, louro? Affirmei vagamente. E Forjaz continuou: Estava ceiando com Mary, num gabinete do *München*, quando elle entrou inopidamente, batendo com a porta. Sabia de tudo e disse-me que tratasse de sahir quanto antes, que deixasse o Rio, porque andavam á minha procura; havia denuncia contra mim na policia: dizia-se que eu era correspondente dos revoltosos, que fôra visto em uma casa da rua da Lapa com um official de marinha que partiu hontem para o *Aquidaban*... e o diabo!

Tudo falso, meu caro amigo, tudo mentira. O senhor conhece-me, sabe muito bem que brinco, gosto de fazer a minha pilheria, dou a minha piada de vez em quando, mas no fundo sou um indifferente: tanto se me dá que vençam os de terra como que triumphem os do mar, porque, em summa, isto não é o meu paiz. Não tenho nada que vêr com a politica, estou aqui para trabalhar e só. Quero que me deixem em paz e com o meu bom humor porque, lá pelo facto de estar a esquadra a mandar granadas para a cidade, não me hei de metter em uma cella, d'estamenha monastica, a desfiar rosarios e a remoer preces para

que não venham abaixo os edificios nem fique toda a gente estripada nas ruas. Sou suspeito, ahi tem.

Procuram-me e aqui estou, privado de sahir, tolhido na minha liberdade por uma denuncia perversa de algum inimigo gratuito, de algum desaffecto, porque os tenho, como o senhor, como toda a gente. Mas... quer que lhe diga? eu sei de onde tudo parte. Não ha politica, não ha suspeito de connivencia com revoltosos, não ha official de marinha... Quer que lhe diga a causa desta perfidia? Fez uma cara de nojo e meneando a cabeça, disse: E' uma miseria! uma vergonha! Mas, rapidamente, voltou-se e, esticando o braço, mostrou-me o reposteiro que um vento brando tufava: A causa está ali! *la femme, voilà!* Accendeu um cigarro e proseguiu: Anda por ahi uma especie de aventureiro, um tal Vargas, typo de campino, musculoso, moreno, sempre abarrotado de bacalhoadas e de estupidez, com umas polainas brancas onde devia trazer grilhetas, que é hoje influencia, grande influencia! E foi levantando o braço com um trepidar de castanholas. Deram-lhe um posto e o bandido que, desde muito, andava a bater a calçada revirando os olhos de batrachio para a Mary, sem que ella lhe désse a minima importancia, porque é limpa e tem joias, enfureceu-se, vendo-me feliz com ella, sempre um-

dos, como um casal legitimo, porque vivemos bem: ella comprehende-me, tem espirito, uma linda cabeça e eu... Sorriu, mas logo investiu, num assomo, um dedo espetado, ameaçador como um florete: Eis a causa! Agora diga-me, meu caro amigo: hei de abandonar a pobre rapariga, para que me deixem em paz? Isso nunca! bramiu. Nem que me ameacem com todas as carabinas que por ahi andam. O tal Vargas entendeu lá de si para si que, para conquistar as boas graças da rapariga, havia um meio facil: denunciar-me, para que os esbirros viessem buscar-me aqui, atirando-me para o fundo de uma enxovia, como um criminoso e, emquanto eu apodrecesse, elle, senhor da praça, refocilava no leito fofo e morno, satisfeito e feliz, dormindo sobre linhos lavados, junto de um corpo formoso de mulher.

Escreva, meu caro senhor Josephino: foi esse sujeito o meu denunciante. Mas diga-me: que hei de fazer? Se saio á rua, prendem-me; mesmo porque, emfim, com essa historia de estado de sitio, não ha garantias. Jesus, que viesse ao mundo, seria agarrado pela segunda vez. Ahi tem o meu caso. Mary, coitada! desfaz se em lagrimas, quer que eu saia, que va para Minas... Ergueu-se e, de dentes cerrados: Mas o patife! Ah! isto ha de acabar e esse bandido verá, então, que não

tenho braço apenas para conduzir damas, sei muito bem como se arranca um dente com um murro. Nem o Terror em França!

E, esfregando a nuca, poz-se a passear por entre os moveis, bradando:

— Decididamente isto é um paiz inhabitavel! Antes a Africa! mil vezes a Africa! Ha mais liberdade no alto Sudão do que nesta terra de palmas verdes! Irra! até faz nojo, palavra de honra!

E derreou a mão fechada sobre as costas da ave de bronze que estremeceu com um som de campana abafada.

Foi Mary quem o veiu abrandar apparecendo com um roupão de velludo côr de vinho, os cabellos soltos, de um esplendido louro fulvo de occidente, com a languidez e a morosidade de uma Venus saciada. Examinei-a cúpido, notando-lhe as curvas sensuaes do corpo flexuoso, a alvura lactea da carne, a côr etherea dos olhos grandes, tristes e voluptuosos como uma noite de luar.

Forjaz apresentou-m'a e Mary, descortinando a boca num sorriso, fez-me entrever os pequeninos dentes alvos, miudos, tão estreitamente unidos que faziam como dois parapeitos de marfim á entrada desse oloroso templo de amor onde os beijos são idolos.

Mary, numa graciosa pronuncia, cheia de rr, affirmou as suspeitas de Forjaz:

— Todo o mal vinha desse *coquin* do Vargas, um miseravel que vivia á custa de mulheres, que até lhes batia. Ella nunca o aceitára, não podia atural-o: sempre suado, repugnante, com aquelle ar pimpão de porta-machado. Achava prudente que o Forjaz sahisse para Minas. Passaria um mez em Juiz de Fóra ou em Barbacena e ajuntou, como para consolal-o: que iria, de quando em quando, passar um dia com elle ajudando-o a comer o pão do exilio.

Mas Forjaz, com a idéa de partir, enfureceu-se:

— Não sahia! Então se o tal Vargas entendesse mandal-o para a Guiné, como um calceta, havia de seguir? Isso não! Tinha provas e, se havia juizes nesta terra, mostraria que o criminoso era o Vargas, que pretendia explorar uma pobre mulher, afastando de junto della a unica pessoa que a protegia. Estava disposto a ir falar ao chefe. Mary, porém, num grande assomo de paixão, receiando perdel-o, oppoz-se.

— Não! se elle fôsse á policia agarravam-no. Isso não! O melhor era partir na manhan seguinte, com um salvo conducto qualquer. Quem o conheceria em viagem? Ali não podia ficar

muito tempo, porque podiam varejar a casa e leval-o á força. Mas Forjaz, curvando-se todo como para atirar um bote, espetou o chão com o indicador, silvando:

— Aqui?! Aqui?! Ergueu-se. Aqui não entra um! tenho um revólver e, emquanto não me faltarem capsulas, nenhum bandido põe o pé nesta casa. Que diabo de crime tenho eu? Cruzou os braços e perguntou de novo: Que diabo de crime tenho eu? Bolas! Então uma mulher não póde amar um homem? E' a constituição ou o codigo que prohibe o amor? Bolas! Bolas! Mary disse simplesmente:

— Acho que deves partir, resignado ou não. Forjaz calou-se. Houve uma pausa longa.

Mary, as mãosinhas repousadas no regaço, fitava-me com uma incomparavel doçura nas pupillas cheias de claridade e humidas. Eu sentia-me molle, quebrantado sob a influencia daquelle olhar; e falei inspirado por elle:

— Que Forjaz faria muito bem sahindo: um mez corre rapido. Para que havia de ficar, sujeitando-se a uma desfeita qualquer? A justiça andava muito preoccupada, não tinha tempo de examinar as questões com o necessario cuidado: procedia summariamente. Era melhor sahir. Mary voltou então os olhos para elle, dizendo:

— E agora tens ainda alguma coisa a allegar? Não querias sahir porque o senhor podia zangar-se. Elle aqui está e é o primeiro a aconselhar-te.

Comprehendi, então, os receios do guarda-livros e pressuroso, mais para ser gentil com a formosa rapariga, ajuntei:

— Que fôsse descançado. O seu lugar ficava garantido, era um motivo de força maior. Podia seguir sem receio. Forjaz encolheu os hombros e suspirou:

— Pois sim!

Mary, como para festejar a resolução do amado, offereceu-me um copo de cerveja e, antes mesmo que lhe respondesse, foi á porta e apertou o botão da campainha. O pequeno acudiu esbaforido, ouviu-a e desappareceu pelo corredor, aos saltos. A conversa cahiu então sobre a revolta. Mary contou-me a sua peregrinação no dia 13 — fugira para o Corcovado e num canto de paisagem, no caminho do Sylvestre, passara o dia com o Forjaz, ouvindo as aves e o canhoneio. Tinha uma bala de fuzil que lhe cahira em casa e ia mandar fazer um berloque para a pulseira.

Forjaz ficou maravilhado sabendo que o Celestino estava alistado como voluntario; e pedia novas do major. E até ás 4 ½ da tarde discuti

mos, commentámos os tristes successos do momento.

Atiravam. Mary suspirou pelos infelizes, pelos pobres que eram os que mais soffriam com tudo aquillo. Forjaz, com a furia de um prophéta que tudo amaldiçôa, ameaçou:

— Que isto ainda acabava como Alexandria. Haviamos de vêr o pavilhão inglez desfraldado na alfandega. John Bull estava nos mares farejando a occasião opportuna para mostrar as garras. Podia jurar, porque sabia de fonte limpa que os inglezes communicavam-se com os revoltosos: forneciam-lhes carvão, polvora, projectis, até dinheiro. Eram elles que lhes davam avisos e, nos escaleres da esquadra dos lobos do mar, ia de terra, todas as manhans, a correspondencia para o Custodio. A policia, se em vez de andar a perseguir o povo, fôsse ali para o cáes das Marinhas, havia de descobrir bellas coisas. Inglezes? uma sucia! fiem-se nelles... Não mettem prego sem estopa.

Mary sorriu e eu, para dizer alguma coisa, observei:

— Que ali estava uma ingleza que amava o Brasil. Ella levou a mão ao peito e sacudiu-se enternecida. Forjaz acudiu:

— Uma irlandeza, meu amigo. E' de Dublin,

uma victima da garra rapace do leão britannico. Detesta a Inglaterra como o polaco detesta a Russia. É caprichoso: Nem eu seria capaz de entregar-me a uma mulher de Londres: estrangulava-me para arrancar-me a ultima meia libra. O symbolo da Inglaterra é Jack, the Ripper. Deus me livre! Levo o meu patriotismo ao extremo e não esqueço o que esses sapatorras fizeram ao meu Portugal... Ah! mas viram-na bonita. Estive em Africa, senhor Josephino, vivi muito tempo com um inglez: deixou-me a pelle porque eu tinha uma carabina á cabeceira. Não me illudem... Fazem como o leão da fabula quando se apresentam como protectores. Da Inglaterra os poetas, ainda assim... traduzidos... E note que falo o inglez, mas detesto a lingua, tanto que, aqui em casa, só fazemos gasto de francez, eu e Mary. Eu, por odio; ella, porque atravessou a Mancha com quatro annos. Perguntei á Mary:

— E nunca mais voltou á Irlanda?

— Nunca mais! disse ella tristemente elevando os olhos, balouçando a cabeça.

Despedi-me de Forjaz com um abraço forte ficando com o seu juramento — de que partiria na manhan seguinte. Mary, na escada, apertou-me a mão com força e o seu adeus foi tão suave, seus olhos fitaram-me com tanta magua que senti

não poder ficar mais tempo ouvindo-a, falando-lhe até que ella, enlevada, aproveitando uma sahida de Forjaz, viesse, voluntaria e apaixonadamente, encostar á minha boca os seus labios côr de sangue. Parti saudoso.

XVI

No dia seguinte, porém, logo ao entrar no escriptorio, Rodrigues entregou-me uma carta que trazia no envólucro, em letra miuda, a nota «Urgente.» Abri: era de Mary e dizia em linhas recurvadas:

«Je vous attends, monsieur. Ce pauvre ami a été arreté, hier soir, chez moi, sous le lit oú il s'était enfouit. Je me sens mourir de peur. Venez. — Mary.» Sem mesmo entrar no escriptorio mandei vir um tilbury e parti para a rua do Lavradio.

Mary recebeu-me soluçante. Vestia o mesmo roupão da vespera e os seus cabellos fartos faziam-lhe sobre a cabeça uma pequenina torre de ouro. Levou-me logo para a sala, desolada como Andromacha, no poema de Homero, quando corre a molhar de pranto o corpo amado do esposo

que vem sangrando, no escudo trazido piedosamente pelos guerreiros fieis.

Pedindo desculpa do desarranjo da sala, profanada na vespera pelos beleguins, Mary offereceu-me uma cadeira e sentou-se, mas tão perto de mim, que eu sentia-lhe o halito e, por vezes, os seus joelhos roçavam nos meus num contacto rapido que apenas me agitava com a centelha fugace de uma pilha. E assim, juntos, na penumbra excitante da sala, ella foi desfiando com sentimento todos os episodios da prisão do amante.

«Pouco depois da minha sahida, justamente começavam a arrumar a mala, quando o pequeno, assustado, communicou-lhes que estavam dois policias á porta e dois homens fardados vinham subindo a escada. Bateram, e os tres, sem animo, ficaram a tremer no quarto, até que ella, com o intuito de salval-o, teve a lembrança de o fechar no guarda-vestidos. Mas oppoz-se, sempre teimoso, achando ridiculo metter-se em um movel.

Tomou o revólver. Mas os homens batiam com furia, e ella, para que não desconfiassem, foi recebel-os, fingindo um grande espanto ao vêr o Vargas armado, em companhia de um cabo. Embaixo, effectivamente, estavam dois policias.

O Vargas, sem mesmo tocar no boné, foi logo perguntando pelo Forjaz:

— Que ella não negasse. Sabia que elle estava ali mettido e havia de leval-o, custasse o que custasse. E, sem pedir licença, foi entrando, de boné á cabeça, arrastando a espada, pisando os tapetes com os sapatos sujos de lama. Vendo que se encaminhavam para o quarto onde se achava Forjaz armado e disposto, ella quasi desmaiou, e não foi sem surpresa que viu os dois homens entrarem sem que um tiro os repellisse. O Vargas berrava pelo Forjaz, ameaçando-o, e ella dizia lacrimosa:

— Que não estava ninguem ali... Quando o cabo, que se agachara, começou a falar para baixo da cama: «Saia, cidadão.»

O infeliz estava descoberto e sahiu. O Vargas, de espada em punho, rindo com escarneo, começou a insultal-o. Deram-lhe apenas tempo de apanhar o chapéu e lá o levaram, com injurias, como se fôsse um assassino. Elle, da escada, voltou-se ainda para atirar-lhe um beijo e pedir cigarros. O Vargas ficou para a busca e andou revistando a mala, as gavetas, recolhendo papeis. Por fim, como ella o repellisse, porque tentava abraçal-a, enfureceu-se, ameaçando-a tambem com o carcere e abalou dizendo:

— Que podia rezar pelo bilontra que ia dali elle bem sabia para onde. Deixou tudo

em desordem: roupas pelo chão, moveis abertos.

E Mary, para que eu visse o resultado das brutalidades do Vargas, ergueu-se convidando-me a entrar no quarto. Acompanhei-a.

O leito, ainda por fazer, era alto e vasto, com grandes almofadas, flanqueado pelos pesados pannos de um baldaquino que lhe dava o aspecto real de um solio. Sobre um divan escarlate alvejava, abandonada, uma camisa fina de cambraia e um pé de meia preta escorria murcho pelo respaldo. Sobre o tapete, que era uma pelle de raposa, estavam as sandalias vermelhas, acolchoadas, com estrellinhas de ouro e não parecia que por ali houvesse passado a devastação de uma busca. Mary encostou-se ao leito, eu via-lhe o rosto, e o espelho do lavatorio, em frente, reflectia-lhe a nuca que nella é alva como o jaspe e levemente dourada pelos cabellos louros que fremem, numa penugem macia, como um pouco de sol num trecho de columna.

O ambiente capitoso desse interior velado tinha a fragrancia activa das essencias e leve, num effluvio subtil, pairava um perfume humano, transpiração de carnes aquecidas, talvez a exhalação do leito onde dormira núa, desgrenhada, na tepidez enervante das pesadas colchas, Mary, que

me fitava com os olhos enternecidos, repousando o corpo de tal geito que o velludo, numa indiscrição perversa e lubrica, modelava-lhe as fórmas rijas, arredondadas, como as do corpo immarcessivel de uma deusa.

Sentia-me invadir pouco a pouco por uma dormencia molle, como uma embriaguez que, lenta e traiçoeiramente, fôsse apagando, uma a uma, todas as luzes do meu espirito. Ia esquecendo os factos e todo eu, num extase de volupia, vibrava e tremia. E, sem coragem de fugir, gozando esse soffrimento, sentei-me no divan exhausto, sem halito, afastando a camisa que ali estava, alvoroçante e branca como uma nudez.

Toda enlevada na saudade, Mary esqueceu-me. Sentou-se no leito e os seus pequeninos pés ficaram suspensos, balançando-se. Por vezes o roupão abria-se-lhe no collo e ella, pudica, cerrava-o pressurosa. E, calados, quedámo-nos muito tempo, porque deixei que lhe descessem pela face duas lagrimas grossas que se lhe derramaram dos olhos crystallinos.

Num movimento rapido, voltando-se, toda a cabelleira desprendeu-se-lhe espalhando-se pelo collo e pelo dorso em catadupa jorro d'ouro, e ella teve um sorriso contrafeito agitando a cabeça com uma fulguração de multiplos relampagos,

queixosa: — que não podia com aquillo, ia cortar a metade; nem se podia pentear. Foi ao espelho e começava a enrolar a cabelleira quando falei do Forjaz:

— Se havia algum motivo, estranhando que o prendessem pelo simples facto de viver com ella. Havia, por certo, uma outra causa, ella devia saber.

Ella acenou, affirmando. Veiu apressadamente, sentou-se a meu lado e começou a narrar, com mysterio, como se nos pudessem ouvir. Mas tão perto collocou-se de mim que os seus cabellos, que cheiravam a musgo, vinham afflorar, por vezes, o meu rosto com uma caricia de pluma. Ella, porém, nervosa, logo os afastava para as costas:

— Forjaz era indiscreto, disse, de uma indiscrição exagerada que, ás vezes, chegava á mentira. Tinha sempre uma noticia a dar; annunciava o movimento da esquadra, conhecia todos os planos dos revoltosos e, em toda parte, dizia que o governo estava perdido, que não podia resistir muito tempo, que o povo, com o bloqueio, privado de generos, tomaria o partido dos revoltosos, que os estrangeiros protegiam francamente a esquadra.

Nos theatros, nos botequins, em toda parte falava sem reserva, mostrando cartas, citando no-

mes. Dizia-se indifferente: lá fóra, emtanto, apezar das recommendações que sempre lhe fazia, tinha orgulho em apresentar-se como federalista. A' tarde, nos cáes, quando começava o canhoneio, não se fartava de elogiar o *Aquidaban*, enthusiasmava-se, annunciando sempre os destroços das balas do couraçado nos fortes.

Uma vez, na praia do Flamengo, quasi provocara um conflicto por dizer que o Custodio fazia tanto caso das fortalezas que era até capaz de ir com o seu navio ancorar entre ellas arrazando-as com quatro ou cinco tiros. Não fazia segredo, dizia publicamente as suas opiniões e, em casa, quando ella o aconselhava, dava de hombros, com desdem, dizendo sempre:

— Que falava por falar. Tanto se lhe dava que o *Aquidaban* derrubasse as muralhas de Santa Cruz como que fôsse a pique. Não tinha nada com essas coisas.

O certo, porém, é que escrevia cartas. Não sabia se as mandava, mas uma noite arrancara-lhe uma das mãos, muito longa, dirigida a um revoltoso, Pinna, na qual dizia que o melhor ponto para o desembarque era a praia do Russell. Queimara-a. Escrevia muito, mas não mandava as cartas a destino algum, ella tinha certeza porque, em uma das gavetas do étagére da sala de jantar,

uma manhan, encontrara mais de seis, umas dirigidas a officiaes de marinha, outras a um jornal do Porto. Era uma mania. Nem elle conhecia officiaes de marinha. Escrevia á tôa.

E suspirou com saudade: «Pauvre ami!»

Vendo-a assim, levantei-me para sahir: «Ia tentar alguma coisa pelo Forjaz», disse. Ella, porém, numa voz flebil, dormente, elevando os grandes olhos voluptuosos, já enxutos e irradiantes, perguntou:

— Então já?

Não tive uma palavra, fiz um gesto apenas e emmudecidos, extasiados um no outro, ficamos largo tempo. Ella sorriu por fim, estendeu-me a mão em abandono, magnetisando-me com o seu olhar onde havia como um languor suave de somno, deu-me a outra mão e brandamente attrahiu-me esmorecendo, balbuciando. .

XVII

Quando me desprendi dos braços brancos de Mary, saciado e feliz, trazia nalma uma leve sombra de remorso que toldava a minha immensa alegria: Annalia! Mas o amor puro luziu triumphando com o esplendor magnifico de um sol, e, tranquillo de consciencia, recahi na realidade, esquecendo a tortura sensual daquelles instantes de delirio, e só pensei em Forjaz, mas intimamente sorria, num orgulho vão e torpe como, talvez, sorrisse o Vargas, na manhan seguinte, descendo as escadas da casa amavel da irlandeza, cofiando os bigodes perfumados pelos seus beijos. E, como para resgatar de algum modo o meu crime, dirigi-me á policia para falar a Julião Saboya, meu visinho e antigo collega nas arcadas claustraes do mosteiro. Era primeiro official da secretaria.

Desde o saguão era grande e rumoroso o amontoado de homens. Pelas escadas, que rangiam, gente encontrava-se azafamada, esbaforida: uns que galgavam os degráus, outros que desciam com a precipitação de evadidos, encalmados, bufando.

Subi; e, como me dissessem que era ao fundo a secretaria, atravessei uma sala escura onde um homem mirrado tossia, encolhido a um canto, com um lenço em volta da cabeça. Os olhos agoniados luziam no fundo escaveirado do seu rosto livido, hispido de barba e os braços flaccidos cahiam-lhe abandonados ao longo do corpo num derreamento de morto. A cabeça, encostada á parede, oscillava com afflicção. Olhei-o e vi que os seus olhos choravam.

Segui por um corredor lançando olhares curiosos a cubiculos onde havia gente. Num delles, que tinha um carrancudo soldado á porta, um sujeito calvo, barbado, passeiava de um lado a outro, resmungando e uma mulher, atirada sobre um sofá, debulhada em lagrimas, gemia, afagando a cabecinha loura de um pequeno.

Ainda era ao fundo, á direita, disse-me o soldado. Segui, alcançando uma varanda onde era continuo o desfilar de gente, indo e vindo, como formigas por um trilho fino. Em baixo era o

pateo — cavallos sellados batiam as patas, soldados passeiavam fumando, arrastando espadas e um povaréu ancioso murmurava sofrego como se quizesse forçar a porta estreita que uma sentinella guardava.

Segui e, guiado por um crioulo, penetrei na sala profunda onde o Saboya trabalhava. Viu-me: justamente sahia com uma senhora, muito curvado, muito attencioso e, de longe, acenou-me sorrindo para que esperasse. Quando se viu livre veiu apressadamente, as mãos estendidas — «Que desculpasse, aquella era mulher de um major» e logo affirmou: — Que sabia do motivo da minha visita áquella casa; e, com um ar de triumpho, sussurrou: é o Forjaz.

Affirmei; elle, então, arrastou-me para o canto de uma janella e, cruzando os braços, baixinho, perguntou:

— Que era aquillo? Cahira das nuvens! Nunca julgara aquelle moço capaz de tamanha tolice. Era um trocista, tinha mulheres; era natural!... mas que se mettesse em conchavos com os revoltosos... custava a acreditar. E, como eu lhe pedisse informações, disse-me que elle tinha panno para mangas. Estava compromettido até os olhos, não só elle, muitos outros, muita gente boa e de... esfregou os dedos arregalando os olhos para con-

cluir num sopro: cobre...! O Vargas descobrira em uma maleta cartas, notas... o diabo! que provavam, á evidencia, a sua cumplicidade e mais ainda — que havia em terra muita gente que até dinheiro fornecia aos revoltosos.

Sorri lembrando-me das palavras de Mary, e disse:

— Que o Forjaz era um louco. Não tinha correspondencia alguma com os revoltosos. O que elle queria era o seu monoculo, a sua Mary, os seus palpites no Derby, as ceiatas... pouco se importava com a politica. Falava á tôa e aquellas cartas escrevia-as para expandir a loucura, eram como derivativos de insania. Se até traçara pacientemente um plano de desembarque desenhando os navios, os escaleres, distribuindo a força, convencido de que se o Custodio operasse conforme as determinações estrategicas que traçara, poria, num momento, em debandada a gente do governo, assenhoreando-se dos pontos fortificados, ficando a cavalleiro da cidade, podendo impôr. Isso me contara Mary, brincando com as pontas dos meus bigodes, rindo se com a lembrança do delirio do amante quando, depois de concluido o plano, convencido da grandeza da sua concepção, começou a marcar com pequeninas bandeiras brancas todo o littoral que semeara de

arvores e trincheiras. E tantos riscos traçou mostrando a trajectoria dos projectis da esquadra que esse terrivel plano desappareceu, felizmente, sob uma espessa camada de tinta preta. Era um sonhador, um doente, nada mais.

Julião Saboya acenou negativamente com o dedo diante do nariz:

— Que eu tivesse paciencia, mas ali havia marosca. Não podia admittir que um homem escrevesse tantas cartas para atiral-as, depois, á cesta dos papeis.

Lembrei-lhe então o Alvaro, um condiscipulo nosso, que falava só horas e horas, dialogando, discutindo, chegando ás coleras mais violentas ou ás hilaridades mais escandalosas, durante os seus passeios contemplativos ao longo do pateo interior do mosteiro. Esse até calculava a lapis os juros fabulosos da sua fortuna imaginaria e, preoccupado com os milhões, julgava-se tão superior aos companheiros que mal os cumprimentava, sempre resmungando sommas.

— Mas acabou louco, disse Julião.

— Não ha tal: vive perfeitamente numa cidade de Minas, tem familia e as suas terras são ricas. Falava para illudir-se; fazia do sonho um interlocutor. O Forjaz escreve, é a mesma cousa; a loucura é a mesma sob outro aspecto.

— Não sei! fez Julião encolhendo os hombros, elle está em máos lençóes, é tudo quanto te posso dizer. E ha de ser muito difficil provarem que escrevia cartas para divertir-se. Olha, eu por mim... não creio. Póde ser.

E, como eu perguntasse se não seria bom falar ao chefe, Julião recuou esgazeado, oppondo-se:

— Absolutamente! Estás louco?! E aconselhou-me: Que nem pensasse nisso. A policia andava na pista de muita gente e, se eu fôsse para ali defender um homem, provadamente criminoso, era como se me apresentasse á prisão. Que nem pensasse em tal.

Pedi-lhe, então, que procurasse saber de alguma coisa e á noite, se não chegasse cançado, que désse um pulo á minha casa para conversarmos. Accedeu. E, como em baixo, no pateo, rompessem brados e protestos, elle arrepiou os cabellos, nervoso:

— Que horror! meu amigo. Tudo isso é gente que quer salvo conducto. O Custodio lá está muito á vontade, nós é que nos coçamos aqui.

Longo, profundo, o rebôo de um tiro passou nos ares.

— Olha lá! Já elles começam. Tambem são 3 horas. Já estavam tardando, disse. E, com odio: E não ha um diabo que acerte uma bala naquelle

bruto. Isto é o *Aquidaban*. E outro ribombo resoou surdamente: Corja! rosnou indignado.

Despedi-me. Passando pela sala escura olhei de novo o homem que anciava isolado, rolando os olhos, a boca aberta, arquejando, cahido mollemente sobre a parede, immovel, pallido como se a morte o fôsse aos poucos possuindo. Fóra, havia uma aragem fresca e o sol resplandecia.

XVIII

A' noite, depois do jantar, maciamente repousado no meu *pliant*, estirado na varanda que o luar clareava, eu digeria repassando na memoria todo esse dia aventuroso: a brandura amavel dos carinhos de Mary, como que sentindo ainda o perfume dos seus linhos, das suas sedas, da sua carne sobretudo; revendo essa alcova de tão propicia sombra e de tanto silencio, apenas despertado pelo rumor do nosso delirio e commigo mesmo commentava a fragilidade d'alma feminina, olhando as estrellas pregadas no céu, quando estalaram palmas no portão.

O jardineiro surgiu dum canto pressurosamente e, pouco depois, gritava-me: — Que me estavam procurando! Mandei que entrasse. Era Julião.

Vinha afflicto, suado e, logo que chegou á va-

randa, apezar da luz escassa, notei que trazia grandes preoccupações. Falou-me:

— Se estava só? e a sua voz tremia, os olhos brilhavam-lhe febrilmente. Affirmei.

— Ah! Josephino! Disse então, mas com tal accento, que, dum pulo, achei-me de pé ao lado delle, aturdido, espantado como se elle me tivesse annunciado uma grande desgraça: a morte de Annalia, o incendio da minha casa...

— Que é, Julião? Que ha? dize!

— Estás perdido, homem de Deus.

— Eu?! exclamei num grito.

— Tu! Acho prudente que saias hoje mesmo, agora mesmo, já! Amanhan talvez seja tarde. Eu ouvia pasmado, hirto, a tremer, sem encontrar uma palavra. Por fim, num impulso, avancei para Julião:

— Mas que ha? dize! fala!

— Horrores! Entre as cartas do Forjaz, descobertas pelo Vargas, ha uma que é um terrivel libello contra ti e contra um Souza, de uma loja de couros. Diz elle que todo o commercio está ao lado dos revoltosos, não só estrangeiros, muitos nacionaes. E cita-te como um dos mais fervorosos partidarios do Custodio. Diz que tens grande enthusiasmo pelo Gumersindo, que não o tratas senão por «Napoleão dos pampas.» Trans-

creve palavras tuas; que se fôsse necessario qualquer auxilio não hesitarieis um instante, tu e o Souza. Que quizeste mandar para bordo dois empregados teus; que expulsaste um porque pediu para alistar-se em um batalhão patriotico. Essa carta era dirigida a um Valerio, de S. Paulo. Tive-a na mão, li-a toda, no gabinete do chefe, onde trabalho agora. Já foi expedida ordem de prisão contra o Souza e contra ti tambem, com certeza. Não tens tempo a perder. E, num tom de censura: Que diabo! Pois tu, Josephino, um rapaz collocado, com um futuro brilhante... mettido em porcarias! rematou Julião.

— E' uma infamia! bradei. Juro-te por minha honra: nunca externei idéas taes. E' verdade que falei do Gumersindo, em casa, diante do Forjaz, mas sem mostrar predilecção. Disse o que toda gente por ahi repete: que é um temivel caudilho, que tem planos admiraveis, que sabe desnortear o inimigo, que conhece o interior do Sul como ninguem; mas que mal ha nisso, se os proprios jornaes são os primeiros a dizer? Nunca, que me lembre, falei em offerecimentos ao Custodio. E' uma infamia do Forjaz! E' uma mentira.

— Não sei, filho; a carta lá está em poder do chefe e, se não sahes immediatamente, és agarrado.

— Agarrado!? mas se te digo que é falso, Julião! Nunca meti-me em politica. Nem voto, Julião palavra de honra. Nem voto! Juro que é tudo falso.

— Olha, Josephino, os que lá estão não dizem outra coisa. Não sei se é verdade nem quero saber: cada um com com a sua opinião; sou teu amigo, acho que não deves ficar aqui, tens mãi e que será dessa pobre senhora se sahires de casa entre dois secretas, hein? Queres o meu conselho? saía-te! Olha, pódes seguir amanhan para Minas, talvez ainda tenhas tempo. Toma... e Julião entregou-me um papel dobrado, dizendo:

— Eu só faria isto por meu irmão. Não vai com o teu nome, mas isso é o menos, vão os signaes. E ajuntou, sorrindo: Agora, se fôres agarrado, vê lá se me compromettes. E vai-te! vai-te até que as coisas se decidam. Meu amigo, eu estou lá dentro, sei como tudo se faz: quando ha suspeita, o desgraçado póde invocar todos os santos da côrte do céu porque não sai mesmo. Ha lá muita gente que, por muito menos do que isso de que te accusa o Forjaz, soffre horrores. Um pobre moço, pagador em um banco, foi atirado a um carcere e lá passou seis dias, entre gatunos e bebedos, tendo apenas uma esteira para deitar-se. De lá transferiram-no para a detenção, e queres

saber porque? porque uma tarde, no Passeio Publico, contava com enthusiasmo os tiros do *Aquidaban*. Um medico chegou a ser ameaçado de morte por dois policias por andar no Flamengo com um oculo de alcance. Não tens que pensar. Se fôr descoberta a innocencia de Forjaz, então, meu amigo, voltas descançado e tranquillo.

Eu estava succumbido. Tive uma grande vontade de chorar e creio até que as lagrimas saltaram-me dos olhos em jacto de colera.

— Mas Julião... e mamãi? e... ia falar em Annalia, mas contive-me.

— Tua mãi?... Preferes que ella te veja preso? Deixa-te disso, eu falo-lhe. Vai arranjar a mala, pouca coisa: o resto seguirá com o destino que entenderes e com outro nome. Mas vai, o necessario é que partas immediatamente. Caminhei como um somnambulo para falar ás duas senhoras, mas voltei do corredor, sem animo. Julião passeiava ao longo da varanda. Vendo-me perguntou surprehendido:

— Que é?

— Nada... E, debruçando-me a grade, falei ao jardineiro para que fôsse chamar as senhoras. E implorei a Julião:

— Tem paciencia... Eu nem sei que lhes hei de dizer. Fala tu.

Quando ouvi o rumor dos passos das senhoras senti um regelo de todo o sangue, o coração entrou a pulsar com força como se eu houvesse commettido uma grande culpa. Appareceram juntas procurando-me e, como vissem Julião, estranharam que eu não as tivesse mandado prevenir logo, e, muito intimas, sem suspeitarem a terrivel missão do amigo, fôram buscar cadeiras. Detive-as:

— Não... Julião tem pressa. Veiu apenas prevenir-me.

As duas encararam-me, espantadas, como se não houvessem comprehendido.

— Prevenir de que? perguntou mamãi. Julião ia explicar, mas eu avanci e, numa explosão de odio, bradei:

— Que o Forjaz está preso.

As senhoras recuaram apavoradas, mas como eu o insultasse de miseravel, de infame abriram muito os olhos num pasmo attonito como se me julgassem louco. Julião, porém, muito calmo, vendo que a colera dominava-me, interrompeu-me e, minudamente, expoz os factos pedindo o maior segredo.

— Que se suspeitassem delle seriam até capazes de matal-o.

Mamãi rompeu num choro inconsolavel, agar-

rando-se ao meu pescoço, inundando-me o peito de lagrimas. Titia, porém, apezar do desespero com que torcia as mãos, suspirando, passou ao meu quarto para arranjar a mala, convencida pelo Julião de que se eu não partisse nessa madrugada seria inevitavelmente atirado a um carcere, como os outros, talvez encerrado em uma das fortalezas, no fundo humido de uma enxovia onde, além do mais, poderiam penetrar as balas dos navios. Lá fóra estaria descançado e tranquillo, num meio saudavel, entre gente leal, ganhando saude, robustecendo-me para o trabalho, até que terminasse essa historia que não havia de durar sempre.

Mamãi, porém, não o ouvia — chorava prostrada, sem forças para erguer-se do sofá. Parecia, ás vezes, acalmada, mas de repente vinha-lhe um grande accesso de pranto, soluçado e gemido, e derreava sobre as almofadas com lamentações doloridas. Julião retirou-se tarde e, ainda á varanda, abraçando-me, recommendou-me que não deixasse de partir e que não o compromettesse.

A casa ficou como se nella houvesse entrado a morte. Um grande silencio reinava, apenas cortado pelos soluços angustiados de mamãi. Titia, no quarto, pisando de leve, guaiava por entre suspiros, arranjando a mala. Eu ia e vinha, atordoado, com o espirito numa agitação de loucura.

Os episodios desse dia baralhavam-se confusamente no meu cerebro numa effervescencia de febre, num desarrazoado de delirio: Mary com o seu amor lubrico; Forjaz algemado, sobre palhas, entre grades. E via-me numa penumbra terrivel de pesadello, todo em sangue, cahido de encontro a um muro, o peito varado por balas, com espadas pelo corpo como um S. Sebastião, martyr. Não podia pensar, as idéas escapavam-se-me, fugiam-me, nem mesmo assentava sobre o destino que havia de tomar.

Podia ir para Ouro Preto, tinha lá o Taveira; podia ir para a fazenda do Amaro, em Carandahy, ali, por certo, não me iriam buscar. Quem se lembraria dessas pobres terras, entre montes? Demais, o decreto do estado de sitio não ia além das fronteiras de Minas, para lá da linha divisoria estava a liberdade, como se tivesse recuado indo asylar-se nas serras fecundas por onde andaram, outr'ora, os bandos dos primeiros heroes da Patria, trabalhando pela sua gloriosa independencia.

E quando mamãi, desfallecida, exhausta, veiu procurar-me no gabinete onde eu me recolhera, para saber se já havia pensado no lugar para onde devia seguir, disse-lhe logo como se houvesse longamente meditado:

— Ouro Preto! Vou procurar o Taveira. E' um bom amigo. Deixo-me ficar com elle.

E, emquanto a pobre senhora, com lagrimas, mirava-me, fui escrevendo cartas a Luiz Farinha, á Annalia, ao Rodrigues, contando a infamia do guarda-livros que assim me forçava a uma fuga sem que eu jámais houvesse contribuido para que suspeitassem de mim.

Soaram pausadamente duas horas quando assignei a ultima das cartas, justamente a de Annalia, que enchi de sentimento e de queixa falando-lhe nas torturas do meu coração solitario, longe della, exilado entre serras, justamente quando começavamos a contar os minutos que nos separavam da hora feliz das nupcias. Com a cabeça em fogo, superexcitado, levantei-me e abri de par em par as janellas, numa necessidade de ar, de frescura, de alento.

A noite ia serena e estrellada. O jardim, numa quietação de somno, trescalava — havia uma nevoa subtil no ar. A agua de um corrego chorava tristonhamente na paisagem esmorecida e calada. Deixei-me estar embevecido nessa mansuetude, dispersando os meus adeuses em pensamentos.

Que seria de Annalia quando abrisse a minha carta? quando soubesse que eu andava longe, levado a toda a velocidade por um comboio rapido

foragido por matos, como um cervo corrido? E Luiz Farinha? Talvez não acreditasse nas minhas palavras e julgasse-me compromettido... E se, indignado, retirasse o seu compromisso negando-me Annalia? Que seria de mim e della?

Estava assim pensando quando me lembrei de Mary... e ella? Quando soubesse? Talvez desatasse a rir, agarrando se ao pescoço bovino do Vargas, beijando-lhe os bigodes, alisando-lhe os cabellos, com muitos dengues. Só mamãi ficaria ali curtindo a grande, a inconsolavel dor da saudade, envelhecendo, definhando. Só ella havia de acompanhar-me sempre com o seu coração ancioso e afflicto, rezando para que nada me succedesse, de rojo aos pés do Senhor e da Virgem: de dia, diante do oratorio acceso; á noite ajoelhada no seu leito, debulhada em lagrimas.

Voltei-me: a pobre velha, a cabeça pendida, com os cabellos em desalinho, os braços repousados sobre o collo, soffria ainda. Aproximei-me carinhosamente, sentei-me a seu lado tomando-lhe a cabeça entre os meus braços, unindo-a ao peito. Mas quando lhe beijei os cabellos, desatou a chorar, estremecendo, suffocada, com as mãos ambas sobre o coração. Gritei por minha tia, que veiu a correr, desorientada, com uma vela na mão.

Mamãi, ao vêl-a, suspirou alliviada:

— Ah! não podia com o coração... E, balançando a cabeça com tristeza e desanimo, suspirou: Que eu, talvez, não a encontrasse viva! Não podia separar-se de mim. E, juntando as mãos, erguendo os olhos supplices, perguntou, num grande desespero:

— Que mal havia feito a Deus?

Cantaram gallos; duas pancadas soaram no poial da janella, e a voz do jardineiro sumida, mysteriosa, annunciou — que o tilbury já estava á porta. Espiei e vi apenas uma luz fulgurando na escuridão da rua.

Corri a vestir-me; mas chegando ao quarto, uma grande emoção tomou-me: senti como um despedaçamento do coração olhando para o meu leito, liso e claro, vendo os meus moveis, todos os pequenos objectos do meu uso.

Sobre a mesinha de cabeceira havia um livro que eu começara a ler; mas notei a ausencia do retrato de Annalia que eu ali guardava, para o poder ter constantemente diante dos olhos. A's vezes, á noite, tomava-o, falava-lhe, beijava-o parecendo-me que a imagem sorria na sua moldura de velludo e prata, recortada em fórma de ogiva. Devia estar na mala, pensei, e, estabanadamente, comecei a vestir-me sentindo, á aproxima-

ção do momento, um grande medo que me suffocava, numa lenta asphyxia como se me fôsse chegando ao peito, abafando-me, a agua revolta e pesada duma inundação.

Prompto lancei rapidamente os olhos ao espelho e sahi para a sala. No relogio soou uma badalada profunda — tres e meia.

Quando entrei no gabinete não contive um grito e as lagrimas saltaram-me dos olhos.. Mamãi livida, hirta, as pupillas extaticas, os dentes cerrados parecia morta; minha tia, de joelhos, esfregava-lhe os pulsos emquanto a criada, em azafama, ia e vinha attonita, trazendo frascos, rasgando pannos.

Soluçante ia precipitar-me sobre o corpo inerte de minha mãi quando titia falou-me:

— Que partisse. Não tinha tempo a perder, aquillo passava. Que fôsse com Deus!

Beijei-a e beijei a fronte gelada de mamãi, que felizmente respirava. Mas o jardineiro annunciou no jardim:

— São quasi quatro horas...

— Vai, meu filho. E Deus te acompanhe; disse minha tia, commovida.

Sem enxugar as lagrimas tomei a mala e parti.

XIX

Nessa hora matinal não havia outro rumor nas ruas senão o do rodar do tilbury. Campos e jardins, mergulhados em sombras densas, dormiam, e, de longe em longe, o uivo de um cão prolongava-se no ar, dorido como um lamento. Já na cidade carroças arrastavam-se vagarosas, de pausa em pausa; a poeira subia como uma bruma dourada, espessa, asphyxiante e, dentro, como apenas esfumados, os varredores cantavam levantando nuvens de pó que, pouco a pouco, ganhando a altura, expandiam-se em nevoa. A' medida que nos aproximavamos o meu receio crescia, vinham-me apprehensões, desconfianças e saudades. Vultos que passavam encolhidos traziam-me violentos sobresaltos.

Chegando ao campo, justamente pensava em minha mãi que eu deixara desacordada, hirta e fria, ouvi precipitado galope como de um esqua-

drão que avançasse á toda a brida, perseguindo-me; dois cavallos apenas passaram e eu vi, com pavor, as clavinas que os soldados levavam, apoiadas á sella.

Diante da estação já havia um grosso povaréu. Carregadores iam buscar os carros á distancia. Cercaram o meu tilbury; pequenos apregoavam jornaes, indo e vindo, a correr. Desci aterrado.

Amanhecia pallidamente.

Posto que ainda não houvesse começado a venda de bilhetes era grande a affluencia de gente diante do guichet. Homens, de gorros de seda, abanando compridos guarda-pós; senhoras, toda a cabeça envolta em véus, em amplas vestes claras de linho, de seda, o ar entediado, esperavam, ao longo das paredes, entre malas e caixas accumuladas.

O botequim fervilhava e, a todo instante, chegavam carros despejando gente. De quando em quando, ouvia-se o chiar das machinas que faziam vapor ou o silvo agudo de uma locomotiva em manobra. E o borborinho da multidão crescia. Falava-se da esquadra, presagiava-se um decisivo ataque. Crianças choravam, aos guinchos, e, longinquo, num som lento, começou o toque da alvorada, subindo, vibrando sonoramente como

para acompanhar a marcha triumphal da luz que, pela altura azul, ascendia alastrando em sangue.

Um carregador offereceu-se para levar a minha mala ao wagon; entreguei-lh'a. Eu obedecia passivamente, sem energia, em absoluta inercia, sempre receioso, voltando-me ao minimo contacto: se me empurravam, se esbarrava em alguem e respeitoso, humilde, pedia desculpa, com servilismo.

Com o papelucho que me dera Julião muito apertado entre os dedos, ia e vinha, indeciso, caminhando com apparente tranquillidade. Affectando calma, lançava, de vez em vez, os olhos ao relogio, ancioso, impaciente.

Já havia percorrido o saguão quando vi, de repente, encostado á porta por onde havia de passar, um rigido soldado, com os braços sobre a espingarda a que se apoiava. Fitava-me os olhos com um risinho de mofa como se me houvesse reconhecido e antegozasse a delicia comica do meu terror quando, á minha passagem, cruzasse a arma embargando-me a fuga. Encarei-o tambem, algum tempo, irresistivelmente e foi elle quem desviou o olhar, curvando-se todo sobre a arma, fatigado. Dei-lhe as costas; veiu-me, porém, uma grande covardia: pensei em voltar para casa, entregando-me, como um cordeiro,

quando me fôssem buscar em nome da autoridade.

Entrava gente e eu estava como extasiado quando dois homens passaram por mim com segredos, espichando-se para olhar, insinuando-se na multidão com ancia de quem procura. Lançavam olhares para um lado e outro, preoccupados; desappareciam, reappareciam, sempre curiosos, sempre aos cochichos. Metti-me ousadamente num grupo baixando a cabeça como para examinar alguma coisa, procurando fazer-me pequeno. As pernas tremiam-me e molhava-me o rosto um suor de agonia. Mas um dos homens veiu d'esguelha, senti-o perto, roçou por mim, atirou-me um olhar estranho e passou. Respirei alliviado como quem sobe á tona dagua depois de um grande mergulho. Justamente o tympano retinia quando, a pouca distancia de mim, levantou-se uma exclamação jocunda e uma voz entrou a chamar:

— Valente! Valente! Estão aqui! Estão todos aqui.

O homem voltou apressado, empurrando com indifferença e sorrindo. Voltei-me e vi que elle abraçava affectuosamente um velho emquanto o outro, tambem risonho, falava a uma gorda senhora que sacudia o collo, rotundo e flaccido, num riso alegre e rouco.

A porta de passagem abriu-se lentamente e o povo avançou pressuroso para a bilheteria; todos levavam papeis levantados acima da cabeça, agitavam-nos e um denso amontoado de homens e de senhoras ia espremidamente, com vagar, protestando, empurrando, pela estreita passagem que levava ao guichet.

Eu, sofrego, segui no aperto e, quando enfiei o braço no postigo, bateu-me com força o coração ao sentir a mão do bilheteiro sobre a minha como se me quizesse agarrar ali mesmo para entregar-me ás praças, mas apenas perguntou:

— Para onde?

— Carandahy, disse eu com doçura e, sobre o papelucho, recebi o troco e o bilhete, sahindo difficilmente, num bolo, impellido pelos que vinham chegando com ancia, como se tambem os perseguissem.

Mas diante da sentinella o meu receio reappareceu. Hesitei um instante procurando alguma coisa no bolso do collete e, d'olhos baixos, como passassem duas senhoras, segui-as e foi quasi com espanto que me vi longe dos olhos argutos do soldado. Na segunda passagem um velhinho garrulo, falando sempre, lançou apenas um olhar ao coupon e acenou satisfeito. Entrei.

O ar parecia outro, mais leve e macio e uma

confiança infinita nasceu em mim como se eu já houvesse passado a fronteira e fôsse pisando, com segurança, o solo veneravel dessa amada e fertilissima terra mineira onde não entrara a lei sangrenta e despotica que opprimia o povo fiscellando-o, constrangendo-o com a ameaça sinistra de carceres e de fuzilamentos.

Meus olhos estenderam-se pela gare com uma radiação de alegria e de fé — os wagons ali estavam, em fila, fazendo uma curva suave pela orla da plataforma — e passageiros corriam, carrinhos rodavam surdamente, carregados de malas, impellidos pelos homens do serviço. Conductores passavam desfraldando bandeirolas, outros balançando lanternas e, por cima dos carros, guarda-freios corriam arrastando cordas.

De espaço a espaço, por baixo dos wagons, passava, como um fluxo de sangue num corpo, o vapor que percorria as arterias dos freios chiando, espoucando. Houve um baque de carros, e eu seguia, procurando o carregador que me levara a mala, quando o vi, debruçado á janella de um wagon, fumando, distrahido. Entrei.

Só havia o meu lugar reservado pela prudencia do carregador, que descançara a minha mala sobre um banco. Sentei-me e, sem curiosidade, sempre receioso, encolhi-me no canto, cruzando

os braços, inclinando a cabeça sobre o peito, como adormecido. A's vezes paravam perto da janella e eu sentia um arrepio forte. Se entrava alguem sempre me parecia que vinha a mim, que era um policia, que me procurava, e inclinava ainda mais a cabeça.

Houve um grande rumor de vozes, um bater sonoro na plataforma, exclamações: «Espera! Devagar! Cuidado!» Eu vi entrar lentamente uma senhora carregada de embrulhos, quasi que andava aos recuansos, sempre a recommendar cuidado, e dois homens appareceram: um delles trazia seguro pelo braço o outro, novo ainda, magro, que vinha desageitado e bambo, sobre uma muleta. Mas soaram badaladas e logo um apito rispido silvou.

Uma voz, que parecia correr ao longo dos wagons, gritou: «Quem embarca?!» Houve uma balburdia a meu lado: rolaram caixas, todo um embrulho que se desfez e o meu companheiro de banco, muito gordo, com um gorro enterrado até os olhos, bufando, agachou-se para apanhar os objectos, pedindo licença, e poz-se a passar as mãos por baixo do banco, tacteando. E, tomando ao collo tudo que apanhara, abriu um grande lenço de seda e começou lentamente a embrulhar, resmungando contra as crianças. Novo apito e

a locomotiva, num silvo rapido e estridente, deu o signal da partida.

Houve um solavanco e lentamente, suavemente, o comboio começou a deslisar nos trillos. Espiei: a plataforma parecia encolher-se e houve em todo o wagon alguma coisa como um suspiro de desabafo daquella gente que partia como uma turma de galés abandonando um presidio.

Com a marcha rapida do expresso, atravéz da neblina, eu tinha a visão fantastica de um pesadello: a paizagem corria como num scenario magico; fugiam as casas, os postes telegraphicos, as arvores, como levados por um cyclone e o comboio seguia num galope celere, aos solavancos, bufando, como um animal cançado.

Dentro dos muros de quintaes figuras appareciam e sumiam-se, plataformas desertas de estações iam ficando atraz, como se fugissem desvairadamente. Pouco e pouco, porém, como numa grande fadiga, o comboio foi diminuindo a marcha, um silvo agudo vibrou e uma sineta foi badalando sem descontinuar, á proporção que a allucinação esmorecia. Já eu podia vêr distinctamente os vultos: homens que trabalhavam em hortas, o interior modesto de uma casa e, por um caminho estreito, um cavalleiro, todo voltado para o trem, olhando curiosamente.

Annunciaram: Cascadura!

Houve uma parada. Na estacão, apenas dois homens simples, descalços. Um delles vinha de carro em carro, esmolando, com uma perna núa onde uma chaga sangrava; o outro, os braços abertos no respaldo de um banco, espichava-se preguiçosamente, bocejando. Todavia eu anciava pela partida e foi com inenarravel emoção de prazer que ouvi o estridular do apito e o silvo agudo da locomotiva.

A claridade, posto que nevoenta, já permittia a leitura e, quasi todos liam jornaes; só o meu companheiro de banco, as mãos cruzadas no ventre, a boca aberta, resomnava. Procurei no bolso alguma coisa e tirei um papel dobrado; abri-o — era o salvo-conducto.

Logo á primeira leitura pasmei do nome estranho e comico que ali estava: Firmino Caroba, e não contive o sorriso imaginando Julião a rebuscar em nomenclaturas alguma coisa de grande e rude simplicidade que fôsse uma garantia e um disfarce.

Firmino Caroba... Realmente não seria facil achar um nome mais ingenuo, mais genuinamente primitivo do que esse. Quem suspeitaria de um homem que se chamava, como um pastor de idyllio, Firmino Caroba? Accusado e de posse dessa

certidão, eu podia dispensar toda a sciencia dos advogados porque, para arredar de mim toda a suspeita, bastava que eu dissesse o meu nome, rustico como uma bucolica, e o tribunal, em vez de accusar-me, romperia numa gargalhada immensa que seria a minha absolvição unanime. Firmino Caroba! Muito devia ter meditado Julião para conseguir essa alliança ridicula e comica de um nome e de um sobrenome que tão bem casavam. Talvez, por muito conhecer a theoria dos criminalistas, fizera essa combinação que dava uma idéa justa e precisa de candida pureza e de um irrefragavel e decidido espirito de ordem.

Os nomes devem influir suggestivamente no espirito dos juizes. Um delegado astuto póde fazer a psychologia de um delinquente pelo nome apenas. E Firmino Caroba, por mais que o analysem, por mais que nelle busquem com sagacidade e argucia, não dá de si senão simpleza, a angelitude dos rudimentares, uma alma meiga, com preoccupações pacificas, muita crença, muito amor e muita honra.

A idade que me deu Julião estava muito longe de ser a verdadeira, rejuvenescia-me alliviando-me do peso de seis annos... mas os cabellos! Sei que os tenho louros, dum louro britannico, não só porque os penteio sempre, demoradamente, ao es-

pelho, perfumando-os, alisando-os, mirando-os, como porque toda gente o diz. Annalia admira-os, gaba-os, acha-os lindos, sedosos e dourados, inveja-lhes os cachos fôfos que, por vezes, rolam sobre a minha fronte e Mary disse-me, num beijo, que a minha cabeça parecia «de ouro».

Louros, bem louros são os meus cabellos, todavia Julião, por um capricho ou para illudir os olhos da justiça, escreveu castanhos e castanhos tambem os olhos e os bigodes. A côr branca e, mais adiante: corado, altura regular.

Deus meu! quem, com dados taes, formasse o meu typo muito havia de pasmar ao vêr-me tão differente do retrato policial, feito por Julião, em traços de caricatura. E fiquei contemplando, entre risonho e triste, essas notas physicas que eram o passaporte para a minha liberdade. Se, por acaso, alguem me pedisse esse salvo conducto, não teria difficuldade em achar a fraude que era flagrante — vendo-me louro, vendo-me pallido, vendo-me alto, d'olhos azues, em opposição aos traços do meu perfil escripto. Mas se na estação não haviam feito o confronto não o fariam mais em toda viagem.

Dobrei o papelucho e guardei-o. No wagon estavam todos calados — uns lendo, outros dormindo, as pernas esticadas, a pala do boné sobre os

olhos e, no banco fronteiro ao meu, uma mocinha, o collo coberto por uma toalha rendada, parecia amamentar carinhosamente o filho que contemplava, estremecida e risonha, erguendo a ponta da coberta pudica que lhe escondia o seio nú. Junto della uma negrinha cabeceava, agarrada a uma cesta. Só um homem bexigoso e de oculos estava de pé, encostado a um banco, oscillando com os balanços violentos do carro.

Iamos, em linha recta, por uma planicie extensa. Nas fraldas dos montes havia ainda longas faixas de nevoa fina e branca; nuvens alvas, tenues, passavam á flor da terra, ondulando. O céu estava todo branco, algodoado e sem sol; mas as serras, ao longe, fôram emergindo da bruma, apontavam cimos como recifes num mar alvo, de leite, e sobre todos, numa polvilhação finissima de ouro, a luz baixou radiante.

Na serra, beirando rampas de abysmos, o comboio seguia lentamente, offegando. O horisonte vasto, longinquo, era uma linha accidentada de montes sobre o painel magnifico do céu azul.

Collinas ondulavam como vagas dum mar alteroso muito verdes, adormecidas numa immobilidade de encanto sob a musselina diaphana da nevoa. Caminhos brancos serpeavam em voltas

suaves na vastidão da paizagem e a floresta alpestre vicejava perto, numa pompa grandiosa, variegadamente colorida, com as esbeltas embaúdas de folhas argentinas e os troncos robustos, emmaranhados de filamentos.

Por vezes um lençol dagua apparecia espumante, a escorrer pelo dorso negro e liso duma rocha ou capoeirões brancacentos d'arvores sem folha, cinzentas, chagadas de musgos, esgalhando ramos seccos como numa grande miseria de inverno.

Subitamente, com um fragor reboante, mergulhamos nas trevas abafadas de um tunel. Levantou-se um barulho estranho de ferragens batidas, entrechocadas, como se fôssemos atravessando as forjas da fabula onde os gigantes de Vulcano açacalavam as armas dos heróes.

Um raio de luz rastreou pelas paredes anfractuosas, hispidas de arestas; uma nuvem de fumo diluia-se e a claridade reappareceu. A aragem purissima, cheirando a silvas, soprava e na folhagem era contínuo e alegre o chiar das cigarras.

Açucenas, brancas como flocos de neve, enfeitavam garridamente a verdura aquatica. E, diante de uma choça de sapê, quasi na matta, no terreiro varrido, uma mulher parada, entre aves e

bacorinhos, olhava o comboio acenando com um lenço.

Mas a subida tornava-se a mais e mais ingreme e difficil; de um lado e de outro valles aprofundavam-se. Já o sol alumiava com esplendor a natureza simples e amavel dos campos, mas os tuneis succediam-se e paravamos, de vez em vez, diante de estações. Crianças acudiam offerecendo frutas, café, jornaes; pobres vinham gemer lamurias.

Começamos a descer vertiginosamente como se o comboio se precipitasse, seguindo as sinuosidades do Parahyba — ora estreito, rugindo em voltas angustiadas, ora largo, salteado de pedras negras em torno das quaes a espuma refervia. Arvores derreavam-se sobre as aguas, molhando as raizes, refrescando as frondes, e, por vezes, em meio do rio, reverdecia uma ilha pequenina, rendada de samambaias, com um bosque onde uma cabana de pescadores, solitaria e perdida, desferia ao vento um fio fino e diaphano de fumo.

Na Barra o meu wagon esvasiou-se, apenas a mocinha ficou contemplando o filho. A plataforma estava apinhada, era grande a barafunda de gente que ia e vinha. Outros trens passavam lentamente, pausadamente; locomotivas chiavam.

Havia uma grande vida, uma azafama prodi-

giosa entre essas creaturas de ferro que respiravam com ancia, arquejando, expellindo o vapor dos poderosos pulmões de aço em halitos de nevoa quente. Passavam com orgulho altivo, arrastando longas filas de carros; outras isoladas fugiam rapidas com um silvar precipite e, longe, gritos percucientes vibravam — era um movimento ininterrompido e rumoroso. Tiniam tympanos, sinetas badalavam em faina activa e animada de luta.

Um homem alto, de oculos verdes, encostou-se á janella e offereceu-me bilhetes, atirando-me ao rosto uma baforada de fumo. Rejeitei e encolhi-me. Abri então um jornal, percorri-lhe as paginas desattento, sempre sobresaltado e inquieto, o ouvido á escuta. E, errando com os olhos, puz-me a pensar, e era como se eu fôsse lendo, recordando tudo que deixara: mamãi estendida inerte, num regelo de morte, sem sentidos; titia ajoelhada a esfregar-lhe os pulsos; Annalia desolada, chorosa; Mary ainda adormecida sobre os finos lençóes do leito voluptuoso, toda núa, num esplendor allucinante de carnes; Luiz Farinha e o Rodrigues boquiabertos, pasmados. Só Julião, o serviçal amigo, devia estar satisfeito, pensando em mim.

Certamente, áquella hora, ainda gozava o seu banho e, emquanto esfregava o corpo esgalgado

pensava, sorrindo, na minha fuga, julgando-me salvo, muito longe, fóra do alcance da policia. Eu revia a cidade nitidamente, todos os cantos da minha casa alumiados pela luz macilenta do gaz áquella hora da manhan em que eu partira sem destino, preoccupado, apprehensivo, imaginando desgraças. Mas um silvo estridulo resoou. Os passageiros correram e o velho gordo, meu companheiro de banco, appareceu com um grande embrulho, mastigando famintamente.

Offereceu-me maçans e, como eu agradecesse, sempre com a boca cheia, perguntou-me:

— Se havia alguma novidade nos jornaes. Encolhi os hombros com indifferença, o velho, porém, cravando os dentes numa fruta, arregalou os olhos, sacudindo a cabeça e, depois de engulir sussurrou:

— Ia passar uns tempos com a filha, em Sabará. Tinha muito amor a pelle... E riu estremecendo todo como se fôsse de borracha. Iamos deixando a estação. A conversa animou-se no wagon. Dois homens, no banco immediato, discutiam aos berros, vociferando contra o Custodio, numa furia, já roucos, atirando gestos indignados para um mocinho que sorria calmo, curvando-se de vez em vez, para falar em segredo, com temor.

O velho levantou-se e lançou um olhar curioso ao grupo. A mocinha sorria sempre apertando o filho ao collo e a negrinha, com os cotovellos na janella, o queixo nas mãos, gozava a paisagem.

Voltei-me tambem e fiquei distrahidamente olhando os fios telegraphicos. De quando em quando um poste passava. Mas uma idéa estranha veiu perturbar-me. Os fios tremiam febrilmente como se os agitasse um fluido forte, e passou-me, como um relampago, o pensamento sombrio de que era o meu nome que os balançava — meu nome, todos os meus traços physicos e a ordem de prisão contra mim numa communicação rapida. Devia ser para a primeira estação e, num grande medo, frio, tremulo, não pude arrancar os olhos das linhas telegraphicas que, a mais e mais, fremiam como as cordas de uma harpa vibradas.

Mas a estação passou e, fatigado, como depois de um exercicio longo, recostei-me commodamente e adormeci. Foi um terrivel somno, atravessado de sonhos extravagantes que me deixaram o espirito numa agitação insoffrivel.

Vi-me num campo vasto, entre soldados crueis que me sacudiam, que me empurravam e eu tropeçava em corpos ensanguentados, mas ainda vivos, que se arrastavam como lesmas.

Por vezes era um homem que se levantava estripado, fugindo, com as mãos ambas no ventre, aparando os intestinos que lhe escorriam flaccidos e roxos pelas pernas; outras vezes um agonisante que se erguia escancellando a boca em hiato medonho e cahia fazendo espirrar o sangue que me borrifava o rosto.

A terra abria-se e sahiam esqueletos mastigando, fazendo gestos comicos, bailando; e longe, como uma fila de lavradores, homens cavavam sepulturas profundas deitando-se nellas com os peitos nús atravessados de balas. E os soldados riam, saltando, os mortos riam tambem, mas o singular era que eu reconhecia em todos pessoas que me eram caras. Uma mulher, que fugia desgrenhada, tinha o rosto de minha mãi e — era ella; Annalia passou depois e, entre os mortos, um havia, com o monoculo cravado na orbita, que me pareceu o Forjaz.

Apparecia e desapparecia na terra, ora rijo, disforme, enternecido, ora sorrindo e piscando o olho com brejeirice. Eu tentava falar, queria chamar mamãi que ia rompendo as carnes em sebes, cujos espinhos eram compridos e brilhavam como bayonetas, mas os soldados investiam, esmurrando-me, derrubando-me, atirando-me ponta-pés.

E cahi numa cova aberta e sobre mim começaram a atirar pasádas de terra. Sentia as pernas presas, uma grande ancia, quando vi um soldado levar a arma á cara para matar-me. Desviei a cabeça aterrado, com uma dor intensa na fronte e em sobresalto acordei.

Lancei os olhos em torno, espantado. O velho dormia profundamente, e, no banco em que ia a mocinha, sentava-se um fornido casal de velhos, com um monte de bagagens no banco fronteiro. As minhas pernas fervilhavam como se por ellas andasse um formigueiro; se arrastava os pés, de leve, sentia como um choque electrico. E a cabeça doía-me.

Levantei-me, sempre receioso, amparando-me, porque mal sentia o soalho, e, pouco a pouco, readquirindo a sensibilidade, consegui chegar ao lavabo.

Mal entrei, um mocinho, que enxugava as mãos voltado para a janella, virou-se e estremeci reconhecendo-o.

— Oh! senhor Josephino... Era um caixeiro da firma Mamede & Leal: Manoel Tavira. Viajava por conta da casa.

— Ia á Parahyba. E perguntou: E eu? onde me atirava? A' Barbacena, disse-lhe, vêr uma fazenda, avaliar uma colheita: coisa para uns

dois dias e já lhe estendia a mão, despedindo-me, quando elle, muito em segredo, perguntou-me «se tinha fundamento um boato que na vespera havia corrido no commercio sobre a prisão do Forjaz?»

Affirmei; e Tavira quiz saber a causa e, como eu encolhesse os hombros, elle explicou, fundando-se em conjecturas:

— Com certeza alguma indiscrição do homem. Falava pelos cotovellos. Não tinha papas na lingua: era o que sabia e o que não sabia. Aquillo mettera as botas no governo... Um homem appareceu e Tavira calou-se, sahindo logo; mas á porta, perguntou-me se estava só, se havia lugar perto de mim, e eu, respondendo, fui procurando evital-o para que me não compromettesse. E voltei preoccupado para o banco.

Foi mais um cuidado para a viagem. O Tavira podia dizer que eu ia ali, podiam ouvir. Arrependi-me de lhe haver confirmado a prisão do Forjaz, devia ter mentido, attribuindo tudo á invenção de boateiros da rua do Ouvidor e, aborrecido, deixava-me cahir no banco quando o vi apparecer de novo, com um sujeito alto, de botas e chapéu de Chile. Descobrindo-me, o caixeiro avançou e cortezmente apresentou-me ao compa-

nheiro: o «Dr. Tavares.» O homem expoz uma calva deserta e uns poucos dentes podres, estendendo-me a mão esguia. Tavira disse o meu nome, ajuntando:

— E' socio da casa... foi quem me garantiu.

Comprehendi immediatamente que o caixeiro garrulo vinha com a questão do Forjaz e fiz-lhe um signal de aviso — para que não falasse ali: mas o idiota, inclinando-se, insistiu:

— Estive a conversar com o doutor sobre a prisão do Forjaz... Não acredita, viu-o ainda ante-hontem á noite, no *Munchen*, com uma mulher.

O doutor affirmou:

— Pois não, no *Munchen*, com uma rapariga. Falou-me. E, com interesse: Mas está preso?

— Está! affirmei. Elle esticou o beiço e disse desoladamente — que não sabia onde iamos parar.

Tavira, indignado, limpando o suor do rosto, rosnou:

— O melhor seria prenderem toda a população do Rio... porque todos falam. E citou: Que vira um homem ser espadeirado barbaramente por ter dito que se os marinheiros desembarcassem levavam tudo a ferro e fogo. Era um desgraçado, já velho, e estava bebedo. Ra-

charam-lhe a cabeça a sabre. E concluiu impetuoso: E' um desaforo!

O meu gordo companheiro de banco foi entreabrindo os olhos e fitou o Tavira. Houve um silencio receioso e o velho disse sentenciosamente, intervindo na conversa:

— E' exacto! Estão commettendo as maiores arbitrariedades. E' um desaforo, como o senhor diz... E voltando-se para o doutor: — Uma pouca vergonha! Eu encolhia-me aterrado e o velho, cheio de novidades, começou a lamentar a situação difficil em que nos achavamos: — um becco sem sahida. Felizmente o conductor annunciou «Parahyba do Sul.» Tavira despediu-se; o doutor, sempre cortez, offereceu-me os seus prestimos e eu respirei tranquillo vendo-os partir.

XX

Entre-Rios! Para que debulhar todo o rosario de estações que percorri, se as terras que eu ia atravessando já me não davam cuidados. Mal me sobrava tempo para lançar os olhos pelos campos, pelas alturas alcantiladas, dando-lhes a alegria suprema da liberdade e elles, que vinham do pavor, regalavam-se, contentes, como dois passaros prisioneiros que, de improviso, encontram a porta da gaiola aberta e abalam pelo espaço livre, espanejando-se á grande luz.

Não era muito que desabotoasse o peito anciado e opprimido e deixasse expandir-se largamente minha alma que ia engelhada, encolhida como uma criminosa, no canto mais escuso do coração.

Essas terras eram castas, não havia por ellas

sulcos de carretas nem armas reluziam sinistramente, ao sol, entre as hervas floridas.

As aguas corriam serenamente e, pelos pomares, a fruta sazonava derreando os galhos em curvas opimas de abundancia. Os carros agrarios iam e vinham rinchando; bois ali estavam ao grande sol, immoveis, contemplativos, na quietude campestre e o rio largo, profundo e vasto, atravessava as campinas onde anuns esvoaçavam.

A terra veneravel de Minas, terra de abundancia e de hospitalidade, fertil e amavel como o doce e generoso paiz kenanita, onde não se fazia reparo nos respigadores, nem se negava um canto, á beira do lume, aos que chegavam regelados e com fome, estendia-se desdobrando-se em horizontes com um verdor de esperança e de primavera.

As physionomias eram outras — havia em todas a jocunda feição que a paz empresta, o receio não demudava o rosto abaçanado dos que mourejavam. O homem, de pé no meio das terras, purpureo, reluzente de suor, apoiado á enxada, sorria, feliz e tranquillo, com o chapéu na mão como para saudar os que passavam pelos caminhos da sua lande nativa.

E o comboio rapido serpeava, subia, precipi-

tava-se em corrida fantastica com um grande vento, que parecia ser o hausto dos pulmões ardentes da locomotiva, e que ia ondulando, vergando os finos capins apendoados e levantando da estrada a nuvem loura de uma poeirada fina.

XXI

Quando chegámos a Carandahy, despedi-me do velho, que teve um cumprimento faceto, invejando-me a sorte, porque eu ia para o repouso emquanto que elle, só no dia seguinte, á noite, pisaria as lages da varanda domestica. Sahi á pressa, faminto, e, confiando a mala a um pequenote, entrei pela sala vasta de um hotel, pedindo um banho. A casa era simples e tinha o aspecto rustico e singelo, tão amado dos poetas.

Uma mulher, morena e bella como Rebeca, deu-me de beber, não pelo cantaro biblico, nem tão pouco agua limpida e fresca de recatada fonte: trouxe-me um espumante copo de cerveja, que esgotei dum trago. Crianças nuas brincavam pela casa, dando áquillo tudo um sabor patriarchal de antigas éras; o proprio hoteleiro, nédio e sadio, com um cachimbo entre as barbas arruivadas, os

ouvidos cheios de pellos, como duas cavernas emmaranhadas de silvado, era homem de maneiras simples, de trato meigo, posto que lhe estrondasse no peito um vozeirão trovejante.

Quando me serviram a refeição na vasta mesa hospitaleira, o homem abeirou-se de mim, timido a principio, conservando-se de pé, respeitoso, depois sentando-se, de pernas cruzadas, os cotovellos na mesa, pediu-me noticias do Rio, «porque os jornaes escondiam muita coisa». E eu, sentindo-me protegido pela fronteira bemdita, falei livremente, desassombradamente, descrevendo tudo, exagerando, mentindo.

O hoteleiro fazia do *Aquidaban* uma idéa estranha. Imaginava-o um monstro, todo de ferro, vivo, animado, como um animal temeroso arrastando-se á flor dos mares, eriçado de puas, vomitando granadas. Foi o que conclui da descripção que me fez. Desconvenci-o, reduzindo o couraçado ás suas verdadeiras proporções. Ainda assim, o hoteleiro ficou boquiaberto, assombrado, com o cachimbo apagado entre os dedos, olhando-me como se eu fôsse o proprio navio, e a mulher, encostada á mesa, ouvia, fitando em mim os olhos negros humidos e languidos.

Saciado, recolhi-me ao quarto, onde um leito de ferro alvejava e, frescamente estirado, bocc-

jando, estive a acompanhar duas andorinhas trefegas, que entravam e sahiam por uma fresta no tecto de telha van e adormeci nessa contemplação beata, dormindo á farta, em repouso bom de corpo e alma, até que me vieram bater á porta, avisando-me: que os animaes já estavam sellados e o camarada esperava para partirmos.

Dum salto deixei o leito macio e cheiroso e vesti-me, mirando-me num pequeno espelho pregado á parede, por baixo de uma gravura ingleza, manchada de humidade, que era uma scena de *bar*.

Quando sahi, a tarde ia alta no céu, fresca e perfumada. Uma noite estrellada e macia avisinhava-se e o camarada annunciou luar.

Era um caboclo solido, ossudo, robustecido nos fraguedos, sempre viajando ao sol, á chuva, pelo frio das noites garoentas ou, docemente, ao claro luar dos mezes de verão. Seu nome era Fraga. Disse-m'o logo, explicando, porém, que era mais conhecido por «capitãosinho», isso desde o tempo dos negros, não que tivesse sido capitão do mato, não tinha coração para isso... porque protegia os fugidos, avisando-os nas serras quando sabia que lhes preparavam traição. O hoteleiro, á porta, desejou-me boa viagem e os cavallos magros partiram, a trote sacudido, enve-

redando por um caminho estreito, abotoado em flôres.

Fômos indo vagarosamente, sem açoitar os animaes, gozando a immensa doçura da tarde nos prados amenos. O gado recolhia em silencio.

Por vezes o possante e intrepido camarada era obrigado a vibrar o chicote com força dispersando os bois para que passassemos, e touros fortes paravam mirando-nos ameaçadoramente como se quizessem investir. Eu retinha o cavallo e gritava ao guia, com medo, para que esperassemos os pastores, mas o Fraga investia, de relho em punho, e debandava os marroás que fugiam espavoridos por entre matos. Os caminhos tornavam-se sombrios sob a folhagem escura dos laranjaes; aves piavam com tristeza nos galhos altos; por vezes, adiante dos animaes, um bacurau esvoaçava rasteiro e manso pousando e levantando o vôo para assentar mais longe.

Sem desmontar o Fraga ia abrindo as pesadas porteiras que rinchavam agudamente. O luar começou a subir clareando a estrada dum pallor melancolico, manchado de sombras. De longe em longe, por entre as arvores, avistavamos luzes — era uma choça de colono, coberta de sapé, abrigada entre os milhos ou a casa senhorial de uma fazenda branca, ao luar, silenciosa como um mos-

teiro. Cães vinham ladrar nas cercas, arremettendo com furia, e negros paravam saudando-nos respeitosamente em nome de Christo.

Havia um grande rumor daguas precipitadas e numa volta brusca do caminho appareceu-nos um açude adormecido e nevado de lirios. O Fraga, que ia á frente, estacou o cavallo e, mostrando-me as aguas luridas, disse:

— Aqui morreu muito negro. Já se tem pescado esqueletos. Nas noites de sexta-feira quem passa por aqui ouve gemidos e pragas das almas penadas. Este lugar é mal assombrado.

Uma manhan os campeiros encontraram por aqui uma negra estendida, como morta. Quando voltou a si contou que dali, daquella pedra que parece uma cabeça, uma alma chamara por ella, pedindo rezas. Está até hoje assombrada e, quando lhe falam no açude, treme que nem uma vara. Eu nunca vi nada, com a graça de Deus... só ouço os sapos, mas esses não são almas de creaturas.

Effectivamente eram as vozes que animavam o silencio. Em rythmo, com um tan-tan monotono de forja, subia das aguas o coaxar melancolico e eu senti um grande medo, olhando o lago placido de onde, em noites tragicas, fugiam espiritos gementes, pedindo preces.

— Vamos mais depressa, camarada! Mas o Fraga sorriu:

— Vosmecê está com medo? Bem se vê que é da cidade. Não acredite. Deixe falar. Baboseiras. Êste que está aqui não faz outra coisa senão andar pelos matos, de dia e de noite... e só uma vez tive medo em toda minha vida. Foi ha mais de vinte annos, lá p'ras bandas de Paracatú, onde nasci. O luar era como dia quando eu vi, no meio da matta, uma coisa branca assim a modos de uma mulher muito alta que dançava, rodando adiante do meu cavallo. Eu ia só, com Deus! Os cabellos me ficaram em pé e duros que nem espinhos. Não sei como não morri. O mesmo animal, que era um baiosinho acostumado, refugou como se tivesse sentido catinga de onça. Rezei um credo e ajuntei o bicho nas esporas; pois, meu senhor, o baiosinho virou nos pés com tanta ligeireza que, se eu não fôsse duro na sella, tinha ficado ali, tão certo como estar agora falando com vosmecê. Não sei que foi, mas que vi, vi mesmo! Pois ainda assim não tenho medo.

A matta appareceu, fechada e escura sobre o lombo de uma collina. Desciamos um caminho estreito, entre cafesaes viçosos.

Em baixo luzia um riacho e, quando o atravessamos, os animaes pararam e beberam. O Fra-

ga começou então uma cantiga de amor, comparando a amada á jurity da brenha. E partimos.

Já iamos em terras da fazenda dos *Tres Corregos*, terras do Amaro, que me deviam agazalhar e a noite refrescava, velando-se de uma fina bruma que afumava o longinquo. Corujas gargalhavam agourentamente. Longe chiava um carro. Os passos dos cavallos soavam sonoramente nas pedras miudas e os ramos que nos festejavam ficavam farfalhando á nossa passagem.

Já perto o chiar do carro crescia e ouvimos o canto dos carreiros quando o Fraga bradou, num vozeirão: «Ehôo, gente!» De longe responderam alegremente: «Ehôo!» Um guieiro, d'aguilhada ao hombro, appareceu e logo uma fila de bois arrastando o carro que vinha aos solavancos, atochado de lenha.

Negros, sentados nas achas, agarrados aos fueiros, tiravam trovas campestres. Saudaram-nos e o candieiro, tocando os bois, afastou-os, abrindo-nos passagem no caminho estreito. E o carro perdeu-se. Ia para a estação, disse o Fraga.

Num cercado, em meio dum campo, bois caminhavam lentamente; outros ruminavam deitados.

Estamos em casa... annunciou o guia. Che-

gando naquelle alto onde está a touceira de bambús a gente avista a fazenda.

E iamos deixando atraz ranchos de palha, cabanas. Havia um grande e retumbante rumor daguas.

— Que é isso?

— E' o moinho, ali em baixo, disse o Fraga.

E já subiamos, os animaes bufavam vencendo a ladeira aspera e, quando chegámos ao alto, na porteira, avistei, com alegria, as luzes da casa onde eu havia de repousar o corpo e o espirito á sombra amavel da floresta que se estendia como uma muralha, alta e negra, protegendo a vivenda hospitaleira.

XXII

A' frente da casa corria um renque de janellas largas. A entrada era ao meio, sob um telheiro sustentado por vigas robustas de braúna entorsaladas de ramos verdes de roseiras bravas.

O jardim cercava a habitação de folhagem e de aroma e, posto que toda a verdura se fundisse numa sombra densa, não seria difficil dizer as rosas que ali desabotoavam, os lirios, as magnolias e as rescendentes flôres dos mandacarús que enchiam o ar de um suave perfume. Os grillos guizalhavam e vagalumes faiscavam na espessa negrura da matta.

Quando os cavallos estacaram, um grande cão surgiu da sombra rosnando; mas o Fraga accommodou-o, afagando-o e eu vi apparecer um vulto branco, entre as arvores escuras.

— Boa noite, seu coronel!

— É's tu, capitãosinho? E logo reconheci a voz amiga do Amaro que abria a cancellinha do jardim:

— Quem vem comtigo?

Antes que o guia amavel respondesse, bradei:

— Sou eu, Amaro. Venho pedir-te casa e pão por uns dias... E descavalguei atirando as redeas para o pescoço do cavallo que já procurava a herva mirrada da barranca.

Amaro não me reconheceu de prompto, mas como eu subisse os tres degráus que levavam ao jardim, o luar deu-me em cheio no rosto e elle, derreando-se, abriu os braços com uma exclamação festiva:

— Pois és tu! Que diabo é isso?! Então os taes arrasaram a cidade?

— Quasi, meu amigo. Estou aqui por milagre.

Apertamo-nos muito com amizade e Amaro foi-me levando por entre as plantas do seu jardim até á entrada da casa. Duas senhoras, surprehendidas com as exclamações alegres do fazendeiro, estavam de pé alongando a vista e Amaro apresentou-me á mulher e á filha, introduzindo-me logo na sala vasta, onde crioulinhos brincavam rolando pelo chão, á luz escassa de uma lampada belga pendente do tecto.

Amaro deu ordens: que trouxessem luzes, que aquecessem um banho, que matassem um frango e preparassem um quarto, o mais quieto e o mais vasto da casa.

Vieram outras lampadas e, á luz mais clara, rebrilharam molduras nas paredes brancas e eu pude vêr o rosto avelhantado e bondoso da senhora e as feições miudas da menina: rosto oval, dum tepido moreno, olhos negros, grossa trança solta até á cinta. Amaro, risonho e feliz com a minha presença, esfregava as mãos passeiando pela sala. Berrou — para que me tirassem as botas, pediu um casaco fresco; e intimo, franco, desceremonioso quiz elle mesmo alliviar-me do veston. Não consenti, vexado, neguei-me, mas uma negra, pondo-se de joelhos e atracando-se-me ás pernas, arrancou-me as botas enfiando-me nos pés uns largos chinelos macios e frescos.

Um grande calor subia-me ás faces ao vêr ali as duas senhoras que não tiravam os olhos de mim, mudas e recolhidas. Dando pelo meu vexame Amaro disse numa expansão de intimidade:

— Que não fizesse cerimonias. Aquillo ali não era a cidade. Na roça o que a gente queria era estar á vontade com a sua roupa fresca e os seus chinelos. Elle entendia assim e ninguem reparava.

Sentou-se e, atirando-me uma palmada prasenteira á coxa, pediu-me que lhe contasse o que havia. Narrei em poucas palavras a minha aventura, os transes amargurados por que passara, os perigos a que me havia exposto a loucura do guarda-livros, e, finalmente, a boa inspiração que tivera de procurar a sua fazenda para asylar-me emquanto durasse o estado de sitio. Amaro agradeceu a confiança que eu nelle depositara e jurou que eu podia estar descançado que ali ninguem me iria buscar, nem que elle tivesse de sahir a campo com todos os seus homens.

E lastimou «como republicano» todos esses desastres, traçando um quadro triste da miseria no interior porque não chegavam generos: já o commercio resentia-se, havia falta de «um tudo.» Mas ergueu-se assomado, rubro de colera e disse:

— Elles estão enganados comnosco, amigo Soares. Sômos muito bons emquanto a coisa não nos irrita. Estão enganados! Se nos privam da farinha, do pão, da luz e do remedio matamol-os á fome. Isso é certo. Então é que hão de vêr o que é bom. E, com um gesto solemne: Não desce um boi! Nem um! E se o gado não fôr de Minas quero vêr onde é que elles vão buscal-o. E' assim, meu caro. Não sômos carneiros... Tudo tem um termo. Não havemos de soffrer calados.

Reunimo-nos todos, não fica uma ponte! não desce um boi! Que se arranjem.

Mas vieram chamar-me para o banho e Amaro, travando-me do braço, foi-me levando atravéz de salas até um corredor conventual, que uma lanterna fuliginosa mal alumiava. Era uma das faces do quadrado. Defronte eram as antigas senzalas; havia luz em algumas casas. Em uma, que tinha a porta aberta, uma fogueira morria no chão. No terreiro uma figura indistincta, homem ou mulher, erguia-se, curvava-se, e, a compasso, soavam pancadas surdas que deviam ser num pilão; e um grupo de crianças, á luz caiada do luar, brincava numa grande roda, cantando. O enorme cão dormia estirado no corredor e, quando passamos, levantou a formidavel cabeça, rosnou batendo festivamente com a cauda pancadas fortes no soalho e Amaro, solicito e hospitaleiro, abriu diante de mim a porta de um quarto, onde uma banheira fumegava.

Quando sahi, um molecote espantado estendeu-me a mão á benção, dizendo que: «Sinhô estava me esperando lá dentro.» Acompanhei-o.

A mesa estava servida como para um banquete. Ao centro, um grande ramo de folhagens, entre as quaes algumas açucenas cheirosas — em torno a familia e um velhinho, a cara encarqui-

lhada e glabra, muito encolhido no seu paletó de linho esperava-me, antes que Amaro me apresentasse, elle, fungando, estendeu-me a mão tremula e queimada:

— É o padre Bento, disse Amaro, meu companheiro ha mais de trinta annos, e meu compadre. É como um parente. É ainda do tempo de solteiro, hein, padre? O velhinho arregalou os olhos, risonho, acenando com a cabeça. Sentamo-nos.

A menina sorria vendo o padre atarantado com um cigarro que lhe escorregava da orelha para o hombro. E, como eu estendesse o guardanapo sobre as pernas, o velho padre levantou-se e fungando, muito risonho, empunhando um talher, perguntou logo «se eu queria que me servisse.»

Sorri agradecido e elle, atirando-se ao frango com o cuidado de um cirurgião, começou a trinchal-o encolhendo o braço que, de vez em vez, pendia flaccidamente. Mas uma negrinha sussurrou:

— Tem canja... O padre ficou com o talher erguido e houve uma explosão de riso. Elle, porém, sem desconcertar-se, continuou a trinchar, sussurrando: — «que ficava feito» emquanto a senhora ia-me servindo a canja.

A noite, fóra, resplandecia; o luar brilhava nas vidraças. Pelas janellas abertas entrava a aragem cheirando a silvados e insectos vinham voar em torno das grandes lampadas estonteados, attrahidos pela claridade.

XXIII

Recolhido ao quarto debrucei-me á janella abeberando a alma de poesia no esplendor da natureza. Rondava o silencio um vago murmurio daguas fugitivas, e, de instante a instante, um pio tremulo passava melancolicamente.

Quem póde fugir com a alma, por mais que a blindem scepticismos amargos, á influencia suggestiva e enternecedora de uma noite dessas, alumiada e muda, na braveza duns outeiros copados d'arvores, desfiando sempre crystallinos prantos dagua, cortados de caminhos apenas percorridos pelo tropeiro andejo, pelo negro ou pelos carros veneraveis de espessas rodas compactas que bois mansos arrastam com um prolongado chiar dos eixos!

A lua, grande e alva, resplandecia no céu. No terreiro um grande boi taciturno caminhava va-

garosamente, como uma sombra, e não havia outro rumor senão o da folhagem que se agitava ao vento.

A floresta subia pela fralda da collina visinha soberba e forte e, por entre as arvores, o luar doecemente escorria em brancuras diaphanas, trazendo-me á memoria paginas velhissimas de esquecidos livros que referiam as caçadas nocturnas de Diana, nos bosques sagrados da Grecia, com os seus caes atrevidos e as suas companheiras virgens, núas, castas, robustas, atravessando brenhas com alarido até repousarem á borda dos lagos dormentes, onde os cervos exhaustos agonisavam, atravessados de frechas.

Que horas seriam quando fechei as duas abas pesadas da janella? Já a nevoa punha arminhos nos montes e carneiros balavam.

O leito rescendia á herva santa dos campos e, fofamente coberto, num tepido e macio aconchego, soprei a vela, mas uma larga fita de luar entrou por uma frincha como uma pequenina via-lactea por onde devia subir minh'alma transportada, por onde deviam descer os sonhos bons e consoladores.

Foi como em plena georgica que abri os olhos á luz nevoenta da manhan friissima. O gado mugia junto á minha janella e, através dos lenços

possantes dos touros, balidos ternos de ovelhas passavam tristonhamente. Saltei da cama e escancarei as janellas recebendo em cheio no rosto o ar balsamico das mattas, frio como nos asperos invernos da cidade.

Tresmalhados no campo andavam morosamente os bois robustos, emquanto sob um alpendre uma negra ia ordenhando as vaccas, e avistei, já longe, na trilha sinuosa e ingreme dum morro, os carneiros que subiam juntos, levados por dois pequenos que brandiam ramos.

Mas Amaro, que andava pelo jardim com o padre, dando commigo á janella, teve uma grande surpresa, e, consternado, num modesto e sincero tormento, attribuiu á dureza das palhas do meu leito campestre aquelle madrugar e veiu, vexado e pungido, postar-se num roseiral viçoso e em flor que alegrava a frente do meu quarto, promettendo-me um leito mais macio para a noite proxima, que não rescendesse a silvas, como o colchão crepitante, feito com herva do monte, em que eu me estirara e dormira.

Protestei — que era aquella a minha hora habitual e que o meu somno fôra suave e ininterrompido, pedindo-lhe que não fizesse mudança alguma no leito. O padre olhava-me com interesse, boquiaberto, curioso como se eu, do poial da mi-

nha janella, estivesse dictando conceitos ou prégando sobre as doçuras ineffaveis da vida santa dos justos na eterna e beata vivenda do Senhor.

Azas tatalavam sonoramente no ar, já os campeiros tocavam o gado, cantarolando, quando sahi do quarto tendo escolhido na mala um leve e fresco costume de flanella branca e uma gravata, que abri em dois laços como as azas de uma borboleta.

Amaro abrigou-me sob uma latada de maracujás, e, sentados, emquanto as abelhas zumbiam nas passionarias e o padre afagava entre os joelhos a enorme cabeça do cão, elle me foi dizendo o que por ali havia para minha delicia e para meu repouso — o banheiro, que era um jorro d'agua despenhado de pedras altas sobre um reconcavo discretamente cercado de tayobas; os animaes que havia na estrebaria, os mais doceis, os mais sofregos; os cães de trela mais farejadores, de toques mais vibrantes. Citou-me os lugares de maior encanto, a matta sempre sombria, o valle onde um corrego limpido serpeava, o açude abundante em pescado, o silencio pittoresco de um grotão onde havia o moinho. Onde eram as trilhas de pacas, onde piavam jacús e juritys gemiam, pozme ao corrente de tudo, emfim, que nessas terras

havia para minha distracção e encanto de modo que eu não sentisse os dias no degredo triste.

Agradeci propondo logo uma sortida para a manhan seguinte — iriamos correr os cafesaes, a roça, vêr a riqueza e a formosura da fazenda. E o padre falou-me da horta e das flôres que eram os seus cuidados.

E ahi, nesse recanto de folhagem, trouxeram-nos o café e ahi nos veiu achar Lavinia (é este o nome suavissimo da moça franzina e simples que, como diz Amaro, é o élo que o prende com mais força á vida.)

Falou-me com timidez e sentou-se brincando com um ramo verde. Amaro beijou-a na face morena e fina, dizendo-me, com enternecimento:

— Que estava ali o seu thesouro, mas doentinha sempre. Tinha até medo de leval-a ao Rio. Muito corada e não tinha uma pinga de sangue: era um feixe de nervos. Qualquer choque, um simples aborrecimento bastava para leval-a á cama, com febre para semanas. Um não me toques; disse gracejando.

Lavinia, muito vermelha, baixou os olhos. Ficamos todos calados e, como para quebrar o silencio, um passaro cantou vivamente entre as folhas da latada. O padre, que não arredava os olhos do meu rosto, pediu-me, então, pormenores

da revolta: se eu vira alguma vez o *Aquidaban* atirar, se vira algum morto, se as casas estavam muito arruinadas...? Amaro oppoz-se: que me deixassem em paz; mas, Lavinia pediu tambem que eu falasse. E comecei a contar miudamente todos os episodios desde essa manhan sinistra de Setembro quando, ao despertar da cidade, espalhou-se a noticia da revolta da esquadra até o momento terrivel da minha fuga precipitada para essa terra acolhedora de Minas.

XXIV

A vida, que a principio me parecera aprazivel e boa, descançada e feliz, com o correr monotono dos dias pacatos, foi-se tornando insipida, numa sequencia imperturbavel d'horas sonnolentas numa consecutiva e preguiçosa inercia, sempre os mesmos factos numa normalidade sem accidentes, enfastiadora e morosa. Eu ia enchendo os longos minutos com os meus bocejos cavados.

A luz das manhans trazia-me para a alma um tedio amargo: sentia-me infeliz, errando molemente pelos vastos salões sombrios onde crianças negras, atiradas sobre pannos, dormiam, choramingavam. E por todos os angulos da casa acompanhava me doloridamente o gemido de um crioulinho enfermo que se arrastava, sempre perseguido pelas moscas, como uma immundicie, ven-

trudo, quasi nú, manchando as taboas do soalho com o seu corpinho rachitico e sordido, levantando para todos os olhos humidos e maguados, com a resignação piedosa de um pequenino martyr. As negras não o tomavam ao collo, levavam-no suspenso pelos braços magros e, ás vezes, deixavam-no no pateo do quadrado, ao sol, entre cães, num abandono deshumano. E o pequeno, sem forças para chorar, pousava o rosto na terra quente e adormecia, com os olhos cheios d'agua, fervilhante de moscas. A mãi ia despertal-o com palmadas crueis e carregava-o enojada, sentando-o na cozinha, junto ao forno de barro, onde o desgraçadinho, limpando machinalmente as palpebras molhadas, recomeçava a gemer, estendendo a mãosinha mirrada como a pedir esmolas, mesmo aos cães que entravam farejando restos de comidas.

— Dá um, nenén... dá um!? Um negro caduco era o meu principal divertimento. Ia vêl-o, de quando em quando, ao quarto onde elle vivia, sobre um monte de palhas de milho, encolhido, murmurando numa allucinação de fortuna, contando as palhas ou puxando da cabeça calva grandes fios imaginarios de cabello que enrolava vagarosamente no sinciput.

Quando me via rosnava arrepanhando as pa-

lhas, defendendo-as como um avarento defenderia o seu thesouro e atirava-me tijolos, mancheias de terra, gritando, chorando, injuriando-me. Os cães dormiam com elle nas mesmas palhas que tresandavam como um fumeiro.

Posto que a velhice já o tivesse imbecilisado, ainda os negros temiam-no attribuindo-lhe terriveis conhecimentos, lembrando tremendos sortilegios do «Pai Quimbande» no tempo do captiveiro: a morte de um feitor negro, a loucura de uma mulata que resistira á sua furia amorosa, o desapparecimento de um bando de crianças e, como havia no fundo do quarto, sobre um velho caixão, a figura truculenta de um idolo de barro, todo enfeitado de buzios, ninguem ousava transpôr o limiar, o proprio moleque, que lhe levava a comida, deixava a cuia na porta e corria e era o negro que vinha, de cocaras, arrastando-se como um reptil, buscar a ração que devorava lentamente, entre os cães.

Amaro guardava-o como uma reliquia. Era o mais antigo negro da casa, fôra pagem do avô, disse-me o fazendeiro, sempre fiel e amigo da familia. Effectivamente accusavam-no de feitiçarias, mesmo, uma vez, ficára quinze dias no tronco por suspeita de um crime; mas era um pobre velho, abandonal-o seria crueldade, que morresse

ali, coitado! E o padre, que o conhecera ainda forte, dava-lhe mais de cem annos.

«Pai Quimbando» foi, nos primeiros dias, a minha distracção curiosa. Depois comecei a percorrer os cantos da fazenda, vendo tudo, demorando-me em longos passeios pelos sitios visinhos, indo á matta, á roça onde os negros trabalhavam, á luz crúa do sol, cantando.

A's vezes, ao amanhecer, montava a cavallo e sahia, sem rumo, pelos caminhos crvadilhados até que o sol, aquecendo, forçava-me a retroceder, e em casa, na grande paz patriarchal da familia, deixava-me levar pelo padre, ia com elle visitar as suas collecções de cobras e de insectos ou folhear os livros santos da sua bibliotheca, onde apenas achei, de profano, um volume de Kocambole e uma historia de França, desmantelada, que servia de pedestal a um Christo de bronze ornado santamente a commoda de mogno. Na noite do primeiro sabbado, Amaro preparou uma surpresa para distraír-me. Iamos deixando a mesa quando retumbaram no terreiro os atabuques dos negros e o canto agudo e nostálgico estrugiu na serenidade da tarde — era o caxambú.

Uma grande roda de homens e de mulheres movia-se á luz de uma fogueira. Dois negros curvados batiam com as mãos espalmadas no couro

rijo e aquecido dos tambores, tirando um som rouco e profundo, e um dançador cabriolava, aos pinchos, alumiado pelo clarão sangrento da fogueira, os olhos esbugalhados, arquejante, pulando, gingando como um possesso.

As palmas estalavam. Outros negros sahiam dançando, as negras sacudiam os quadris em meneios felinos. Negros ageis saltavam estirando-se no chão, erguendo-se lestamente, em galões de tigres; crianças redopiavam guinchando. E o delirio crescia, communicava-se, com um rumor estrepidante de batuque selvagem.

Gente acudia de longe, correndo; o terreiro encheu-se. E, até meia-noite, já no meu quarto, os sons barbaros do caxambú atordoaram-me. Mas o canto e o estrupido fôram esmorecendo e o silencio cahiu mais pesado e mais triste.

Tudo, porém, concorria para augmentar o meu tedio, e nessa noite jocunda e rumorosa, mergulhando morosamente nos lençóes perfumados, sahiu-me, por entre bocejos, esta exclamação do meu nojo: «Antes o carcere! Isto é devéras patriarchalmente besta!»

XXV

Os jornaes chegavam do Rio, todas as tardes, na mula ronceira do pagem, dentro do mesmo sacco em que vinha o pão. Depois do jantar era a preoccupação de todos, a propria D. Senhorinha, com a sua austeridade de matrona, sahia, de quando em quando, á porta para espiar o pagem e, mal ouviamos bater a porteira, arrastavamos as cadeiras para a varanda e não ha termos que exprimam a sofreguidão com que nos atiravamos ás folhas, esperando sempre encontrar, em breve e sinistras palavras, como as que a mão prophetica traçou nos muros malditos do palacio de Nabunahid, a noticia tremenda da destruição da cidade.

Os jornaes traziam estirados artigos commentando, com invectivas, a crueldade do almirante, um ou outro caso de morte nas ruas, uma ou outra casa aluida, o retumbar do canhoneio, da ma-

nhan á noite: mas, animadora, como um testemunho patente da alegria do povo, a quarta pagina vinha atulhada de annuncios de theatros, de jogos, largas promessas de bambochatas, partidos reunidos nos fronões, porque disputadissimos nas raias. O povo folgava e isso provava, á evidencia, que a calma e a confiança não haviam ainda desertado as almas.

Uma tarde, porém, liamos socegadamente a descripção de um terrivel bombardeio quando Amaro, num sobresalto violento que fez com que se despencassem os oculos, ergueu-se esgazeado, fitando-me, mudo e livido. D. Senhorinha precipitou-se sobre o marido afflicta e Lavinia, pallida e tremula, agarrou-se á minha cadeira num enfraquecimento de corpo, abalada de susto.

Amaro não se movia e todos nós tremiamos diante delle num terror pusillanime. Mas, readquirindo a calma, elle veiu a mim com um dedo cravado na pagina do jornal, perguntando-me assombrado:

— Que é isto? Como se explica isto? Andei com os olhos sofregos pela folha até que Amaro adiantou-se em meu auxilio mostrando-me uma noticia:

— Lê isto aqui. E li, num circulo de curiosidade, estas palavras falsas:

«Entre outros revoltosos civis que se refugiaram nos navios da esquadra, consta que se acha Josephino Soares, commissario de café, estabelecido na rua dos Pescadores. Amigo dedicado de Custodio de Mello, trabalhava, com enthusiasmo, no commercio, procurando levantar capitaes para auxiliar os rebeldes, quando a policia teve denuncia dos seus manejos. Avisado em tempo conseguiu illudir a vigilancia, fugindo. A principio dizia-se que seguira para a Europa, a bordo do *Nile*, mais tarde constou que se achava em Minas; hoje, porém, podemos garantir que esse *heroico* brasileiro, que assim fomentou o crime, assalariando os assassinos dos seus irmãos, acha-se a bordo do *Uranus* com outros proceres do sebastianismo.»

O jornal escorregou-me das mãos e fiquei, muito tempo, atordoado como um homem que recebe um insulto em publico.

— E então? Que me dizes a isto? Como é que, estando a bordo do *Uranus*, pódes estar aqui composco nos *Tres Corregos*. Não sabia que eras feiticeiro...

E Amaro ria mal encobrindo a indignação. O padre encarava-me como se quizesse lêr na minha consciencia. Senti um grande calor nas faces, nem sei como não me escapou ali mesmo

um palavrão no assomo do justo furor. Levantei-me de golpe, arremessando o jornal amarfanhado.

— Ahi tens, Amaro... Está explicado porque não recebo cartas de mamãi. Violam-me a correspondencia... E tudo isso por causa daquelle imbecil do Forjaz. .

O coração batia-me com força como em grande canceira e o suor escorria-me da fronte copiosamente; eu sentia-me demudado e Amaro veiu acalmar-me:

— Descança, homem. Isso até tem graça. Pois ha lá alguem que acredite que te mettesses em revoltas! Deixa-te disso. Vem dahi. Mas bradei:

— Vou ao Rio! amanhan mesmo. Vou ao Rio!

— Ao Rio? estás doido. Matam-te! exclamou Amaro aterrado e D. Senhorinha ajuntou com severidade:

— Daqui o senhor não sai!

Juntaram-se todos em torno de mim, oppondo-se, e o padre disse-me bondosamente:

— Que me lembrasse que havia creado uma aggravante terrivel contra mim, fugindo. Os juizes fariam fatalmente a pergunta «se era innocente porque fugira?» Mas eu estava como louco

pensando em mamãi. Teria ella resistido áquella mentirosa e perfida noticia? E Luiz Farinha? e Annalia...?

E, rapidamente, numa assombrosa visão, passaram-me pelo espirito dolorosos quadros: mamãi agonisando, Annalia louca. Voltei-me trincando os labios. Lavinia sorria, mas de repente rompeu a rir ás gargalhadas, frenetica, contorcendo-se, estirando rigidamente as pernas, com agudissimos gritos.

Levaram-na em braços e houve em toda a casa um grande reboliço de negras afflictas.

Esquecido na varanda desabafei o meu furor atirando punhadas e blasphemias para o espaço sereno e morno que abelhas trefegas cruzavam, mas retomei o jornal e, abrindo-o de novo, puz-me a considerar sobre a noticia que ali estava, ameaçadora como uma sentença. Num accesso de ira rasguei o jornal em pequeninos pedaços que o vento levou numa palpitação de vôos brancos, mas o meu prazer foi breve lembrando-me, consternado, de que outras folhas circulavam intactas espalhando a noticia ao norte e ao sul.

Toda a gente lia o meu nome, uns enojados cuspindo-lhe em cima o escarro infamante, outros acclamavam-no e foi-se operando em minh'alma uma lenta mudança, uma transição consoladora

do odio para a vaidade, da indignação para o sonho.

Transportado, enlevado, fiquei gozando esse heroismo imaginario que me attribuia a folha, em primeira noticia entrelinhada e extensa. E cahi num extase maravilhoso, a minha imaginação povoou-se de sonhos como no delirio do cavalleiro triste do poema.

Era o mar rutilo que eu via, á hora ardente do combate. Para o fundo os montes levemente azulados, em frente a cidade branca, rebrilhando ao sol. Duma selva de mastros o meu navio, altaroso e garrido, saíria, com a flammula branca tremulando ao vento. A marujada intrepida, em celeuma de guerra, cantando, brandindo espadas, pedia sangue.

As fortalezas coroavam-se de branco, eram cumulos que esponcavam em jorro, fluindo densamente e esgarçando-se á flôr dos mares, pelo céu afóra, deixando nas abas das montanhas fimbrias alvas de nevoa; e o estampido atroava longo, cavo, soturno. Outros cumulos branqueavam entre a verdura dos morros e o vasto reconcavo da bahia ficava soboando com o trovejar da artilheria. Pelo ar ululando, aivando, cruzavam-se granadas. E eu, impavido, a cabeça ao vento, disparava a carabina sem descompor. O torrão

seguia sempre, envolto em fumo. Pouco a pouco, porém, desfazendo-se a bruma, fui revendo os campos, o céu azul, toda a paisagem e recahi na realidade amarga como se despertasse dum sonho. Ficou me ralma, como um lenitivo consolador, a doce vaidade. Amigos e conhecidos deviam ter tido uma grande surpresa calcada de inveja lendo essa ruidosa noticia. Entre essa gente pacata do commercio meu nome devia andar de boca em boca, pronunciado com respeito quasi religioso.

Na rua do Ouvidor commentariam o meu embarque — á hora alta da noite, num fragil barco de pesca, affrontando o mar e as balas como um Nelson. A propria Annalia, por entre lagrimas, havia de sentir o coração orgulhoso, julgando-me a bordo, no tômbadilho, entre mortos, atolado em sangue, com uma carabina em punho e, á tarde, quando começasse o bombardeio, muita gente havia de apontar o *Uranus*, dizendo: «Ali é que está o Josephino.»

E oculos alongados buscariam descobrir-me entre a marinhagem, afoito e destemido. Só mamãi, no egoismo do seu amor, devia estar soffrendo com a nefanda mentira. Talvez tivesse morrido.

XXVI

Os gritos lancinantes de Lavinia despertaram-me. Fiquei a escutal-os como se só então os ouvisse e não lhes soubesse a causa. Então decidi-me a informar-me do estado da menina, a interessar-me por ella. A casa parecia abandonada. Ao longo do corredor escuro pequenos esgueiravam-se em pontas de pés e o creoulinho, que para ali engatinhára, sempre a gemer, olhava attonito, estendendo vagamente os braços esqueleticos. Na sala de jantar encontrei o padre. Vendo-me arregalou os olhos fazendo com a cabeça um aceno de desanimo:

— E' uma desgraça isto. E' uma pena!

— Mas não está melhor?

— Qual! Isto dura! Não vai assim... Fica gelada, quasi sem pulso. Um canto triste interrompeu-o, e elle disse, quasi a chorar: Está ouvindo? E' a coitadinha. Canta assim horas e ho-

ras a fio, depois ri, chora, conversa. De repente volta-lhe a furia e não ha contel-a. Os medicos não lhe dão volta, dizem que é dos nervos. O pai já levou-a ao Rio, tem se feito tudo, tudo e é o que está vendo. Lavinia continuava a cantar. Amaro appareceu amarfanhado, com a camisa a espoucar-lhe da cinta, a gola aberta.

— Então? Encolheu os hombros e poz-se a compôr o desalinho das roupas.

— Está lá a cantar. E concluiu: Acaba louca...

— Ora, louca... Isso não tem gravidade. Mas porque foi? ella estava tão bem...? Amaro encarou-me como se me quizesse confessar alguma coisa, por fim atirou o braço num gesto de desespero:

— Sei lá! Isso vem assim, á tôa. E suspirou. Leva, ás vezes, dias sem dar acordo de si, como doida ou como morta — a olhar a olhar ou então num somno que parece a morte. Sei lá. Sentamo-nos. O padre accendeu o cigarro. Amaro ficou a pensar, balançando a perna. Negras passavam por nós como sombras, sem ruído; cochichavam com o padre inclinando a cabeça sobre a mão espalmada e iam-se.

— Adormeceu.

— Tranquilla?

— Sim... Amaro foi até a porta do quarto, escutou e, voltando, fez-nos aceno para que o seguissemos. Saímos ao jardim. A tarde começava a cahir calma e melancolica. Andorinhas revoavam e longe, nas varzeas, a boiada mugia. Sentamo-nos no banco de pedra, sob os ramos do jasmineiro e Amaro contou-me miudamente, com pormenores intimos e delicados, toda a molestia da filha. «Até os treze annos fôra uma criança alegre, traquinas, de intelligencia viva. Andava como um rapaz — era pelos montes, mettida nagua, trepada nos carros, subindo em arvores; sósinha atravessava a matta, entrava nas danças das negras e todos queriam-na. Um demoninho! Certa vez, montando um animal em pello, metteu-se pelo cafesal. Os negros viram-na passar, gritaram, puzeram cerco ao potro e, quando conseguiram prendel-o, a pequena ficou como uma ferra. Estava toda arranhada, com o vestido em tiras e teria morrido se os negros não houvessem corajosamente tomado a frente ao cavallo, que era fogoso. Vendia saude. Com a puberdade veiu a mudança: tornou-se outra — macambusia, doentia, frenetica. Passava os dias na cadeira de balanço, lendo ou trancada no quarto. Ás vezes encontravamol-a chorando, com o olhar perdido, immovel como uma estatua. Uma noite

acordou aos gritos, assombrada — que vira um vulto de branco junto á cama e, desde então, rara é a noite em que não tem pesadellos, visões. Não ha muito, estavamos á mesa do almoço, quando a vimos empallidecer, abrindo muito os olhos, estendendo os braços como a repellir uma apparição: Fôra o avô que lhe apparecera, disse-nos depois, e o interessante é que não o tendo conhecido, nem de retrato, descreveu-o com todos os traços, jurando que o vira á mesa, sorrindo, encarado nella, a estender-lhe a mão abençoando-a.

A' noite, não se deitava sem examinar, com luzes, todos os cantos do quarto, espiando debaixo da cama e desde então sempre uma negra faz-lhe companhia. Mas não lhe haviam ainda apparecido os ataques e foi com a morte de um cão de estima, um grande terra-nova, que ella teve o primeiro. Todavia não era muito affeiçoada ao animal, achava-o bruto, enxotava-o da sala quando o via entrar, abanando a cauda festivamente. Era pelo tempo da colheita quando um moleque, que rodava o café no terreiro, começou a gritar que o *Leão* estava morrendo.

Lavinia estudava piano, mas vendo-me passar á pressa, levantou-se assustada e pallida, indagando. Eu disse-lhe que era o cão que estava

morrendo e ella precipitou-se afflicta, descendo as escadas a quatro e quatro.

O *Leão* agonisava sobre o estendal de café, ao sol, estrebuchando e quando Lavinia appareceu junto delle o animal soergueu-se bambo, a boca aberta, fez uma lenta volta e tombou, morto. Lavinia tomou-lhe ao collo a grande cabeça, chamou por elle com afflicção, desesperada, mas começou a arquejar e derreou-se a rir, cahindo por terra, ás gargalhadas, debatendo-se como louca.

Foi um trabalho para contel-a e durante duas horas esteve como morta. Desde então, a menor contrariedade basta para provocar o ataque — começa a ficar fria, vem-lhe o riso, o choro, depois o canto e é isto que está vendo.

Os medicos declaram que é molestia nervosa... outros attribuem ao meu casamento porque Senhorinha é minha sobrinha. Não sei! Tenho tentado tudo! Agora, então, são mais seguidos, não se lhe póde dizer nada, sente-se de qualquer coisa. Ha dias em que acorda melancolica, não dá uma palavra, não come, isola-se, e se a mãi fala-lhe responde tremulamente: Que a deixem, que está com vontade de chorar e rompe em pranto e chora até que lhe passe o que ella chama, coitada! «a sua nuvem». E é mesmo como uma nuvem — passada a crise, enxuga os olhos e fica

outra: ri, canta, conversa. Parece até que a lagrima e que lhe causa incommodo, cuchenio-lhe o coração.

Não sei que é, meu velho, mas confesso-te que nunca vi natureza assim. Tenho pena... e uma criança. Já me falaram em casal-a... Naturalmente, não a quero para freira, mas tambem não hei de offerecel-a nem tão pouco entregal-a ao primeiro que appareça. E' uma menina amorosa e meiga, tem a sua educação, nada lhe falta, não é para cahir nas mãos de um perdido que a maltrate, isso não.

A mãi desconsola-se, fica que é uma lastima todas as vezes que vê a filha nesse estado, e isso ainda mais me incommoda. Já me lembrei de leval-a á Europa, mas se os medicos aqui não lhe deram volta, que hão de fazer os outros? Depois não sei que tenho com o mar, parece-me sempre que me vai acontecer alguma coisa quando penso em uma viagem. Nunca sahi disto — é daqui para o Rio, do Rio para aqui... Isso daguas salgadas não é commigo. Seja o que Deus quizer!

Pelo céu, que o crepusculo empallidecia, nuvens amontoavam-se, densas, plumbeas, como a fumaça ennovellada dum incendio.

O padre, entre as planturosas couves repolhudas, fiscalisava um velho negro que ia regando

os canteiros e a agua ruflava nos legumes viçosos que se espanejavam, desabrochando com uma volupia sensivel, derreando-se como a uma caricia amorosa.

XXVII

Um cheiro de terra humida subia e a calha de taquarassú jorrava sempre com um murmulho fresco, transbordando duma azequía para outra por um rego que cortava a horta em cruz. Mas Amaro bradou — que não valia a pena regarem porque a chuva estava a cahir. O padre, porém, sorriu, encolheu os hombros olhando o céu que, de espaço a espaço, relampagos fulminavam.

Aves vinham dos matos procurando a casa: pintainhos tenros, gallinholas, perús tufados, a cauda aberta, grugrurejando. Ao longe chiavam carros. Negros desciam cantando e passavam saudando em nome de Christo com o chapéu muito alto ou esticando o braço, a mão aberta, pedindo a benção: uns pelos caminhos baixos da planicie, outros pelos carreiros da collina, em rumo da matta.

Lufadas de vento revolviam as folhas seccas, levantavam columnas de poeira. As arvores desgrenhavam-se com uma ruflalhada violenta; e o céu escurecia ficando como uma ardosia.

Amaro, vendo-me pensativo e calado, sahiu-se com uma facecia chamando-me revoltoso, querendo saber que plano eu engenhava. E a conversa tornou ao meu caso. Dizendo-lhe eu que ia escrever á mamãi, a Luiz Farinha, para que refutassem a noticia declarando o meu paradeiro com uma razão que explicasse a minha retirada: enfermidade, negocios; Amaro encarou-me pasmado.

— Que não pensasse em tal, nada de cartas, abriam todas no correio e, conhecido o meu refugio, podiam armar-me uma cilada. O melhor era deixar-me estar quieto. Para tranquillisar mamãi elle mandaria um proprio ao Rio, o Alfredo, um pagem intelligente: conhecia bem a cidade, podia até trazer as senhoras, se eu quizesse.

Resignei-me, e ficou assentado que o Alfredo partiria no dia seguinte, levando cartas para mamãi, para Luiz Farinha e para Annalia, informando-os minuciosamente do meu destino.

Falavamos quando uma rajada tempestuosa estortegou o arvoredo em convulsão de cata-

clysmo. O céu fulgurou em esplendor de explosão e um estrepito retalhou os ares taciturnos como ao rebentar de uma granada.

Grossas gottas de chuva bateram na terra com força, levantando poeira. O padre veiu a correr, curvado. Os arbustos do jardim estorciam-se perdendo folhas que voavam levadas em turbilhão pela ventania. Para longe uma nevoa espessa encobria os montes, espectros de arvores iam esmaecendo e desappareciam: — era como se o horizonte viesse caminhando, devorando a paisagem e um estrépito, como de marcha, aproximava-se soturno.

Clarões alumiavam o espaço turbado e sinistro, coriscos zigzagavam pelos nimbus como em papel queimado as derradeiras faúlhas que serpentinam rapidas e morrem. Bateram janellas violentamente impellidas, cahiu uma grande sombra e o aguaceiro jorrou como num diluvio, grosso, cerrado, escachoante. Fugimos.

Em pouco, pela collina, escorriam vastos lençóes dagua barrenta, vermelha, como o sangue vivo da terra escoando da ferida aberta pelo dardo fulminante. Pelos caminhos precipitavam-se corredeiras cavando brocas, abrindo barreiras, derrubando cercados. Formavam-se cachoeiras em todas as alturas; aguas copiosas rolavam com

estridor pelos flancos dos morros lavando a terra, desalterando-a e fecundando as raizes que as soalheiras torridas queimavam e estarreciam.

E as arvores pareciam bailar contentes, mal se lhes viam os ramos eriçados atravéz dos fios diaphanos da chuva que zimbrava á feição do vento trepidando nas telhas, entrando pelas janellas e a matta, desesperada, afflicta, debatia-se sofrega como se procurasse desenraizar-se e fugir á tormenta cujo furor crescia.

Figuras de negros passavam mal distinctas na transparencia da chuva; e silvavam guinchos lamentosos, uivos tristes do vendaval desabrido. A porteira bateu com força; nada se avistava para o alto d'onde desciam jorros abundantes de agua passando devastadoramente, entornando-se pelas ravinas. Mas um mugido atravessou o estrupido das torrentes que se despenhavam, alto, longo, lamentoso.

Era o gado que vinha dos campos, batido pelo temporal, deslumbrado pelos relampagos, vergastado pelo aguaceiro, galgando os ingremes pendores escorregadios, atolado nagua lodosa, trilhando os pastos inundados, quasi em trevas, apenas alumiados, de instante a instante, pela phosphorescencia da tempestade.

E o primeiro touro appareceu assustado, es-

correndo em agua, tonto, olhando sem saber o rumo do curral e berrava esticando o focinho para o lado da casa como a pedir soccorro. Outros chegaram em tumulto, as vaccas com os seus novilhos e, reunidos num lote, os cornos emmaranhados, ficaram á chuva pacientes, achegando-se apertadamente como para affrontarem juntos a furia do céu.

Os campeiros bradavam, appareciam, desappareciam e ouvia-se o chapinhar das patas que iam trepidamente pelo lodaçal, caminho do cercado. Mas um grande touro desgarrou para a collina e solitario, enorme, dentro do aguaceiro, ficou parado, immovel, mugindo lamentosamente.

Amaro sorria satisfeito, abençoando a chuva: «Deus te mande!» E radiante, fechando as janellas, porque já haviam trazido a lampada para a sala:

— Veiu a tempo, felizmente. Com mais uns dois ou tres dias de sol como o de hoje eu não colhia seis carros de milho. Isto é a benção de Deus.

E a tempestade fóra zunia enchendo a noite de uivos.

XXVIII

A' luz tremente e livida de uma vela, ouvindo gemer o vento, fui escrevendo vertiginosamente, num grande desabafo, enchendo largas folhas de papel com a narração minuciosa das minhas horas nostalgicas, do meu desanimo, das agonias do meu desterro, das apprehensões constantes do meu espirito e já a mesa estava coberta de papel escripto quando ouvi leves passos no corredor, vozes surdas, cochichadas em mysterio. Pousei a penna prestando o ouvido, mas os rumores fôram-se tornando indistinctos, distanciavam-se e perderam-se cahindo de novo o grande e melancolico silencio.

Puz-me a relêr o que escrevera, corrigindo phrases, quando percebi que choravam. Lembrando-me de Lavinia, que eu deixara ainda prostrada, fui até á porta e abri vagarosamente para es-

preitar, mas o padre estava defronte, entre negras, com um castiçal onde ardia um coto de vela e pasmou de vêr-me de pé áquella hora da noite.

— Estava ás voltas com a minha correspondencia, disse-lhe e, como visse a Antonia, uma negra agigantada, soluçando, perguntei: que havia?

— E' o Pedro, esse pobre crioulinho que vivia ahi atirado ás moscas... Está a expirar. E' uma felicidade a morte para esse desgraçado...

E a Antonia, com uma voz mascula, accrescentou:

— E a mãi ninguem sabe della. Já se mandou por ahi e ninguem dá conta do diabo!

— Deixou o filho só?

— Sim, senhor... Se não fôsse uma negrinha que ficou com elle o innocente morria no escuro, sem ninguem.

O padre, protegendo a chamma da vela com a mão em concha, ia seguindo quando resolvi acompanhal-o.

— Espere um instante, vou tambem. Voltou-se recommendando que me abafasse: Estava uma ventania medonha e tinhamos de fazer a volta do quadrado. Tomei, ás pressas, a minha capa e acompanhei-o.

Chovia ainda e o vento ululava na matta. O corredor em trevas era apenas alumiado escassa-

mente pela chamma oscillante da vela que o padre levava. Os cães levantavam-se á nossa passagem espreguiçando-se. Na casa era absoluto o silencio; no quadrado, porém, estavam todas as negras de pé, iam e vinham, cochichando: velhas, muito encolhidas, resmungavam contra Maria Rita, indignadas com a indifferença da negra.

Nas senzalas ardiam pequenas fogueiras enfumaçando o interior, uma apenas estava em completa escuridão — era o fumeiro do «Pai Quimbande». Mas o negro rosnava, enxotando cães, praguejando, grugrurejando um canto guttural. Ao lado era o cubiculo da Maria Rita.

A' porta havia um ajuntamento de negros que nos saudaram afastando-se respeitosamente á nossa passagem. Penetramos.

O interior, alumiado por diversas candeias de azeite, que espichavam uma chamma fumarenta, tresandava a sarro e a suor — o fumo ondulava, tornando o ar espesso e morno; em meio da sala, de terra batida, crepitavam gravetos. De uma corda pendiam roupas.

Negras acocoradas ao longo das paredes ou sentadas, as pernas estendidas, fumavam cachimbos e, em torno do giráu em que jazia a criança moribunda, duas velhas, de pé, os braços cruzados, pareciam esperar a morte do innocente para

fecharem-lhe os olhos. Quando entramos houve um reboliço — levantaram-se todas em silencio.

O padre correu os olhos pelas mulheres:

— Que é da Rita? Uma das velhas respondeu:

— Não se sabe della, não senhor. Já se correu tudo. Ind'agorinha mesmo chegou José campeiro que foi até o paiol. Parece que ella está na casa de José Clemente.

— Pois é preciso que alguem vá chamal-a. Que venha, ao menos para abençoar o filho.

Houve um sussurro entre as negras e um moleque levantou-se amuado, resmungando:

— Que já estava estrompado. Não tinha faro de cachorro para descobrir aquella vagabunda. Havia de ir com uma noite daquellas, p'ra lá da matta, atraz dum diabo que não tinha vergonha? Mas cochicharam:

— Olha seu padre... Olha o moço, José... Cala a boca... E o moleque, atabafando-se com uma capa grosseira, tomou de um cajado e, carrancudo, sahiu para a noite, resmungando.

— E o carapina? Indagou o padre. Tambem não se importa com o filho?

Disseram que estava na estação, tinha ido com o carro. E caminhamos até junto do giráu que duas candeias alumiavam.

O pequeno, deitado sobre pannos, tinha os braços nús, abertos, como um crucificado. Os olhos immensos rolavam com agonia, a cabeça enorme agitava-se e, por vezes, um gemido fino fugia-lhe do peito e o rosto contrahia-se-lhe como se elle fôsse chorar; as mãosinhas abriam-se, fechavam-se em crispações de angustia.

O padre, muito tremulo, fungando, curvou-se sobre a criança, chamando-a: — Pedro! Pedro! e descobriu-a. O crioulinho estava nú. Do grande ventre impanzinado partiam duas perninhas magras, engelhadas; os joelhos saltavam muito agudos. O peito, cavado em profundos sulcos entre as costellas, arquejava afflictamente.

A's vezes os olhos gyravam com ancia, o rictus contrahia-lhe o rosto, escancellava-se-lhe a boca e as velhas diziam com tristeza contemplando-o:

— Está procurando a mãi, pobresinho! Está procurando a mãi.

Levantava-se um sussurro de indignação, algumas negras praguejavam, persignando-se:

— Nunca tinham visto coisa assim...! Nem bicho. Era mesmo preciso não ter coração; e a Antonia, com a sua voz forte de virago, jurou que o crioulinho «não morria de molestia de Deus, morria de fome.»

O padre pigarreava: encarou-me com um grande espanto no rosto encarquilhado:

— Ha creaturas que não parecem ter alma. São peiores que animaes. Como é que se deixa uma pobre criança assim abandonada?

E abrindo o paletó, com a mão tremula, tirou do bolso um pequeno crucifixo de bronze pousando-o com veneração á cabeceira do moribundo. Houve um ligeiro movimento entre as negras quando appareceu a imagem com um brilho fôsco á luz e o padre, aproximando mais o Christo da criança que parecia insensivel, com os olhos parados, arquejando, disse commovidamente:

— Ao menos aqui tens o Senhor para tua companhia, já que tua mãi... Mas uma das velhas adiantou-se:

— Está morrendo. Está morrendo, seu padre.

E houve um borborinho funebre:

— Deus te leve p'ro reino da Gloria!...

As negras levantaram-se formando circulo em torno da criança que ficou immovel, os olhos muito abertos, numa fixidez de espanto. Silenciosamente, vagarosamente, retiramo-nos.

O padre, revoltado com o procedimento da Rita que refocilava nas tarimbas, devassamente, esquecendo o filho, augurou a proxima extincção da raça negra:

— Vai acabando na miseria e no vicio: Os homens vivem por ahi bebedos, cahidos pelos caminhos, preferindo a fome ao trabalho; andam rotos, cadavericos, mas não querem saber da enxada. As mulheres são assim, com poucas excepções. Já aqui tivemos uma que, uma noite, deixou o filho pequeno na estrebaria, sobre um monte de palhas humidas, emquanto dançava; embriagou-se, e, na manhan seguinte, o pagem encontrou a criança morta, pisada pelos animaes. E' uma pena porque não ha melhor gente para o serviço, lamentou.

A' porta do meu quarto despedimo-nos. Recolhi-me, mas só para a madrugada consegui adormecer, impressionado, ouvindo vagamente o choro triste do crioulinho abandonado.

XXIX

O dia amanheceu sombrio e humido. Lavinia, os cabellos soltos, passeiava pelo corredor quando sahi do quarto. Vendo-me corou e sorriu respondendo, de olhos baixos, á minha saudação. Amaro vociferava á porta da cozinha e quando me viu, desfranzindo a fronte, desabafou:

— Já viste? E' um desaforo! Pois essa negra, com o filho doente, não é que se foi metter em samba toda a noite? E' uma pouca vergonha!

E berrou para o quadrado, por onde andavam crioulas:

— Pois estão enganadas! Quero muito respeito aqui dentro, senão levo tudo a relho, canalha! Quem sabe se vocês pensam que isto aqui é o curral do concelho, sucia de vagabundas! Pois de agora em diante o portão do quadrado não me dorme aberto, quero todas aqui, á noite! E,

mais calmo, falando-me: E' uma falta de respeito. Um diabo que nunca deu um banho no filho... Andava a pobre criança por ahi coberta de moscas como uma carniça e, ainda por cima, com fome... e essa vagabunda mettida com os negros.

Maria Rita aproximava-se trombuda, e Amaro investiu com o punho cerrado, colerico, atirando-a de encontro á parede:

— Ainda estás resmungando? Que é? Ainda estás resmungando? A negra, encolhida, torcia o avental sordido, sem levantar os olhos e vagarosamente foi seguindo, collada á parede, até á cozinha.

Lavinia interveiu:

— Está bom. Vamos para dentro. Entramos.

O padre, diante de uma pequena mesa, arranjava, com velhas flôres de panno, uma corôa, procurando collocar um beija-flôr resequido entre as rosas fanadas. O cigarro tremia-lhe nos beiços e elle fungava, muito preoccupado com o seu trabalho de florista. Sobre uma cadeira estava uma grande caixa cheia de insectos espetados em alfinetes.

Mas o padre lidava com o beija-flôr, sem achar um lugar onde o puzesse. Parámos admirando a obra caridosa do reverendo, e Lavinia, risonha, interrogou-o;

— Que flôres são essas, padrinho?

— Umas rosas que eu tinha lá dentro... fôram de um ramo. E quero agora arranjar com ellas uma coroazinha para o pequeno.

— Mas vais enfeital-a com essa bicharia toda, homem? perguntou Amaro. E o padre, com o cigarro babado a tremer-lhe nos beiços flaccidos, tomou o beija-flor entre os dedos manchados de fumo, dizendo:

— Não, vai só o passaro; como estava nesta caixa trouxe-o. Vai só o passaro e fica bem. Fica bem!

Curvou-se e, tremulo, sorvendo a saliva, passou um fio de arame por baixo das azas da avezinha, prendeu-a á corôa suspendendo-a para que parecesse pousada sobre as flôres. Quiz abrir-lhe as azas, mas um estalo secco desanimou-o. Contemplou satisfeito o trabalho e foi-se vagarosamente com elle, a caminho da senzala, para ornar o esquife da criança.

Ao fim do almoço o Alfredo apresentou-se prompto para partir. Amaro pediu-me as cartas, corri a buscal-as. E acompanhamos o pagem para vêl-o montar e segui-o com os olhos até que desappareceu no alto, batendo a porteira.

Fiquei profundamente triste. Parecia-me que o meu exilio ia tornar-se mais longo depois da

partida dessas cartas cheias de queixumes; e, pensativo, lembrava-me dos meus queridos ausentes, quando Lavinia appareceu risonha e foi a primeira vez que me falou com intimidade:

— Está tão triste!? Sorri, encolhendo os hombros, levantando os olhos para fital-a: Quer vir commigo ao jardim? Vou vêr se arranjo algumas flôres para o Pedro. Já que mamãi não quer que eu faça a camisinha, levo-lhe flôres. Quer vir commigo? Levantei-me para acompanhal-a e descemos.

A terra, humida e molle, lentejoulada de pyrite, afundava sob os nossos passos. Os ramos esparziam orvalho quando os afastavamos para passar.

A verdura dos cerros parecia mais tenra depois dos aguaceiros. Os montes, copiosamente lavados, destacavam-se, muito azues, nos horizontes pardacentos. Os canteiros estavam juncados de petalas; as rosas, sacudidas violentamente pela tempestade da vespera, desfolhavam-se, e raras flôres podiamos conseguir para enfeitar o esquife do pequenino cadaver.

Passando por baixo das esponjeiras, Lavinia perguntou-me de improviso:

— Então queria partir? Por que? Acha isto aqui muito aborrecido, não é?

— Não, senhora... mas tenho lá minha mãi, uma pobre velha, doente. Demais, o que principalmente me fez pensar em partir, foi aquella noticia. A senhora comprehende que, não sabendo mamãi onde me acho e lendo em um jornal que eu estava a bordo de um dos navios da esquadra, é natural que tenha acreditado, e que momentos crueis não terá passado a pobre velha julgando-me ferido, morto... quem sabe lá?

No Rio os boatos multiplicam-se, são dez, vinte por minutos. Como inventaram que fui para bordo, pódem inventar mais... e minha mãi... Deus me livre! Nem é bom pensar em tal. Quando embarquei nem me despedi della porque deixei-a com um ataque, como morta, nos braços de minha tia.

— Porque não escreve?

— Já escrevi e se não tenho resposta é porque não lhe entregaram a minha carta.

— Talvez. Mas agora não tem razão para estar triste. Hoje mesmo ella terá noticias suas, disse, e, curvando-se, passou por entre as esponjeiras já com uma abada de flôres.

Eu ia colhendo e atirando para o concavo do avental que ella trazia: cravos, cravinas, bogaris, o que encontrava nas moitas.

Ella tornou:

— Eu sei que a vida aqui é muito triste; não ha distracções, é sempre a mesma coisa. Aqui só para os que não têm remedio, como eu. Emfim, já estou habituada. Sorriu mostrando-me os seus lindos dentes alvos. Nasci aqui e só fui ao Rio duas vezes, mas por pouco tempo. Tenho ido mais a S. Paulo, passar com minha tia. Conhece S. Paulo? Affirmei, curvando um ramo para colher umas florinhas miudas, côr de sangue, que haviam resistido á tempestade.

— Mas a senhora, pelo que me disse seu pai, está aqui porque quer. Elle já até propoz mudarem-se para o Rio. E ajuntei maliciosamente:

— Quem sabe se ha por aqui nestes bosques algum laço que prende o seu coração?

Ella voltou-se pallida, encarou-me algum tempo e, baixando os olhos, murmurou:

— Agora... quem sabe!

Fiquei aterrado e não achei uma palavra para responder á declaração formal e abrupta de Lavinia que me lançava furtivos olhares como para descobrir nos meus olhos a impressão que produzira o seu afoito galanteio. Vendo-me calado, adiantou-se passando o braço por entre os galhos espinhosos das esponjeiras tremula, nervosa, esmagando as florinhas entre os dedos e foi distanciando-se de mim, muito vermelha, cantarolando.

Não tive animo de seguil-a impressionado com a sua phrase que me ficara viva nos ouvidos, zumbindo com a insistencia de um remorso.

— Vamos? disse ella, por fim Está muito humido aqui.

Caminhei e, alcançando-a, ella perguntou-me baixinho, commovida:

— Está zangado commigo?

— Zangado? porque?

Mas todo eu tremia, superexcitado. Estavamos entre ramos, as esponjeiras escondiam-nos e Lavinia voltou-se e encarou-me.

Meus olhos fitaram-na e notei que o seu collo arfava, numa ancia de amor. A côr dos labios esmaecia, desbotavam-se-lhe as rosas das faces e, como esquecida, deixou cahir uma das pontas do avental e as flôres rolaram espalhando-se na terra.

Abaixei-me e ella só então percebeu e deixou escapar um gritinho; abaixou-se tambem e junto começamos a recolher as flôres. Por vezes os nossos dedos encontravam-se, ella levantava os olhos, fitava-me sorrindo, e, muito perto de mim, sem levantar a cabeça, balbuciou:

— Está zangado, sim.

— Não estou. Zangado porque?

— Jure!

— Por Deus! Mas porque havia eu de zangar-me? Que me fez a senhora...?

Ella, então, erguendo-se de golpe, atirou-me á cabeça um punhado de flôres e fugiu, arisca como uma corça. De longe, porém, voltando-se, sorriu de novo fazendo um momo e desappareceu por entre os flamboyants que ensombravam uma volta do jardim, quasi em frente ao meu quarto.

Foi para mim uma triste surpresa esse facto. Como poderia eu viver ali, alimentando um amor impossivel no coração virgem e impetuoso dessa moça enferma? Que havia de fazer? Como dizer-lhe a verdade: que era noivo, que não podia amal-a... E Amaro? Lentamente, revolvendo no espirito esses pensamentos, subi para a varanda onde Amaro digeria, preguiçosamente esticado numa cadeira de lona. E sentei-me.

Lavinia reappareceu no jardim, cantarolando, arrancando folhas dos arbustos, sempre a fulminar-me com olhares furtivos. Ia e vinha, e vendo-a, correspondendo com sorrisos aos seus sorrisos, eu imaginava os dias tremendos que me estavam reservados, dias de luta com essa creatura quasi selvagem, franca como a natureza, ardente como um animal bravio, que confessava o seu amor sem rebuço, com a impudencia ingenua dos simples.

Encerrada, como uma nympha silvestre, entre aquellas arvores, era a primeira vez que um homem lhe apparecia demorando-se diante de seus olhos, falando-lhe com intimidade, vendo-a na singeleza encantadora dos seus vestidos domesticos, sempre a seu lado desde a manhan até a noite.

Quem passava por essas paragens remotas? gente rustica, caminhantes que atravessavam as estradas solicitando pousada por momentos; caçadores que vinham pedir licença para dar cerco a um animal que entocara em terras dos *Tres Corregos* e, raro em raro, um bufarinheiro que pernoitava partindo de madrugada.

Era eu o primeiro homem que ella via com a sem cerimonia da intimidade e habituou-se commigo; procurava-me, sentia a minha ausencia e, se me demorava no quarto, ella sempre descobria um pretexto para ir rondar o corredor, esperando-me como para ser a primeira a dar-me os bons dias.

Emtanto esses factos nunca me haviam feito suspeitar, foi preciso que ella fôsse ao extremo da confissão para que, recapitulando todos os antigos incidentes, eu chegasse a convencer-me de que esse amor já, de muito, martyrisava o seu coração singelo.

XXX

Amaro, despertando da modorra e vendo-me distrahido, o olhar immovel, falou-me:

— Já estás ahi a pensar em coisas, homem. Deixa-te disso, coração á larga. Nada de tristezas. O Alfredo póde estar de volta depois de amanhan. Descança.

A voz de Lavinia, muito meiga, passava por entre as esponjeiras numa cantilena campesina. Amaro, ouvindo-a, ergueu-se incommodado e chamou-a:

— Que entrasse! Aquillo lá fóra estava ainda encharcado, podia apanhar uma molestia séria. Que viesse para dentro. Mas Lavinia, de longe, protestou: que a terra já estava secca, não havia perigo!

Amaro, porém, levantando-se, lançou os olhos pelo jardim procurando a filha:

— Onde estará mettida essa menina!... A voz meiga orientou-o e elle não se conteve:

— Sentada no chão, minha filha! que é isso? Vem para dentro.

Effectivamente Lavinia sentára-se á beira de um canteiro, debaixo das esponjeiras e, desfolhando galhos, cantarolava. Ouvindo o pai e vendo-o fugiu, com uma gargalhada, a cabeça enfeitada de esponjas como pequeninos botões de ouro.

D. Senhorinha, que eu não vira ao almoço, appareceu á tarde, mollemente alquebrada, arrastando as pernas. Passara o dia na rêde, sem animo de levantar-se; tinha o corpo moído, disse-me. E, sentando-se, as mãos pousadas no collo, ficou a suspirar, reclamando um medico porque já não podia com o martyrio daquellas dores. «Parecia, ás vezes, que lhe estavam raspando os ossos.»

Estavamos numa grande paz quando o padre veiu dizer-nos que o Pedro ia sahir.

Quasi no mesmo instante um velho negro surgiu no caminho, vagaroso, levando á cabeça um taboleiro, coberto e acogulado de flôres. A corôa de rosas lá ia em cima ornando piedosamente o pequenino esquife rustico e um velho cão esgrouviado seguia o enterro.

O negro, oscillando nas pernas tortas, fincando o cajado na terra balôfa, subia cantarolando

monotonamente e já havia desapparecido entre as barrancas, quando Maria Rita passou com uma enxada ao hombro.

Amaro ergueu-se inopinadamente.

— Onde vai? Eh! Onde vai?

A negra parou e, mostrando a enxada, disse:

— Vou fazer a cova.

— Então não ha ahi um homem para abrir um buraco?

— Não ha não, senhor. Estão todos na roça.

— Estão na roça...! Pois sim. E, ameaçando-a: Vá! mas á noite quero-a aqui no quadrado, entende? Vadia! E a negra, baixando a cabeça, foi subindo pelo caminho ingreme seguindo o negro que, já no alto, cantava levando o esquife da criança.

XXXI

Começou para mim uma nova existencia. Os dias corriam ennevoadamente, num desfiar monotono, ramerameiro e tristonho, mas como um raio de sol descendo pela fresta dum carcere, consolava-me a esperança da volta do Alfredo.

Todas as tardes, iamos até á porteira em vagaroso bando, espiar os caminhos, dispersar a vista na paisagem vasta e era doce o bom ar vesperal que se aspirava na altura, entre as grandes arvores frondosas.

Passavam por nós os grandes bois recolhendo, os mansos carneiros, a cavalhada e, sentados nas barrancas, deixavamo-nos estar, ás vezes até o nascer da lua, descendo quando a claridade serena alagava as campinas e as montanhas.

Noite alta, ás vezes, ouvindo rumor no terreiro, eu abria pressurosamente a janella pensando

no pagem. Talvez fôsse elle que um atrazo de trem tivesse demorado. Ficava á escuta, mas recolhia-me desolado e, antes de adormecer, quantos pensamentos passavam-me pelo espirito!

Para combater os meus cuidados Lavinia, com solicitude amorosa, inventava suspresas. As mais lindas flôres do jardim vinham morrer em pequeninos vasos que haviam apparecido no meu quarto; dois vidros de perfume, intactos, ornavam o meu lavatorio; o tapete, que havia aos pés do leito, foi substituido por um couro de veado e, diariamente, eu encontrava uma novidade nesse aposento que uma fada parecia zelar.

Não raro, durante o dia, encerrando-me para lêr, sentia alguma coisa cahir sobre o soalho ou no leito — eram flôres, folhagem, e, se eu chegava á janella, via sempre Lavinia entre as moutas, com mancheias de rosas.

Para evital-a passava os dias no quarto folheando velhas revistas *O Mosquito*, *A Semana Illustrada* ou lendo romances pantafaçudos. Chamavam-me para as refeições e D. Senhorinha foi a primeira a notar a minha concentração: «Que estava ficando jururú, muito enconchado.» Queixei-me de molestias, molleza de corpo, enxaqueca.

Lavinia, porém, uma noite, veiu sentar-se a meu lado, na varanda, emquanto os pais, que ha-

viam arrastado cadeiras para o jardim, conversavam baixinho, ao luar.

O padre, na sala, á luz da lampada, separava insectos. Uma viola cantava ao longe e os grillos, na alegria da claridade, estridulavam vibrantemente. Sussurrando, para que eu apenas ouvisse, ella annunciou-me — a sua partida: ia para S. Paulo. Encarei-a sem uma palavra, com o coração aos esbarros. E ella insistiu: «Não queria aborrecer-me...» E inclinou a cabeça.

— Está chorando? indaguei.

— Não.

Calamo-nos. De repente ella levantou-se, atravessou a sala, quasi a correr, suffocando soluços. O padre, que parecia entretido com as suas collecções, ergueu os olhos e acompanhou-a, depois voltou para o meu lado o olhar.

Na penumbra eu podia observal-o sem que elle notasse e vi que sorria com um insecto entre os dedos examinando-o á luz da lampada. Os labios tremiam-lhe; olhou de novo para a varanda e baixou a cabeça, entregando-se de todo ao seu trabalho. E, nessa noite, Lavinia não appareceu ao chá.

No dia seguinte a mesma anciedade pela chegada do pagem; o proprio Amaro parecia inquieto:

— Teria acontecido alguma ao rapaz?! Elle era afoito, curioso. Quem sabe se não fôra apanhado por alguma bala! Os jornaes não davam noticia, mas nem tudo os jornaes diziam. Mas o padre lembrou:

— Que o podiam ter recrutado — era um rapaz novo, forte, bonita figura... e o recrutamento estava sendo feito ás escancaras, até nas estações pegavam gente. Houve em todos como uma grande certeza:

— Não é outra coisa!... affirmou Amaro consternado. O rapaz já podia estar de volta. Ha seis dias que partiu e elle não é de folias. Aconteceu-lhe alguma, não ha duvida.

E teve um assomo de revolta:

— Nem durante a guerra do Paraguay! Afinal, como se havia de viver? escrevia-se, o correio violava as cartas; a estrada de ferro não despachava os volumes encommendados e, se se mandava um portador, deitavam-lhe a mão! Era uma infamia! E se elle fôsse para buscar remedios, num caso de molestia? o doente que morresse porque o governo não tinha nada com a vida dos outros, queria soldados! E, ameaçador, ponderoso, falando pausadamente:

— Ah! isto não acaba bem. Esses homens estão provocando o povo... estão provocando o po-

vo... e sahem-se mal! Mas concluiu: Não ha que vêr... recrutaram o rapaz.

Rapidamente espalhou-se pelo quadrado a noticia de que o Alfredo havia sido recrutado e estavamos ainda á mesa quando irrompeu na sala uma velha negra, soluçando, a perguntar baixinho, humildemente, por elle: «se tinha sido preso, se estava na guerra.»

Amaro respondeu seccamente:

— Não, Balbina. Não se sabe ainda. Quem te falou nisso? A negra estendeu o braço magro para o quadrado, sem uma palavra. Seus olhos fundos estavam marejados d'agua.

— Não se sabe ainda, Balbina, disse D. Senhorinha, muito calma. E a negra, de mãos postas, ergueu os olhos piedosos.

— Ah! meu Pai... é elle só que eu tenho! E' elle só... E, mantendo o gesto supplice, dirigiu-se a Amaro:

— Ah! meu senhor... Se agarram meu filho que ha de ser de mim?! E ajoelhou-se com a cabeça derreada a soluçar: Coitada de mim! Coitada de mim!

Amaro erguia-se impaciente quando a negra perguntou, em voz sumida e lacrimosa:

— E' muito longe onde elle está, meu senhor?

— Não, Balbina. Elle vem ahi, descança. Vai lá para dentro. Teu filho vem ahi.

A negra ergueu-se tremulamente e foi-se, parando, de espaço a espaço, com as mãos para o céu, implorando.

O padre, que ouvira calado, falou-me com tristeza:

— Veja o senhor! Como esta ha muitas que andam por ahi chorando. E Amaro affirmou surdamente:

— Pois não ha que vêr. O rapaz foi recrutado.

E assim, nessa expectativa anciosa, correram duas compridas semanas, e, até novembro, dia por dia, a minha vida foi um lento bocejo, uma tediosa e infinita modorra.

Amaro oppunha-se ás minhas idéas de escrever cartas, de telegraphar, sempre receioso de alguma perfidia, garantindo que era perder tempo e trabalho, porque nem cartas nem telegrammas chegariam ao destino e, como desabassem grandes chuvas, propoz-me mandar o padre Bento ao Rio logo que voltasse o sol. Elle, por certo, não seria confiscado para as fileiras, era um ministro de Deus, carregado de annos.

O padre, com a resignação de um martyr, apenas sussurrou — que estava prompto. Não obstan-

te os seus velhos annos resistia bem ás viagens, tanto que affrontava estiradas leguas ingremes, atravéz das montanhas, para visitar as suas capellanias, espalhando o baptismo pelos cerros, como um missionario. Logo que as chuvas estiassem, iria ao Rio, e, apezar de seu genio tranquillo, ajuntou — que ao menos teria occasião de vêr, uma vez que fosse, esse tremendo navio.

Mas os ares frios dos montes, a exhalação das aguas dormentes das lagóas, em cujas margens eu costumava ficar esquecidamente, com o Ludgero e dois cães, á espera das pacas, nas claras noites, á hora em que ellas desciam para beber, minavam-me a saude e, uma tarde, á hora em que deviamos montar para um passeio aos novos cafesaes, tomaram-me o ventre colicas agudas, suores frios inundaram-me o rosto e cahi regelado sobre um banco da varanda, urrando, contorcendo-me como se me cravassem punhaes.

D. Senhorinha, aturdida, acudiu com um chá de hervas amargas e, amparado pelos braços de Amaro e dum negro, caminhei para o meu quarto, gemendo, afflicto, cheio de ancias.

XXXII

Do que houve nesse fim de tarde e por toda a noite nada sei até hoje; lembro-me apenas de que amanheci prostrado e ardendo em febre. Aos pés do meu leito, sentada sobre o couro de veado, uma negrinha cabeceava e, estirada na *chaise-longue*, Lavinia fitava-me com uma doce ternura nos olhos amortecidos.

Vendo-me afflicto, ergueu-se sem ruido, no bico dos pés, para indagar se me sentia melhor, recommendando-me calma, que não me movesse, que não falasse. E passou-me de leve a mão pela fronte, enxugou-me o rosto com o seu lenço e ficou a olhar-me com um grande amor, enlevada, absorta, sem mesmo notar na negrinha que nos via.

— Que tive eu? perguntei.

— Uma indisposição, coisa a tôa. O medico

está ahi. Com mais dois ou tres dias de cama fica bom. E, ameaçando-me com o dedinho: Isso é para o senhor não se metter em caçadas á beira do açude, um lugar de febres. Eu, que estou acostumada, já escapei de morrer com uma molestia que apanhei ali, quanto mais o senhor.

Os olhos ardiam-me como duas brasas e uma grande sêde reseccava-me a garganta. Pedi agua e Lavinia, feliz em poder servir-me, foi pressurosa á commoda e veiu com um copo limpido. Tomou-me a cabeça delicadamente e aproximou o copo da minha boca sedenta. Olhamo-nos; ella suspirou sorrindo e, deixando-me nas altas almofadas, afastou-se sem rumor.

Cerrei as palpebras, cahi num torpor suave e foi assim, nesse doce estado de quebranto, que senti o affloramento dos labios de Lavinia na minha fronte escaldada. Deixei-me estar de olhos cerrados para não afugental-a, tão bem me faziam esses beijos afagantes que roçavam apenas a pelle do meu rosto, mas parecendo que me penetravam lentamente, gotta a gotta, como o orvalho numa flôr que murcha.

Depois houve um sussurro de vozes junto de meu leito, tinir de louça e nada mais ouvi.

Para a tarde, quando reabri os olhos, senti um grande ardor nas plantas dos pés, mas um

velho alto, de longas barbas patriarchaes, tomou-me o pulso, falando-me com intimidade:

— Então que é isso? Olhei-o e Lavinia apresentou-m'o:

— O Dr. Figueiredo.

— Dr. Figueiredo, hein?! fez o medico sentando-se á borda do meu leito: Estás uma enfermeira exemplar. Estou vendo que ainda acabas irman de caridade. Deixa-te estar: agora, quando eu adoecer, mando buscar-te; quero vêr se ficas á minha cabeceira com a mesma paciencia. E, falando, a rir, ia introduzindo o thermometro por baixo da minha camisa, para a axilla. Não dorme, não come... Pois sim... Eu conheço.

E o quarto encheu-se. Amaro, o padre e D. Senhorinha entraram subtilmente, cuidadosos, e cercaram-me com interesse. O medico, porém, erguendo-se, foi á janella examinar o thermometro e, dirigindo-se a Amaro, disse:

— Não ha perigo, está muito bem... e com enfermeira como esta... Assim até eu queria ficar doente toda a vida. E sahiu rindo. O padre veiu então perguntar se me sentia melhor, se ainda tinha dôres. Lavinia, porém, avançou pedindo-lhe que não falasse, o medico prohibira conversas. E, debruçando-se ao respaldo do leito,

olhando-me risonha, abafava bocejos de vez em vez.

Anoitecia. Trouxeram luzes e Lavinia distrahia-me com as suas conversas ingenuas. Falou-me do medico.

— Era um velho amigo da familia; salvara-a da morte muitas vezes; era como um parente em casa. Lá estava na sala de jantar, com o pai e o padre, jogando o voltarete e discutindo a revolução.

Bom homem, vivia com duas irmans: uma viuva, mãi de uma pequena, idiota e paralytica, a Alice, de 15 annos, que jazia na cama, entrevada, encolhida, pequenina como uma criança, sempre rindo, com os cabellos louros emmaranhados rolando-lhe pelo rosto. Era, talvez, o homem mais querido do lugar; brancos e negros, ricos e pobres estimavam-no e, se não fôsse a politica, podia ter uma fortuna, mas no tempo das eleições, perdia a cabeça, ficava como um louco: gastava rios de dinheiro, brigava, ameaçava e podiam morrer os proprios parentes porque não deixava o animal, cabalando de fazenda em fazenda.

Com a Republica jurara não se metter mais em politica, mas logo que chegou o tempo das eleições não se conteve: montou a cavallo, recomeçou a campanha, viajando leguas para conquistar um voto.

Tinha um pequeno sitio, era toda a sua fortuna. As irmans cosiam, em compensação os fazendeiros abasteciam-lhe a despensa com presentes; os proprios negros levavam-lhe caça, criação, productos das suas roças.

Dois dias passou o medico a meu lado, tomando a minha temperatura, dando-me remedios e, apezar da recommendação que me fizera de absoluto repouso de espirito e de corpo, ás vezes pedia-me pormenores da revolta. Mas na manhan do terceiro dia despediu-se, confiando-me aos desvelos de Lavinia, promettendo voltar e, apertando-me a mão, disse, com a sua voz stentorica e o seu eterno sorriso:

— Olhe, meu amigo, desta está você livre. A febre foi sempre mais benigna do que as balas de Sepetiba que lhe deram cabo do canastro. Vocês não se fartam de dizer que os medicos são assassinos, pois ahi está — você escapou das minhas mãos... depois de morto!

E explodiu uma gargalhada estrondosa e todos riam em torno de mim. Mesmo D. Senhorinha, sempre grave, levava um lencinho á boca para abafar o riso.

Lavinia, que não me abandonava senão á hora das refeições, acompanhou-os até á porta, voltando para a cabeceira do meu leito; e sorria.

Ao vêl-a, tomou-me uma excitação de curiosidade que ainda mais recrudescia á lembrança das palavras estranhas do doutor Figueiredo. Olhei-a enternecidamente, estendi-lhe as mãos; ella abandonou-se ao meu carinho com a submissão de uma escrava. Então pedi-lhe que me explicasse por que todos riam, que razão havia para tamanha hilaridade, dissesse por amor de Deus!

E, falando, acariciava-lhe a pequenina mão macia, correspondia aos seus olhares, afagava-a com o meu sorriso.

— Para que? fez ella num turturino, o senhor vai impressionar-se. Está ainda tão fraco, póde ter uma recahida. Não vale a pena...

Taes palavras mais irritaram a minha curiosidade, fiquei numa grande ancia e, allucinadamente, attrahindo-a, pedia, implorava, procurando vencel-a pelo carinho e ella, abandonadamente, entregava-se, deixando-se cahir sobre o meu peito.

Já o seu rosto vinha proximo do meu, o seu halito bafejava-me quando, de novo, intercedi e, tremulamente, os nossos labios uniram-se e ficaram um longo tempo de amor collados. As duas tranças rolaram sobre o meu rosto e ella, num torpor de deliquio, parecia succumbida, sem forças para erguer-se, quando ouvimos passos no corredor. Levantou-se d'impeto, retirou as mãos e

ficamos sem falar, olhando-nos, até que o rumor distanciou-se.

— Conte-me, diga-me! implorei: que é?

Lavinia suspirou como se lhe custasse a confissão, mas disse resignada:

— Foi um homem que esteve aqui hontem, um Loubeira, que viaja por conta de uma casa do Rio. Falou da revolta... Fez um momo, retrahiu-se, balbuciando: Não vale a pena, o senhor vai impressionar-se... depois é mentira. Nós riamos justamente da mentira.

— Mas fale!

— Não fica incommodado? Não se impressiona? Olhe que o medico recommendou toda tranquillidade. O senhor póde ter uma recahida e papai zanga-se commigo.

— Qual!

E afaguei-lhe as mãos que ella, de novo, abandonara aos meus carinhos.

— Olhe lá? E contou: Hontem, á mesa, papai, conversando com o homem, pediu noticias da revolta. Não imagina o que elle disse: cahem balas na cidade todos os dias, tem morrido uma infinidade de gente, ha não sei quantos predios derrubados e da ilha das Cobras já começaram a fazer fogo para a terra. Mas o que nos fez rir não foi isso.

— Então?

— E' que corre no Rio que o senhor foi fuzilado em Sepetiba...

— Como!?

Lavinia obrigou-me a repousar porque, no impeto do meu espanto, quasi me sentei no leito, a tremer.

— Não conto mais! Eu bem disse que o senhor ia incommodar-se. E rindo: Mas não vê que é mentira? O senhor não está aqui? então? Que tem que corram essas noticias? é até melhor porque ninguem preoccupa-se com o senhor.

— Mas fale... E depois?

— Diziam que o senhor estava a bordo do *Uranus*, um nome assim, papai sabe. Eu não entendo nada dessas coisas, vou vêr se me lembro do que disse o homem. Esse navio, tentando forçar a barra, foi presentido pelas fortalezas que o crivaram de balas, estragando as machinas de modo que não puderam funccionar e foi com recurso de uma pequena vela que elle conseguiu fazer-se ao largo, ficando fóra do alcance dos fogos das baterias. Mas no momento do combate, muitos dos que iam a bordo precipitaram-se nagua; uns ganharam as praias a nado, outros em escaleres e entre elles o senhor. Mas as forças de terra, que guardavam o littoral, não deixavam as

embarcações atracar e os poucos que conseguiram chegar ás praias fôram fuzilados. O senhor e mais cinco marinheiros... morreram em Sepetiba.

E Lavinia rompeu a rir, apertando-me a mão nervosamente. Eu estava pasmado:

— Mas... isso vem nos jornaes?

— Não, foi o homem que disse... E' o que corre ao Rio. Affirmam até que o seu cadaver foi reconhecido por um official seu amigo, um Brito. Papai não disse nada ao homem, mas o Dr. Figueiredo rompeu a rir e, emquanto não confessou que o senhor estava aqui, doente, não descançou.

— E esse homem... quem sabe se não é um espião? Quem sabe se não fez tudo isso para surprehender a verdade? Quem sabe se não veiu aqui procurar-me? Conhecem-no? Quem é? Agitado, sentindo dôres agudas na cabeça como se m'a apertassem num capacete de aço, lembro-me de que tentei levantar-me, mas uma nuvem passou-me pelos olhos, vieram-me tonteiras e o delirio, o tremendo delirio de que ainda me lembro como se tivesse sido um sonho, um sonho mau, suppliciante.

Foi numa tepida manhan de domingo que me levantei da cama enfraquecido, arrastando-me para uma cadeira, ampla como um throno, toda forrada de lans. A sineta do quadrado repicava

em festa e as camachirras vinham trissar, com familiaridade, no poial da minha janella. O ar muito brando rescendia.

O padre, já revestido para a missa, entrou para felicitar-me, ajuntando que ia agradecer a Deus o milagre da minha salvação. Amaro, Lavinià, D. Senhorinha, em trajos domingueiros, demoravam-se commigo repetindo palavras dos meus delirios, falando-me do desanimo do doutor Figueiredo e das preoccupações religiosas do padre, que propuzera sacramentar-me. Mas um moleque veiu chamal-os para a missa! Partiram.

Commigo ficou a negrinha, sempre muda, cabeceando a um canto. Com as mãos nas pernas quedei olhando o céu, mas os olhos ardiam-me, a vista turvava-se-me e grandes nevoas escureciam o esplendido horisonte como um crepusculo repentino.

A barba, que repontara durante a molestia, eriçava-me o rosto; tive curiosidade de vêr-me. Pedi o espelho á negrinha.

Pallido, os olhos fundos, cercados de olheiras, mal brilhavam amortecidos e tristes, a barba hispida, os cabellos compridos davam-me ao rosto expressão ascetica. Desconheci-me sob essa feição miserrima de enfermo, livido e esqualido.

Apalpando-me sentia a ossada á flôr da pelle;

as mãos tinham a transparencia do jaspe; só então comprehendi a gravidade da molestia que me prostrara por mais de um mez, entre a vida e a morte, longe dos meus, num desamparo de terras remotas.

E lembrei-me do pequenino cemiterio da fazenda onde jazia o Pedro — um agreste acogulado de tumbas entre hervas altas. A cerca de espinhos estava toda em flôr quando eu lá fôra. Uma grande cruz abria os braços toscos ao meio dessa area tristonha, outras pequenas tombadas apodreciam ao tempo.

Pensando que podia ter sido enterrado ali, naquelle jazigo de negros onde os porcos, fossando, faziam apparecer ossadas, arrepiei-me com repugnancia. Mas Lavinia appareceu risonha, com o seu livrinho de missa, contando que pedira a Deus por mim, que já havia começado a pagar a promessa que fizera no dia em que o Dr. Figueiredo desenganara-me.

Pouco e pouco fóram-me voltando as forças. Já caminhava apoiado a um bengalão, quando Amaro referiu-se ao homem que trouxera a noticia da minha morte e fiquei sabendo, com todos os pormenores tragicos, essa terrivel aventura em que me haviam mettido os visionarios. E, por entre gargalhadas, Amaro contou «o meu caso.»

Uma corajosa travessia em escaler, com marinheiros ebrios que remavam ao acaso demandando um ponto qualquer de desembarque. A prisão em Sepetiba, noites ao relento, noites ao sol, descalço, faminto. Por fim o fuzilamento e Amaro narrou: «Já estavas mais morto do que vivo, porque os soldados divertiam-se espetando-te com as baionetas quando, uma manhan, fôram buscar-te á prisão entregando-te uma enxada. A coisa devia ser feitá num campo deserto e lá seguiste com a soldadesca. Chegando ao tal lugar mandaram que te despisses e que, de joelhos, cavasses a tua sepultura. Pediste, imploraste, offereceste fortunas, mas a gentinha era terrivel e não tiveste remedio senão fazer o buraco. Quando ficou bem fundo, um soldado empurrou-te e todos descarregaram as armas sobre o teu corpo. Já se vê que, depois disso, não podias sahir da cova... e lá estás com um pouco de terra em cima, tu e os marinheiros. E Amaro rompeu a rir apezar das exclamações de D. Senhorinha «que nem podia ouvir falar em semelhante coisa.»

— De sorte que, no Rio, sou um homem morto?

— Mas muito bem morto!

— E o Alfredo, Amaro...? Que é feito delle?

— Sei lá! Até hoje nada! Com certeza le-

vou-o alguma granada. Mas vou tirar tudo isso a limpo: O padre vai ao Rio não só para tranquillisar a tua gente como para vêr se descobre o crioulo. Afinal vai já para quatro mezes que estás longe dos teus e perseguido por essa chusma de boatos.

— E se mamãi acreditou na minha morte, Amaro?!

— Qual acreditar, homem! Quem acredita em coisas dessas?!

— Ora, quem! exclamou Lavinia, o Sr. Loubeira. Se elle até disse que conversou com o official que mandou cobrir o corpo do senhor Josephino.

— Ora! o Loubeira! o Loubeira é um sonhador! Pois elle não garantiu que na tentativa de assalto a Villegaignon haviam morrido mais de quinhentos homens? Não disse que os marinheiros tinham tomado Nitheroy? Não jurou que o *Javary* foi mettido a pique por um sujeito, pago pelo governo, que conseguiu engajar-se como machinista? Ora o Loubeira!

— Mas Amaro, esse Loubeira representa bem o typo do fluminense, disse eu: são todos assim: acceitam, sem discussão, o primeiro boato como uma verdade incontestavel. O Brasil é o paiz do sonho. De resto, ha todo fundamento para que

se acredite na minha morte. Desde que aqui estou nem uma só carta escrevi; não falo das que levou o Alfredo porque essas, tenho certeza de que não fôram entregues. Mamãi será a primeira a confirmar os boatos. E lastimei: Fiz mal em não ter escripto...!

Mas Amaro acudiu logo:

— Não ha tal! foi uma resolução prudente. Elles que andam a espalhar que morreste é porque não sabem onde estás. Agora imagina que uma das tuas cartas, uma só, era pilhada no correio, e depois? Os homens desconfiam de ti, dariam muito pela tua cabeça e... e então?

Se arranjassem meios de chegar até aqui, — tu sabes que quando elles querem fazer as coisas fazem mesmo, — mettiam-se uns quatro ou cinco patifes como colonos, porque afinal isso é commum, vem gente todos os dias pedir trabalho, aqui e nas outras fazendas, e então? mettiam-se aqui como colonos e um bello dia, apanhando-te a geito numa volta de caminho, pregavam-te umas balas nas costas e punham-se a andar. Deixa lá! Foi muito bom não escreveres. Vão lá saber onde está o Sr. Josephino Soares ou Firmino Caroba, como diz o teu passaporte. Assim, estás descançado. Amanhan o padre vai ao Rio, deslinda tudo e está acabado. Meu amigo, com politicos toda cautela é pouca...

XXXIII

Effectivamente, no dia seguinte, o padre partiu para o Rio com um maço de cartas.

E do que houve durante o tempo ancioso da sua demora só registro o epilogo passional do meu idyllio.

Foi justamente na vespera da chegada do padre, já eu caminhava livremente pelo jardim, ao sol, aspirando o ar puro dos campos, que Lavinia me appareceu de manhan, cedo, em companhia de Amaro, dizendo-me que não queria ficar mal com Deus nem comprometter minh'alma. E expoz ingenuamente: Que no dia em que o doutor Figueiredo me desenganara, abandonando a cabeceira do meu leito, ella fizera um voto no coração — que assim que eu me levantasse iria á capella fazer uma oração á Senhora das Dores. E ameaçou-me: Se eu não cumprisse a promessa

não só ficava mal visto aos olhos de Deus como tambem indispunha-a com a Virgem, que ella nunca invocara em vão.

Amaro veiu em auxilio da filha:

— Que devia ir. Não era carola, mas em coisas de religião não admittia brincadeiras. Desde que a pequena fizera a promessa, era cumpril-a. Assim como assim eu estava de pé e o proprio medico apregoava o milagre.

Objectei sorrindo — que não entendia de rezas, mal sabia o Padre Nosso... Mas Lavinia acudiu logo — que me ensinava. E, rindo, caminhamos para a capella, emquanto Amaro ia fincando pequeninas estacas para sustentar os craveiros.

A capella ficava no extremo da casa, com duas janellas para a matta. Aos domingos o pequeno retiro sagrado enchia-se de colonos, mas nessa linda manhan, quando Lavinia abriu de par em par as janellas, apenas o sol entrou, o sol e a aragem perfumada.

O altar erguia-se ao fundo, vistosamente ornado, com os cirios dourados, o cruzeiro de prata. O missal fechado repousava na pequena estante e, ao alto, dentro do seu nicho resplandecente, a Virgem das Dores mostrava o coração atravessado de espadas.

Pelas paredes havia quadros religiosos — a

Ceia, a *Conceição*, o *Senhor Morto* e, sobre uma mesinha, a um canto, o presepe com a Sagrada Familia — uma gruta coberta de musgos, á porta pastores adorando o infante e dentro os animaes que bafejaram o Divino Martyr.

Um largo tapete amortecia os passos e, pendente do tecto, uma lampada de prata alumiava.

Lavinia, cheia de contricção, ia e vinha nas pontas dos pés como para não interromper o doloroso extase da Virgem, por fim ajoelhou-se acenando-me para que me ajoelhasse a seu lado e mostrou-me as mãos juntas dizendo-me apenas, baixinho: — Reze.

E inclinou a fronte sobre o collo; mal eu percebia o movimento dos seus labios. Eu estava absorto, olhando para o altar, mas a minha attenção fixou-se no rosto incomparavel da imagem que, apezar da expressão de suprema angustia, era ainda formoso e, aberrando-me pelos pensamentos, perdi-me nos sonhos lembrando-me de mamãi, de Annalia, com o espirito muito longe, como se minh'alma me tivesse abandonado para errar, cheia de saudade, pelos sitios amados em torno dos meus affectos.

Uma ovelha, balando fóra, fez-me reentrar na realidade. Lavinia rezava sempre, muito recolhi-

da, mas, como se sentisse o meu olhar, voltou rapidamente a cabeça e insistiu: — Reze.

Sorri e, pretextando tonteiras, porque ainda me sentia fraco, levantei-me, fui apoiar-me á janella lançando os olhos pela linda paizagem que o sol dourava. Dando commigo nessa enlevada attitude de contemplação, Lavinia chamou-me:

— Então?

— Mas já rezei...

— Venha cá, ainda não é tudo. O senhor já está bom... e eu? agora é a minha vez. Venha cá. E sorrindo, illuminada pelo raio de sol como numa apotheose, attrahia-me e, de novo, obrigou-me a ajoelhar-me a seu lado.

Não sei se esteve a rezar, mas guardou um longo silencio; por fim, muito vermelha, encarou-me:

— Não acredita em Deus?

— Eu!? e fiquei pasmado dessa pergunta abrupta e sem razão de ser. Quem lhe disse tal? Não sei rezar as orações dos livros, mas intimamente faço as minhas preces e era preciso que não tivesse soffrido tanto para não acreditar em Deus.

— Então crê? E em Nossa Senhora?...

— Tambem.

— Não é capaz de mentir diante della?

— Não!

Baixou de novo a cabeça e recahiu em silencio; e o seu collo arfava, as suas narinas palpitavam.

— Mas porque faz taes perguntas?

— Por que? Porque quero que me diga a verdade... toda a verdade. E' capaz? E, olhe lá! é aqui diante de Nossa Senhora! Os seus olhos flammejavam e percebi immediatamente que ia falar-me do seu amor. Diga-me: gosta de mim? E falando torturava as mãos, conservando sempre os olhos baixos.

— Porque não?

— Sim, mas não é gostar como o senhor pensa...

— Como?

— Porque tratei-o, porque sou sua camarada; não, não é gostar assim. Olhe, se eu estivesse para morrer e se outro qualquer offerecesse-me a vida em troca do meu coração, eu não acceitava... por sua causa. E, como se a expressão fôsse indecorosa, estremeceu toda, sussurrando: Ama-me? Vendo-me, porém, hesitante — porque não sei que força estranha conteve-me quando eu quiz pronunciar mentirosamente que a amava — falou nervosa, mostrando a Virgem impassivel que desvelava o coração martyrisado:

— Veja lá! não minta!

Ergui-me e ella seguiu-me com os olhos anciosos, arfando e havia tanta ancia no seu olhar que não tive coragem de dizer-lhe a verdade e afastava-me sensibilisado, escondendo lagrimas quando ella, avançando, embargou-me a passagem transfigurada, as mãos juntas, ameaçando ajoelhar-se a meus pés como estivera ajoelhada diante do altar.

— Fale, pelo amor de Deus! Não me zango. Então é crime? Nenhum de nós tem culpa... não é? Nenhum de nós tem culpa. Fale! Não gosta, diga.

Sei que lhe disse que era noivo porque a desgraçada afastou-se lentamente, de olhos baixos, indo encostar-se ao altar, balbuciando:

— Ah! meu Deus! Mas voltou-se banhada em pranto, quasi a gritar, ameaçando-me:

— O senhor é máu! Muito máu! Por que não disse? Isso não se faz. E agora? E, como se eu a tivesse offendido duramente, abria os braços, fitava-me perguntando-me com a voz presa:

— E eu? E eu?

Eu tremia prestando ouvido aos minimos rumores, mas avancei impetuosamente, tomei-lhe as mãos e falei:

— Pois não me pediu a verdade? queria que

mentisse diante de Deus? Queria? Ella, abandonada, apenas disse:

— O senhor é muito máu... E desatou a chorar perdidamente.

Chamei-a, implorei que sahissemos, podiam achar-nos ali sós. Que diriam se a vissem chorando? E sempre, emquanto viver, hei de lembrar-me da resposta maguada e cheia de resignação dessa pobre moça enferma:

— Não dirão nada: eu choro sempre.

E repelliu-me brandamente:

— Vá o senhor, eu fico para fechar a capella. Vá. Limpou os olhos doloridos e poz-se a arranjar a palma de um vaso. Encaminhei-me para a porta, mas voltando-me, vi que me acompanhava com os olhos marejados trincando os labios, desfigurada pelo soffrimento.

— Não chore! pedi ainda.

— Póde ir, não choro mais.

Sahi, mas em caminho, ouvi os gritos agudissimos de Lavinia e corri para chamar Amaro que cuidava das suas flores e o pobre amigo, com as mãos negras de terra, precipitou-se para a capella:

— Era de esperar! Não viu como hoje amanheceu alegre? E lá fôram encontral-a rolando pelo tapete, ás gargalhadas e soluçando.

Não sei que houve na capella, creio, porém, que Amaro percebeu a triste verdade porque, á noite, falou-me sentido: — Ali havia coisa. A pequena estava impressionada e D. Senhorinha lembrou um passeio a S. Paulo, para distrahil-a.

— Tambem aquella vida de encerro enfastiava. E, ao chá, não sei se foi por preoccupação do meu espirito, mas pareceu-me que a excellente senhora, sempre affavel, tratava-me com seccura, evitando os meus olhos.

Lavinia encerrou-se e soffria, sem duvida, pois, de vez em quando D. Senhorinha ia pé ante pé espial-a ao quarto e voltava a suspirar, lastimando-a.

Amaro, entretanto, continuava o mesmo e, na manhan seguinte, ainda rolavam nevoas pelos montes, foi bater á porta do meu quarto convidando-me para um passeio á lavoura, antes do sol forte.

Vesti-me e sahi com elle.

Já os cavallos sellados esperavam-nos e partimos vagarosamente em rumo dos cafesaes. Calados, iamos olhando a lindeza do panorama alpestre, cavado de profundissimos valles, quando ouvimos um grito agudo que parecia vir das grotas. Retivemos os animaes e foi Amaro quem descobriu, num estreito caminho serpeante, Lavi-

nia, lançando a galope um fogoso cavallo. Acenava-nos e o bom velho disse com um triste sorriso:

— E' a pequena. Agora vamos esperal-a um instante.

O cavallo desapparecia, por vezes, no matto denso, mas logo surgia impetuoso, açoitado pela cavalleira.

— Pobre rapariga! Afinal, coitada! é preciso ter pena della — é doente. Hontem, á noite, fazia dó: chorou até tarde pedindo a morte e já está ahi lepida e alegre como se nada tivesse havido. E' uma creatura incomprehensivel. Queres saber? cheguei a pensar que ella estava apaixonada por ti... Mas qual! rompeu a rir quando lhe falei nisso. E encarando-me:

— E' verdade que estás noivo?

— Sim, é verdade.

— E de quem? Póde saber-se?

— Da filha de Luiz Farinha. Amaro meneou com a cabeça e, depois de um silencio, felicitou-me:

— Parabens! E' uma linda moça.

Mas já ouviamos o tropel do cavallo de Lavinia e vimol-a apparecer com os cabellos ao vento, corada e sorrindo.

— Então não me quizeram convidar para o passeio? Se mamãi não me dissesse que tinhas

sahido eu ainda andava por lá á tua procura, papai. E, arranjando os cabellos: Onde vão? á matta? Vamos á matta?

— Não, filha, ha muita humidade agora. Iamos aos cafesaes novos. Queres vir?

— Não, vamos á matta! implorou. E accedemos.

E nunca a vi tão garrula, tão alegre como nessa manhan. Atravessando os estreitissimos caminhos cruzados de cipoaes, ria, cantarolava, vergastando a folhagem, rompendo as teias de aranha. E colhia flores, lindos corimbos, parasitas, madresilvas, folhas de côres vivas, enfeitando-se, arrecamando o palafrem que bufava escorrendo em suor.

Negros lenhavam cantando e ouviamos o bater dos machados, os estalos dos troncos, o farfalho dos ramos derreados e era festivo e vario o canto dos passarinhos.

Lavinia seguia á frente voltando-se, de vez em vez, para prevenir-nos — que abaixassemos a cabeça, que iamos descer, que iamos subir e, rapidos, seus olhos macerados, cheios dum brilho diamantino miravam-me, mas logo, para disfarçar, ella annunciava qualquer coisa — uma orchidea num tronco, um fio dagua atravessando o caminho, o canto triste de um passaro.

Por fim sahimos na planicie, perto do açude, onde o gado pastava e, como Amaro guiasse o animal para um trilho que levava á casa, Lavinia, surprehendida, indagou:

— Já?

— Então? o sol não convida, minha filha. A' tarde, se quizeres, faremos outro passeio. Agora não...

— A' tarde! Que vou eu fazer em casa agora? E, resoluta: Pois sim, vão os senhores. Voltando, então, o animal chicoteou-o desapparecendo logo entre os mattos. Amaro encolheu os hombros:

— O melhor é não contrarial-a.

Demais, emquanto ella viveu assim á solta não teve os taes ataques: era robusta. Deixal-a! Mesmo o Figueiredo já disse que é dessas coisas que ella precisa, nada de vida sedentaria: exercicios, passeios. Que ande! E' capaz de ir daqui á fazenda do Cruz que fica a mais de legua. Vai só, conhece esses caminhos como ninguem. Deixal-a.

D. Senhorinha, mal avistou-nos, disse que Lavinia sahira como uma louca á nossa procura. E perguntou por ella.

— Não quiz vir, disse Amaro, deu-lhe hoje para passeiar.

— Assim doente, fraca?!

— Qual, disso é que ella precisa.

Era mais de meio-dia quando serviu-se o almoço sem que Lavinia apparecesse. D. Senhorinha, afflicta, queria mandar negros procurarem-na — podia ter tido alguma coisa, demais a mais num cavallo chucro. Amaro tranquillisou-a:

— Qual, foi com certeza á fazenda do Cruz, lá tem a Eugenia, estão juntas. Que podia ter acontecido? uma queda? disso não tinha elle receio: era mais facil um burro voar, affirmou orgulhoso. Cavalleira como ella podia haver, melhor, isso não. E, calmo, sentou-se á mesa repetindo — que era daquillo que ella precisava.

XXXIV

A tarde empallidecia quando um crioulinho entrou a correr pela sala, gritando:

— Ahi vem seu padre.

Sahimos á varanda para vêr chegar o bom velho que vinha resignadamente ao passo moroso da mula preguiçosa, as pernas bambas, o guarda-sol aberto.

Precipitei-me ao seu encontro e, antes que elle desmontasse, pedi-lhe novas de casa.

— Tudo bem, com a graça de Deus! disse atirando ao pagem as redeas da mula. E, rindo: Mas olhe que foi um trabalho para que me acreditassem! A senhora sua mãi, que fui encontrar em pesadissimo luto, desconfiou de mim e, se lhe não tivesse mostrado a sua carta, estou certo de que me teria despedido da porta. Mas que alegria para a boa senhora quando reconheceu a sua

letra. As lagrimas saltaram-lhe dos olhos com tanta força que teve de suspender a leitura. E, durante toda a manhan, falou-me dos boatos que por lá têm corrido sobre a sua morte. Creio que ella vem a Juiz de Fóra encontrar-se com o senhor. Lá do homem, trago tambem uma carta e outra da menina. Mas vá lá, console-se com a leitura emquanto vou arrancar do corpo esta camisa que está alagada. E, atafulhando a mão no bolso, tirou um pesado pacote que me entregou.

— E o Rio, senhor padre?

— Um horror, meu amigo! parece que vem os céus abaixo quando Villegaignon faz fogo. E agora não é só para as fortalezas, atira para o holophote da Gloria e as balas passam sibilando no ar indo bater numa pedreira; cahem, ás vezes, na rua. Um horror! Durante o dia é o tiroteio para os cães; é um perigo andar a gente nos bonds de Botafogo. Quando passei para a Gavea fiz a minha oração a Deus porque estava a vêr a hora em que uma bala me atravessava. Um horror!... Mas bonito, palavra!

Amaro veiu interromper o padre perguntando pelo Alfredo: se o não vira, se não tivera noticias delle e os crioulinhos, aos pulos, cercaram o bom velho, pedindo-lhe a benção, acompanhando-o até á varanda onde D. Senhorinha, de braços abertos,

dava graças a Deus por vêl-o vivo, dizendo que havia tido sonhos terriveis com elle.

Desfazendo o pacote, fui caminhando para o caramanchão onde havia uma fresca sombra agradavel e rasguei nervosamente o envólucro da primeira carta que era de minha mãi. E li, com os olhos marejados d'agua, todas as linhas tremulas que enchiam, numa letra miuda e compacta, as quatro paginas da folha.

«Meu filho. Não tenho animo de accusar-te nem encontro palavras que não sejam de amor, porque a alegria do meu coração não dá tempo a queixas nem a censuras. Imagina, meu querido, que ha já tres mezes trago a alma mais negra do que os crepes com que me vesti pela tua morte.

Quando daqui partiste falaste em Ouro Preto, mas deixaste o teu endereço para Itatiaya, fazenda de S. Borja e para lá escrevemos seguidamente sem que obtivessemos resposta até que, apparecendo por aqui o Dr. Anthero, por elle soubemos que não só não estavas na fazenda como por lá não havias apparecido.

Isso coincidiu com as noticias que aqui correram da tua sahida no *Uranus* e, mais tarde, da tua morte em Sepetiba.

Foi Julião, o bom e sincero Julião, quem

trouxe a noticia do teu embarque e tu, meu filho, não pódes imaginar sequer as torturas porque passou o meu coração. Sem dormir, rejeitando todo o alimento, adoeci gravemente e estive entre a vida e a morte até principios de fevereiro, quando o Sr. Luiz Farinha veiu buscar-me para convalescer na sua chacara da Gavea.

Ah! meu filho, á vista de Annalia eu mal podia conter as lagrimas. Pobre menina! Mas quando me chegou aos ouvidos que havias sido fuzilado não sei como não enlouqueci. Ah! Josephino, a dôr não mata, infelizmente. Encerrei-me com tua tia recebendo apenas a gente do teu futuro sogro, Julião, o Rodrigues e uma senhora que mora actualmente na visinhança, mãi de um aspirante de marinha que lá está na ilha, com o Saldanha.

O Sr. Luiz Farinha nunca acreditou na tua morte, dizia sempre que estavas por ahi algures, que um dia, sem que esperassemos, surgias em casa, forte e lepido e quasi zangou-se commigo vendo-me de luto e sabendo que eu mandara rezar uma missa pelo descanço de tua alma. Mas, meu filho, que havia eu de pensar se me não vinha ás mãos uma só carta, se não me davam noticias de ti?

Quando esse bom e venerando padre entregou-

me a tua carta não te sei dizer que senti — as lagrimas rebentaram-me dos olhos. Elle que te diga o estado em que fiquei, e tua pobre tia que não tem feito outra coisa senão chorar. Conforme pediste, apenas mostrei a tua carta ao Julião que tem sido para mim um verdadeiro amigo.

Do que tem havido por aqui que sei eu? Vivia para o meu luto, alheia a tudo, indifferente a tudo. Só te posso dizer, porque vi nos jornaes, que o pequeno Celestino morreu no combate da Armação. Morreu como um bravo, levantando vivas; quanto ao Sr. Forjaz, dizem uns que está na detenção, outros que foi passado pelas armas. Mas depois do que houve comtigo, meu filho, não creio mais em morte de ninguem. O Celestino sim, esse, coitadinho! foi para Deus. Dias antes jantou aqui commigo muito satisfeito, contando façanhas, com uma grande confiança na victoria e procurou consolar-me, dizendo que não podia acreditar na tua morte. E foi a ultima vez que o vi. Pobre criança!

A vida torna-se cada vez mais difficil. Agora não se fala senão na proxima entrada da esquadra do governo, mas eu já não creio nisso, parece-me que a tal esquadra é um boato como tudo mais e para que ella vença os revoltosos é necessario que seja muito forte, porque esse *Aquida-*

ban, meu filho, zomba das fortalezas, zomba dos torpedos, entra e sahe quando quer.

Não sei que vai ser de nós. Se Deus não se compadecer desta pobre terra não sei que será della.

E tu? Sei que estiveste doente... tão longe de mim, mas a familia que te hospedou fez tanto ou mais do que eu faria, bem sei. Deus ha de pagar-lhe em beneficios. E de roupa, meu filho? E de dinheiro? como te arranjas? Meu pobre Josephino! Resolvi encontrar-me comtigo em Juiz de Fóra, para onde parto no proximo domingo. Comtigo a meu lado tenho certeza de prompto restabelecimento. Foi bastante a noticia de que estavas vivo para que me sentisse outra, cheia de um novo alento.

O reverendo ha de entregar-te um embrulho de charutos e dinheiro que te manda o senhor Luiz Farinha. Ah! meu filho... Mas eu não sei escrever o que sinto, reservo-me para quando nos encontrarmos. Adeus! beijo-te muito e muito e que Deus te abençôe. — Tua mãi, *Luiza.*»

E havia um «post-scriptum» em que ella insistia para que eu a fôsse encontrar em Juiz de Fóra, no proximo domingo, e duas linhas abaixo, numa letra muito tremula, minha tia mandava-me

beijos e bençãos. Beijei recatadamente a carta materna e, guardando-a, abri o enveloppe que trazia o suave perfume de Annalia.

Sempre meiga, apezar de sentida e maguada, Annalia não teve uma expressão amarga:

«...Eu, ainda ameaçada de morte, não partiria sem vêr-te. De que me serviria a vida para o corpo se a alma havia de levar a saudade, peior que a morte, para perseguil-a? Por que não me escreveste contando-me detalhadamente tudo: para onde ias afim de que, ao menos, meu espirito pudesse acompanhar-te? Ignorando o teu paradeiro minh'alma andou errando até que estacou diante de um tumulo, porque houve quem me dissesse que havias sido fuzilado numa praia deserta. Tu, que dizias sempre que não me podias vêr triste, tornaste-me, para o sempre, melancolica.

A gente tanto usa um sentimento que acaba por adoptal-o — sou hoje uma meditativa, uma concentrada, tanto pensei em ti, tanto acostumei-me ao silencio que me sinto mal em companhia e, o meu grande prazer é estar só, deixando o pensamento peregrino, no sonho, na divagação penosa, em busca de um bem que foi tão rapido junto do meu coração.

Vives... louvado seja Deus! Quando li a tua

carta senti que dentro em mim resurgia alguma coisa — era minh'alma que vivia ajoelhada no meu coração como diante de um sepulchro. Vives! Nota, porém, que por tua culpa vens encontrar-me desfigurada e torturada, não só no corpo como no espirito.

O longo prazo de vigilia ao meu amor finado tornou-me triste! E dahi? porque não me escreveste? Não creio que as lindas arvores tenham occupado tanto o teu espirito a ponto de o tornarem indifferente aos que te amam. Que encontraste ahi que tanto te distrae e preoccupa que não tenhas um minuto para os teus juramentos? Eramos duas na agonia — tua mãi e eu, e, confesso-te que me convenci da tua morte pelo esquecimento em que nos deixaste, mas não quero accusar-te, longe disso, acho até que fizeste bem. Foi melhor assim. Apezar das torturas das minhas horas de soledade, hoje bemdigo o teu silencio, porque vejo que delle vens de novo para o meu coração solitario.

Acredita que só agora elle existe. Dantes eu era uma sombra, sem vontade, sem energia, sem força, vivendo nem te sei dizer como, porque as minhas noites passavam inteiras diante dos meus olhos abertos e os meus dias eram tristonhos e povoados de pesadelos. Vivi acompanhada como

uma enferma, ora mamãi, ora papai, um delles sempre a meu lado distrahindo-me, procurando afastar de mim as sinistras idéas que me affligiam. E, quando tua mãi appareceu-me de luto, não sei como tive forças para abraçal-a, mas nada dissemos — os nossos olhos tiveram a dolorosa expressão, e a minha garganta ficou embaraçada pelos soluços; mesmo meu pai teve lagrimas, não sei se por pensar em ti, se por vêr tamanha dôr em duas almas tão frageis, e mamãi soluçou comnosco sentidamente.

Onde andarias nessa hora, ingrato, que assim nos deixavas entre lamentosas lagrimas e saudades profundas! Teu retrato, que tenho á minha cabeceira, não sei como ainda existe, tantos são os beijos que nelle tenho posto, tantas são as lagrimas que por elle têm passado! Tu, que falavas, com ironia, da minha beatice muito havias de folgar se uma noite me surprehendesses na camara porque, desde que daqui partiste, deixei de ajoelhar-me diante do Christo para ajoelhar-me diante da tua imagem — e que rezas inventou o meu espirito sentido! Em verdade, affirmo que ainda não encontrei orações mais bellas do que as que me sahiam torrencialmente dos labios nas horas devotas do meu amor. Máu que foste!

Emfim, regosijo com a esperança de tornar a

vêr-te e já preparo uma primavera nas minhas feições para que não as encontres demudadas pelo inverno de angustia que passou por ellas. Já agora é melhor prolongar a anciedade para que a minha alegria seja ininterrompida. Deixa-te estar onde vives até que esta pobre terra, desassocegada como o meu coração, reentre nos dias tranquillos da paz! Não voltes se não com a calma completa. Quero que sejas o symbolo dessa mesma paz, que é o sonho de todos. E, como eu, quantas haverá por ahi afflictas e muitas, talvez, sem esperança? Adeus! adeus! A não ser o meu coração que convalesce nada ha de máu em nossa vida.

Mamãi queria ajuntar algumas linhas a esta carta, mas soffre tanto do braço, coitada, tem tantas dóres! Papai escreve-te. Adeus! pensa em mim e sê prudente. Adeus. — Tua *Annalia*.»

E uma folha de malva, secca e cheirosa, vinha entre as paginas com estas linhas: «E' do nosso canteirinho, junto ao muro. Fôste tu que a plantaste. Adeus!» um *A*. E, mais adiante, tremulamente: «beijo-te».

Um espelho não reflectiria melhor a minha bem amada, ella estava toda nessas linhas commovidas e o perfume, que era como a essencia

suave das suas palavras, ainda mais concorria para a suggestão de amor. Extasiadamente fiquei um tempo immenso relendo as duas cartas, passando dum a outro polo do coração, do beijo á benção, e, quando tomei a carta de Luiz Farinha, pareceu-me encontrar nella as mesmas expressões de extremoso affecto que havia encontrado nas duas primeiras. Mas Luiz Farinha, sempre imperativo e secco, repetia, logo em começo, presagios remotos.

«Eu sempre dizia que te deixasses de amizades com esse Forjaz. Nunca me entrou, bem sabes. Quando pediste a minha opinião sobre elle não tive meias palavras, disse claramente que era um máu homem, sujeito de muitas gravatas e de muitas lerias. Estás pagando pela teima.

O outro, o tal pequeno, lá se ficou picado pelas machadinhas dos marinheiros. Eu, se lá estivesse, tinha-lhe esfregado as orelhas e, á esta hora, não andava a pobre mãi por aqui, como uma louca, a pedir que, ao menos, lhe digam onde está enterrado o filho. Vão lá saber.

Se eu lá estivesse nada disso teria acontecido, porque, no momento em que o tal senhor Forjaz começasse com os boatos, punha-o no andar da rua, que uma casa de negocio não é lugar de po-

liticos. Quem quer ter opiniões não se emprega.

Emfim, o mal está feito, agora é tratar de aproveitar o exemplo para não cahir em outra. Isto continúa na mesma — tiro para lá, tiro para cá. Todos os dias annunciam que chega a esquadra do governo e eu já estou cançado de esticar o oculo para a barra para vêr entrar essa encantada frota. A vida de mal a peior e não ha tranquillidade para nada. Os negocios parados, uma miseria!

E, afinal, como diabo foste parar em Carandahy, quando escreveste que ias para Itatiaya? Que resolução repentina foi essa? Perseguiram-te? Se me tivesses ouvido, estarias livre de tudo isso. Emfim, agora é tarde para arrependimentos — purga a tua quarentena até que possas voltar sem risco para o teu lugar. O Rodrigues tem trabalhado como um mouro e, apezar das granadas, não arreda o pé do escriptorio, sempre firme e valente.

Quem nos deixou foi o Amancio. Conseguiu a hypotheca da fazenda, mas creio que o dinheiro que levantou ficou todo aqui, numa casa de jogo, porque é disso que agora vive a maior parte da gente. Joga-se tudo — as roletas escancaram escandalosamente as portas; são os frontões, são as corridas, são os bichos, um horror!

Um dia desses, passando pela rua do Ouvidor para ir ao medico, fiquei pasmado de vêr a multidão que se apinhava em uma dessas casas que chamam *book-maker*. E atiravam para á cidade.

Tambem de que ha de viver o povo? O operario não póde ir á officina, muitos não sahem de casa com receio do recrutamento; o commercio não faz nada e o pão não cae do céu, é preciso buscal-o. Joga-se — os que têm perdem para os que não têm e assim equilibram-se. E os theatros ahi estão funccionando e cheios todas as noites.

O povo já se habituou com as balas, e os bombardeios são agora um espectaculo. A' tarde, os cáes e as praias ficam negros de gente que vai vêr o *Aquidaban*, que vai vêr Villegaignon, creio até que já ha um jogo, inventado não sei por quem, sobre a pontaria dos artilheiros — uns jogam nos revoltosos, outros nos legaes... e ninguem preoccupa-se com as balas que passam uivando dum lado para outro.

Bem, fiquemos aqui, vai já para as onze horas da noite e os olhos ardem-me. Adeus! cumpre a tua penitencia e engorda. Aperta nos braços esse velho Amaro e pergunta-lhe se ainda se lembra dos famosos codilhos no tempo dos nossos voltaretes. Adeus! Vai pelo padre Bento o que

mandaste pedir. Annalia escreveu-te e tem estado... Sim, ella que se encarregue de contar as suas tristezas, porque eu estou a cahir de somno. E fecho sem mais despedidas, porque não sei quantos adeuses metti neste final; isto bem prova que estou mais para a cama do que para a mesa de escripta. Sê feliz e prudente, porque já é tempo de teres juizo. — *Luiz.*»

Dobrei a carta e, prostrado de saudade, numa negra melancolia, deixei-me estar, sonhando com toda essa gente querida que, de tão longe, falava-me derramando um balsamo consolador no meu coração torturado. Minha mãi e Annalia! Boas e meigas creaturas... E a ancia de vêl-as foi crescendo, num desespero insoffrivel que alanceava minh'alma, demais, concorrendo tristemente para accumular nevoas no meu espirito, cahia do céu, vagaroso, como um baixar de palpebras somnolentas, o fúnero crepusculo.

As cigarras chamavam das altas ramas a tarde que partia sem voltar os olhos ao mundo; a folhagem, num deliquio voluptuoso, rumorejava, as aguas choravam pelos regos e ao longe, docemente, numa mansidão de bucolica, ovelhas balavam chegando á casa. Iam-se-me os olhos para o longinquo, dispersamente, ora num ponto, ora

noutro, a alma partia nos meus olhares e eu sentia como um bafejo carinhoso dentro em mim, intimamente, recapitulando as doces palavras de minha mãi e de minha noiva.

Começavam a gemer na mata as juritys tristonhas quando Amaro veiu festivamente tirar-me da melancolia.

— Então, estás agora satisfeito?

— E' verdade, Amaro... Felizmente!

XXXV

Ao jantar, o padre Bento, ouvido como um oraculo, fez a narração minuciosa da sua passagem rapida pela cidade, atravéz das balas e, sem parcialismo, celebrou a bravura dos que se batiam em terra e no mar, gente do mesmo sangue, aquecida pelo mesmo sol.

Descreveu Villegaignon com a tristeza romantica de um Volney. Serena e grande sobre as aguas a praça insular mostrava as cicatrizes heroicas do seu corpo. Com os telhados abertos em rombos e em taliscas, os muros escalavrados, resistia ainda ao fogo intenso dos fortes. Tudo ruina, apenas um coqueiro, entre as hastes hirtas de dois outros desplumados, affrontava as granadas debatendo-se, como em agonia, ao sopro dos ventos. De repente, das baterias mudas, irrompiam chammas, rolos de fumo eram impelli-

dos e tremendamente os estampidos atroavam os ares.

O forte parecia ter vida propria, era como um corpo animado que operava só, sem auxilio estranho, batendo-se contra os outros fortes que se agachavam no recosto das montanhas, abrigados, emquanto que elle livre, solitario no mar vasto dardejava, de espaço a espaço, com a violencia desesperada de um sitiado. Respondia e remergulhava no silencio e sobre elle, ululando, cahiam as balas com estrondo, aluindo muros, levantando no ar uma poeirada de ouro.

Algumas balas explodiam no espaço deixando, a pairar, um frocco de fumaça; outras afundavam no mar levantando uma columna dagua, mas pouco depois, de novo, o forte insulado detonava attestando a vida mysteriosa e heroica que circulava nos seus alveolos, feita com a coragem, com a abnegação, com a temeridade dos marinheiros que haviam cavado luras na areia para resguardarem-se nas horas mais renhidas de fogo.

Fóra uma tarde ao Flamengo vêr o bombardeio — havia gente como para um espectaculo. Justamente quando chegava, o *Aquidaban*, seguindo lentamente, tomava o rumo da barra, mas parou diante de Gragoatá. Os fortes ennevoa-

ram-se; nuvens de fumo espoucaram do morro que fica a cavalleiro de S. João e atroaram os estampidos fortes, mas o couraçado flammejou, um grande fogo correu pelas baterias de Villegaignon como num rastilho e os ribombos repercutiram longamente.

O couraçado, immovel, parecia desafiar os fortes, houve, porém, um grande silencio e já a noite escurecia os mares quando Santa Cruz atirou de novo. O couraçado, sobranceiro, voltou e singrando para o seu ancoradouro disparou, num relampago, o derradeiro tiro.

A' luz pallida do holophote Villegaignon surgia nos mares como um grande mausoléu de marmore. A luz corria visitando as costas, illuminando os navios como, numa piedosa romaria, a lampada dum monge correndo um campo depois da batalha. Mesmo á noite tiros abalavam a cidade. E o padre falou com enthusiasmo da lancha *Lucy* rapida e terrivel e lamentou tanta desgraça e tanta bravura desperdiçada ao serviço de uma causa triste.

Mas descrevendo a marcha dos federalistas o padre Bento assomou-se em tal enthusiasmo que Amaro observou em tom ironico:

— Homem, parece que vens revoltoso. E's capaz de ir confessar os homens do Gumersin-

do... O padre, contando, fez notar que não accrescentava uma palavra ao que ouvira no Rio.

— Os gaúchos vinham em massa abrindo veredas nas mattas bravas, arrastando a artilheria por montes escabrosos. Caminhavam dia e noite, sem fadiga: os forte impelliam os fracos e, onde percebiam rastro de tropas, entrincheiravam-se offerecendo batalha em campo franco ou dispersando os batalhões com os fogos salteados das escaramuças.

Já deviam estar perto de S. Paulo, e para a fronteira seguiam regimentos. Mas que podia fazer o soldado contra essa gente barbara, conhecedora dos terrenos, que arremettia ferozmente como os tigres, sabendo escapar quando batida, a ponto de atarantar os que a seguiam? No Rio dava-se como certa a victoria de Gumersindo. Amaro indignou-se:

— Isso não! Que direito tinha esse estrangeiro de metter-se comnosco? Isso não! E esmurrando a mesa, arregalando os olhos: Até eu tomo armas, padre! Palavra! esqueço tudo e apanho uma espingarda para ajudar a bater o gringo.

O padre ouvia espantado e, quando Amaro abrandou, disse serenamente:

— Perdão... mas é brasileiro, é rio-grandense. Até os jornaes dizem.

— Rio-grandense!? Onde é que ha no Rio Grande esse nome de Gumersindo?

— Isso não prova nada, o Berthet é mineiro e tem nome francez.

— Ora, o Berthet... Berthet não é Gumersindo, seu padre. Então você quer convencer-me de uma coisa que é... absurda... Se nem portuguez sabe.

O padre ficou um momento engrolando a ponta do cigarro, depois, cuspindo-a a um canto, disse-me prasenteiro:

— Olhe que a sua noiva é uma linda moça! Meus parabens.

D. Senhorinha, que ainda estava á mesa, fez um ar de espanto:

— O senhor é noivo?

— Sim, minha senhora. Sorrateiramente lancei os olhos a Lavinia: brincava com uma faca picando uma açucena e estava impassivel.

D. Senhorinha ficou a olhar-me sem uma palavra, mas Lavinia, levantando-se arrebatadamente, chamou-a:

— Vamos, mamãi?

— Vamos! E, empurrando a cadeira, ainda repetiu:

— Então é noivo, hein?

Só, com o padre, depois de ouvil-o sobre ma-

mãi e Annalia, não pude fugir a novas descripções de episodios da revolta e, apprehensivo, o bom velho, quando o deixei para recolher-me, sussurrou espalmando a mão:

— Elles vencem, o senhor ha de vêr... E o Gumersindo é brasileiro, disse-me quem sabe, quem o conhece muito, um senhor que andou com elle na escola.

XXXVI

Resplandeceu, por fim, o sol do meu ultimo dia triste. Domingo, havia missa na capella e a sineta vibrava alegremente como numa festa paschoal. Quando deixei o quarto, já apparelhado para essa viagem afortunada que devia restituir ao meu coração a calma consoladora, depois de tão duras e mestas provações, Amaro, que passeiava na corredor, recebeu-me com uma triste feição, sussurrando, com os olhos cheios dagua — que a filha estava soffrendo. Não dormira um só minuto, á noite, chorando, soluçando, desgraçada e abatida. D. Senhorinha lá estava com ella e o bom homem, numa expansão que lhe sahiu difficilmente do peito, disse-me: Que a pequena estava duma tristeza que fazia dó.

Guardei silencio e fômos caminhando para a capella que regorgitava de negros. O padre, já

prompto, arranjava as galhetas e sorriu, saudando-me.

Foi como um officio de finados essa missa dominical e, quando os negros cantaram o *Bemdicto*, invadiu-me a alma uma densa melancolia, prenuncio da saudade que eu havia de ter dessa terra amavel, dessa boa gente hospitaleira e fiel.

Ao almoço mal falamos — eramos tres apenas á mesa, porque D. Senhorinha não se arredava da cabeceira de Lavinia, que soffria. Amaro suspirava e o padre, fitando-me com os olhos cheios de uma santa ingenuidade, apenas dizia, de quando em quando:

— Até que emfim, hein? até que emfim!

Horas antes da minha sahida, quiz despedir-me dos negros e fui ao quadrado, deixando moedas em todas as senzalas, nos berços das crianças, nos catres dos enfermos, e atirei aos hombros do *Pai Quimbande* a capa com que atravessára as noites geladas da serra mineira. O negro nem levantou os olhos, regougando arrepanhou a capa e encolheu-se, contente, agasalhado.

Já os cavallos escarvavam a terra, á cancella do jardim, quando pedi a Amaro que prevenisse D. Senhorinha da minha partida para dizer-lhe adeus. A boa senhora appareceu-me desfigurada e triste. Quando me adiantei para falar-lhe, rom-

peu num pranto sentido, deixando-se cahir abandonadamente sobre uma cadeira e, como perguntasse por Lavinia, Amaro disse, para evitar, sem duvida, que nos vissemos:

— Está agora passando por um somno, coitada!

Abraçámo-nos e, ainda nos apertavamos commovidos, quando o padre appareceu com uma grande caixa offerecendo-m'a como uma lembrança dos *Tres Corregos*. Eram insectos, mostrou-m'os, todos espetados symetricamente em placas de pita, fazendo circulo em torno de uma grande aranha, felpuda e negra, que se esparrimava sobre as pernas. Nos cantos borboletas abriam azas fulgurantes.

Agradeci e o padre fez um embrulho cuidadoso, que entregou ao pagem. Lentamente caminhámos para o jardim. Ia alto o sol, o céu, de um purissimo azul, tinha transparencia e fulgor. Os campos verdes brilhavam.

Quasi todas as negras sahiram para vêr-me partir e, quando escarranchei-me na sella, houve um chalrar confuso de bençãos, adeuses, louvores. Amaro e o padre pediram-me que lhes escrevesse contando miudamente o espanto dos que me vissem vivo e forte, apezar dos terriveis boatos que ainda circulavam.

— Pois sim: quando fôr para o Rio. Creio, porém, que ainda demoro-me em Juiz de Fóra, com mamãi.

O pagem esporeou o cavallo e o meu animal arremetteu; tive apenas tempo de dizer ainda uma vez: que me recommendassem ás senhoras, porque já o cavallo galopava para seguir o sendeiro em que ia o pagem com a minha mala e a caixa de entomologia.

«Terras amaveis e fascinadoras, bem grato me seria poder cantar-vos a belleza e o viçor se os dotes de meu espirito não fôssem tão mesquinhos. Aguas rumorejantes, cerros de pendor verde e avelludado, mattas veneraveis, se eu vos não tivesse procurado com a alma tão lacerada de angustias, por certo que vos amaria com redobrado sentimento. Ainda assim não é sem pena que te deixo, exilio casto e recatado.» Assim pensando no meu coração, ia pelos caminhos estreitos, por entre cafesaes, ouvindo o gemer das rolas.

E toda a vida que vivi durante esses longos mezes de homisio passou-me pela memoria rapidamente, mas nitida. Uma só magua pungia-me acerbamente, como o remorso de um crime — Lavinia, e essa dorida exclamação de Amaro: — Coitada! Coitada, em verdade! Coitada! E eu sen-

tia. Não que a amasse, porque nunca o vulto meigo de Annalia consentiu em outro amor dentro do meu coração, mas era-lhe agradecido pela solicitude carinhosa do seu trato, por suas vigilias, e ainda pela paixão com que me sorria e falava, abrindo ingenuamente, em confissões de candura, a sua alma virgem onde só penetrara esse amor infeliz que a torturava como uma doença.

Tropas que vinham ao longe, com um crebro guizalhar de chocalhos, levaram do meu espirito esses tristonhos pensares, porque fiquei distrahido ouvindo o trovar campestre dos tropeiros que vinham tangendo as mulas carregadas. O pagem desferiu tambem, á maneira do campo, uns versos amollentados, e fômos com um grande sol até á estação onde o hoteleiro, que me recebera á vinda, acolheu-me sem mostras de reconhecer-me.

O pagem correu a buscar a correspondencia e, contente com a gratificação que lhe dei, atirou uma chibatada ao cavallo que me trouxera mettendo num galope folgado pelo estreito carreirinho por onde eu entrara, nessa tarde azul e melancolica da minha chegada, seguindo o garrulo «capitãosinho».

XXXVII

A alegria que experimentei ouvindo o silvo do expresso não a sei dizer, nem conheço palavras que a descrevam. Precipitei-me para a plataforma, e, logo que o comboio entrou bufando, immenso, esbaforido como numa grande canceira de rodar pelas serras e pelos valles, impaciente, sem mesmo deixar que parasse, agarrei-me ao ferro da plataforma de um wagon e saltei no estribo. Pouca gente. Atirei-me a um dos bancos e, accendendo um charuto, fiquei numa afflicção mal contida, discutindo commigo mesmo a grande demora do trem, demora que eu media pela minha anciedade. Por fim partimos.

Quando o conductor annunciou Juiz de Fóra, fiquei num estado de superexcitação difficil de dominar e sahi para a plataforma, como se assim me aproximasse mais da cidade onde mamãi esperava-

me com o seu grande amor e a sua saudade. E, apezar de ser rapida a marcha do expresso, que ia atravéz de uma nuvem densa de poeira, parecia-me ainda vagarosa. Mas appareceram casás, muros alvejando entre verdura de pomares, cabanas no declive das collinas e a sineta da machina entrou a badalar, á proporção que os freios, chiando, iam diminuindo a marcha do comboio.

Agarrado aos ferros da plataforma debruceime e, alongando os olhos, vi a estação, já perto, apinhada de gente, — e chegamos. Procurando mamãi na multidão, via apenas gente desconhecida, homens, senhoras que se apertavam, espiando curiosamente, devassando os wagons, commentando, rindo, mas de repente avistei-a e ella procurava como eu, seus olhos erravam afflictos de um carro a outro, acenei e ella ficou a olharme; subito, porém, reconhecendo-me, veiu apartando os grupos e, quando lhe abri os braços, rompeu a chorar e eu sentia-lhe o coração batendo com força no peito inundado de felicidade.

Olhavam-nos; tomei-lhe o braço e fui com ella vagarosamente, até que nos achámos, num momento, sós.

— Ah! meu filho! murmurou com as mãos postas, e os olhos em lagrimas. Mas o sorriso abriu-se-lhe no rosto. Para que deixaste crescer a

barba assim, meu filho? Eu não te reconheceria, palavra! Estás outro! E a sua alegria, como se não coubesse em palavras, expandia-se-lhe nos olhares divinamente meigos, amorosamente commovidos.

E fômos caminhando para o hotel, onde ella installára as suas malas e onde me fez a narração miuda e dolorosa da sua vida, desde a madrugada da minha fuga até áquella hora feliz do meu regresso ao seu seio. Só então tive conhecimento do cartão que dera em resultado toda essa serie de soffrimentos, fazendo que se extraviassem as cartas que me escreviam. Era um cartão da casa onde eu traçara, dias antes da minha precipitada fuga, nem sei com que intuito, o endereço da fazenda de Anthero Mendes, o qual, mais tarde, dizendo que eu nunca apparecera em suas terras, concorreu para que o boato da minha morte ganhasse fóros inilludiveis de verdade.

Mas depressa esquecemos esse facto para nos entregarmos, de todo, á ventura das nossas almas. Falamos de Annalia e de todos, até do Celestino que lá ficára, ao que diziam, enterrado na areia da praia. E, na manhan seguinte, como para rehavêr-me na minha feição antiga, mamãi exigiu que eu deitasse abaixo a barba que me dava á physionomia a austeridade taciturna dum monge.

Já agora vale a pena empregar alguns minutos no remate destas paginas, que vão começando a amarellecer como as folhas no outono.

E' domingo, um domingo amavel de Julho, fresco apezar do sol que fulgura, colorindo as minhas rosas e pondo em sobresalto jocundo os meus canarios. Annalia é minha, já usa, com orgulho, o meu appellido e vela pela nitidez dos meus collarinhos.

Foi na vespera de S. João que, diante da Lei e da Religião, juramo-nos fidelidade eterna.

E eis-me aqui installado, á sombra veneravel das arvores de Luiz Farinha, neste socegado recanto da Gavea onde não chega o bulicio da vida que por lá se estorce, nessa cidade tumultuosa e visionaria.

Estamos em plena lua de mel e minha sogra augura-me uma vida tranquilla pelos meus dias além e, bem merece que o cerquem de solicitos cuidados quem vem, como Ulysses, de uma tão longa peregrinação á qual não faltou Calypso que lá se ficou inconsolavel dizendo o meu nome ás velhas arvores das mattas dos *Tres Corregos*.

Pobre Lavinia! Amaro, na ultima carta que me escreveu, conta-me que, uma noite, em delirio de febre, ella poz-se a chamar por mim desespe-

radamente. Mas... que havia eu de fazer? A lei não permitte que um homem use, no mesmo dedo, duas allianças. Outro ha de apagar-lhe do coração a lembrança que lá deixei.

Do que houve á minha chegada, que foi em fins de Março, quando já não andavam os esbirros farejando casas, nada merece o registo nestas paginas: acharam-me gordo e queimado dos sóes. Na rua do Ouvidor mostravam-me a dedo, chamavam-me *O morto*, isso ouvi, mais de uma vez, nos cafés e nos bonds, e Braz Taveira, quando me viu, fez uma cara de espanto perguntando se eu não vinha do outro mundo e quiz, como S. Thomé, tocar a cicatriz do meu peito.

Julião, no almoço que Luiz Farinha offereceu, sob o toldo versudo do seu caramanchel, recitou uns versos heroicos e fogosos que tinham por titulo o *Redivivo* e um jornal noticiou, com pilheria, que se achava na terra «um dos fuzilados de Sepetiba.»

Foi tudo quando houve commigo, porque, tres dias depois do meu reapparecimento, já me tratavam singelamente como se eu tivesse apenas voltado de uma excursão estomacal ás aguas ou de uma caçada ás codornas nos campos geraes.

E, como eu, outros finados quebravam as pesadas lages dos tumulos e surgiam: uns pedindo

reintegração, outros, mais felizes, voltando ás suas carteiras, recolhendo os juros das apolices, vascolejando as casas franjadas de teias de aranhas.

O proprio Forjaz, autor de toda a minha desgraça, appareceu-me um dia, queixando-se. Quando o vi livido, magro, estive para saltar-lhe á gorja, mas dominei-me e abracei-o. Elle pediu-me informações minuciosas e contou-me que o haviam encerrado num carcere donde, todas as manhans, retiravam companheiros para o fuzilamento. De cento e tantos só elle sahira vivo e inclinou-se para segredar-me alguma coisa sobre federalistas, mas recuei seccamente, sem ouvil-o... e passamos a outros assumptos. Mary tinha partido para Buenos Ayres espoliada pelo Vargas e outros factos, muitos, vieram e correram por entre espantos e risos, mas quando o Forjaz falou-me em voltar para o escriptorio, enchi-me de animo e disse-lhe que o lugar estava sendo servido por um protegido de Luiz Farinha, livrando-me assim desse homem terrivel que até escrevia os seus sonhos revolucionarios, compromettendo uma firma e fazendo com que um indifferente, como eu, que nem sequer se preoccupa com eleições, andasse a esconder a vida entre serras.

Só não me appareceu o Celestino. Veiu ter

commigo, no escriptorio, a pobre mãi desolada pedindo-me um auxilio para poder voltar á sua terra onde queria morrer junto do berço em que creara o filho, olhando os caminhos onde elle brincara. E como eu lhe dissesse que seria bom dirigir uma petição ao governo para que, ao menos, elle acudisse com alguma coisa, a velha mirou-me espantada: «Eu, meu senhor?! Não! O pão que eu comprasse com esse dinheiro não me desceria a garganta. Havia de parecer-me sempre que era amassado com o sangue de meu filho. Isso não! Isso não! Antes a fome!» E rompeu a chorar amarguradamente.

A Paz! Bemdita seja! A vida recomeça docemente nos campos e nas cidades. Vão pelos ares em fóra as nuvens de fumo da artilheria e o sol fulgura em pleno céu sereno. As aves, que emigraram espavoridas com o troar dos canhões, regressam cantando, já as folhas sussurram com o recolher dos passaros que se aninham.

O semeador vai pelas campinas alegres aproveitando o sulco dos armões para deixar nelles o germen de novas plantas, as mãis trazem os olhos enxutos e já não se estorcem os corações apavorados no cahir das noites tragicas.

A Paz! Bemdita seja! E, para terminar, duas

palavras mais que são a synthese de tudo quanto fica nestas paginas amarellecidas: «Na guerra o peior inimigo é o boato. Fugi delle mais depressa do que duma hoste aguerrida e má. Um visionario é capaz de arrancar o mundo dos seus eixos...» Felizmente sobra-me experiencia, tenho provação bastante e um seguro de vida para depois da minha morte porque, infelizmente, está escripto que hei de morrer devéras, mais hoje, mais amanhan, talvez num dia azul e fresco como o de hoje.

E' bem possivel que ainda me alargasse em considerações mais vastas se Annalia me não viesse buscar para o almoço. E termino para não cahir em recordações melancolicas. Vou ao regalo da mesa que Luiz Farinha abastece com gosto e fartura. Talvez mais tarde accrescente alguma coisa a este escripto. Por emquanto pingo aqui o ponto final para que não esfrie a costelleta nem fique coalhado o molho.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9697
C42M76
1912
c.1
ROBA

LUIZ MURAT

Ondas, 1 vol. br. . . . . 1$000

OSCAR LOPES

Tres conferencias . . . . . 1 vol.

THOMAZ LOPES

Paisagens de Hespanha, 1 vol. br. . . 800

PINTO DA ROCHA

Talitha, 1 vol. br. 600

CARMEN DOLORES

Ao Esvoaçar da ideia, 1 vol. br. . . 600
Alma complexa . . . . . 1 vol.

GARCIA REDONDO

Salada de Fructas, 1 vol. br. 500, enc. 700
Atravez da Europa, 1 vol. br. 600, enc. 800
Conferencias — Mulher-Manias e Cacoetas — intelligencia dos animaes . 400
Cara Alegre . . . . . 1 vol.

LEOPOLDO DE FREITAS

Politicos e litteratos. . . . . 1 vol.

MANOEL ARÃO

Transfiguração (romance), 1 vol. broch. 1$000, enc. . . . . 1$250

ALMACHIO DINIZ

Escarpa, 1 vol. br. 400
Zoilos e Esthetas, 1 vol. br. 400

VEIGA DE MIRANDA

Passaros que fogem... (contos), 1 v. br. 500

ARARIPE JUNIOR

Ibsen, 1 vol. br. 600

MATHEUS D'ALBUQUERQUE

Visionario, 1 vol. br. 500

Envia-se gratis o CATALOGO GERAL a quem o requisitar